BONO HEWSON U2 EM SUPERENTREVISTA!

EDITORA Abril

Nº 9
ABRIL 1985
Cz$ 20,00

BIZZ

BOWIE
NO FILME DA DÉCADA

PAUL McCARTNEY
PEDE PERDÃO

A VOLTA DO
VAN HALEN

POSTER

SMITHS

PAULO RICARDO
CARA A CARA COM
RENATO RUSSO

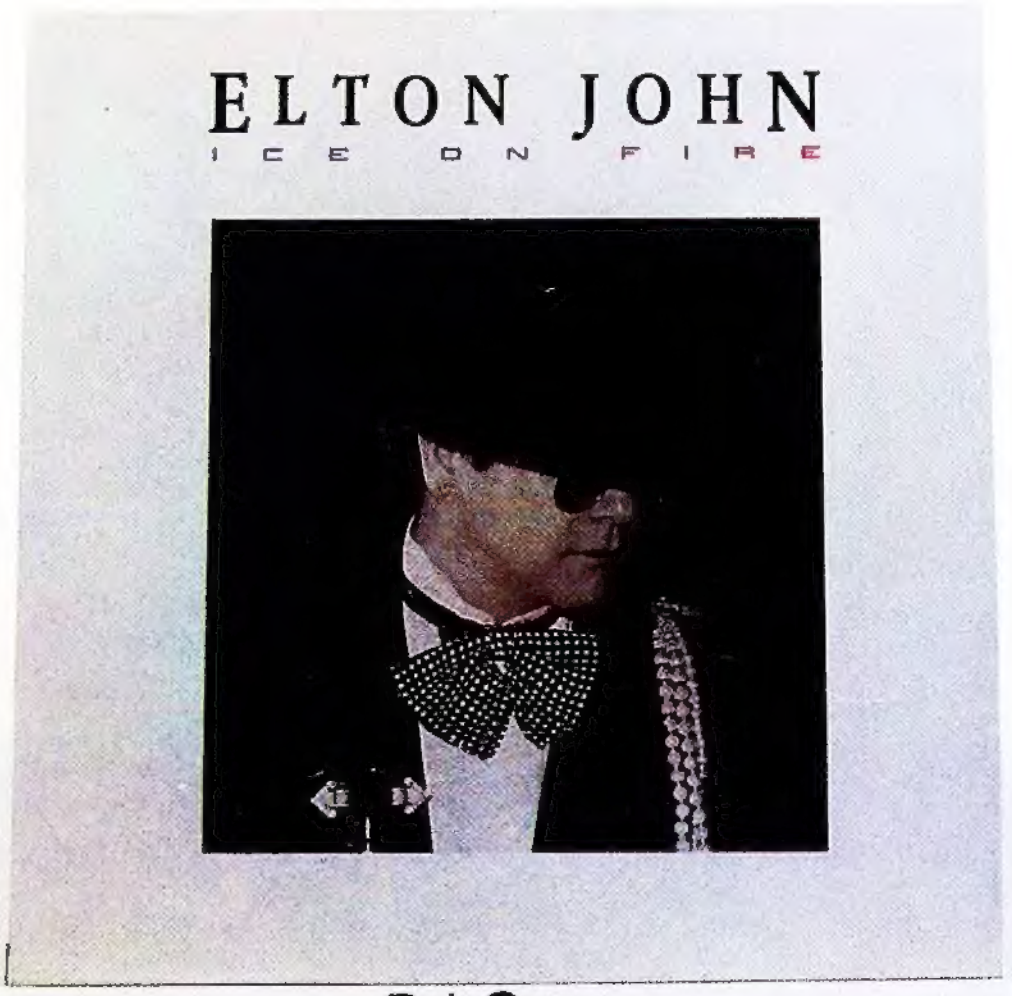
+
SIMPLE MINDS
THE CURE
ECHO
PREFAB SPROUT
ELTON JOHN
IRA!

Altamira, Boa Vista, Macapá, Manaus, Rio Branco, Santarém (via aérea) Cz$ 26,00 — 5561

ELTON JOHN

ICE ON FIRE

ICE ON FIRE É O NOVO LP DE ELTON JOHN.
AQUI ESTÃO NIKITA, CRY TO HEAVEN,
SOUL GLOVE, THIS TOWN,
TOO YOUNG, WRAP HER UP,
TELL ME WHAT THE PAPERS SAY,
SATELLITE, CANDY BY THE POUND
E SHOOT DOWN THE MOON.



PolyGram

PolyGram do Brasil Ltda.

ABRIL 86

BIZZ

Rock & Quadrinhos Scans

Com Sammy Haggar (agachado), o Van Halen ganhou, junto com o vocal, um guitarrista

Não satisfeito em figurar como um dos músicos mais importantes do rock em todos os tempos, **David Bowie** parte para seu sétimo filme e sua provável consagração como grande astro. O roteiro é baseado no livro *Absolute Beginners*, de Colin Macíness. Bowie contracena com **Sade** e é dirigido por **Julian Temple.** Num papo exclusivo, em Londres, com **Pepe Escobar,** o diretor fala do filme e de seus planos.

Fracasso no cinema (em *Give My Regards to Broad Street*), mas alçado à imortalidade com os Beatles, **Paul McCartney** fala com exclusividade, desfazendo mal-entendidos criados por suas declarações contra seu ex-colega **John Lennon.**

Também firmes lá fora, mas aparecendo aqui apenas com seu oitavo LP, os **Simple Minds** têm sua história destrinchada por **Alex Antunes.** E outra banda antiga, o **Van Halen,** vira notícia pela saída do líder/estrela **Dave Lee Roth** e sua substituição por **Sammy Hagar,** como relata nosso homem-pauleira **Leopoldo Rey.**

Ainda nesta edição, os dois cantores mais festejados do novo rock brasileiro, **Paulo Ricardo** (RPM) e **Renato Russo** (Legião Urbana), trocam altas figurinhas, num depoimento colhido por **Tom Leão.** Em *Meu Instrumento,* você vai saber como **Edgard Scandurra,** do IRA!, tornou-se o guitarrista mais celebrado do país. Em **Ao Vivo,** o incansável Pepe Escobar flagrou **Echo and the Bunnymen, Prefab Sprout** e **Style Council.**

O entrevistão desta **BIZZ** ficou com **Bono Hewson,** o superirlandês vocalista do **U2,** que fala sobre política, show biz e o medo que tinha de **não** saber cantar (!). Como contrapartida à sua performance agressiva, publicamos a parte final da reportagem sobre os rumos dos membros do **Duran Duran.** Finalmente, conheça nos **Porões, The Men They Couldn't Hang, Propaganda, Nau** e **Kali.**

José Eduardo Mendonça
chefe de redação

ESTE MÊS

24 Paulo Ricardo x Renato Russo
O confronto entre dois grandes letristas > *Tom Leão*

28 Paul McCartney
Um ex-Beatle quer limpar sua ficha

30 Duran Duran
A segunda parte da história da banda

46 Van Halen
A banda está de volta com novo vocal > *Leopoldo Rey*

48 Simple Minds
O grupo escocês que esta conquistando o mundo > *Alex Antunes*

TODO MÊS

6 Show Bizz
Notas, notícias e boatos

12 Paradas
Cash Box, Melody Maker, Billboard, New Musical Express e Parada do Leitor

16 Lançamentos
Discos quentinhos da boca do forno

22 Vídeo Bizz
Uma garimpada no acervo dos videoclubes

35 Entrevista
Bono Hewson, do U2, fala sobre a trajetória do grupo

44 Heavy Metal
Um noticiário especial para o mundo da pauleira

50 Ao Vivo
Echo & the Bunnymen, Style Council e *Prefab Sprout*

52 Visual Cinema
Absolute Beginners, o musical dos anos 80

58 Visual Clip
"Nikita", o romance soviético de *Elton John*

60 Porão
Propaganda, The Men They Couldn't Hang, Kali e *Nau*

62 Letras
The Cure, "Killing an Arab"

64 Meu Instrumento
Edgard Scandurra, a guitarra do Ira!

66 Cartas e Serviços

68 Bits Bizz

70 Air Mail
Pepe Escobar passeia pelo globo terrestre

72 Discoteca Básica
As obras-primas. *We're Only in it for the Money,* de *Frank Zappa*

74 Opinião
Na tribuna, a empresária do *Akira S*

Fotos capa Gamma/Sigla, Vincent/Stills e Cláudia Dantas

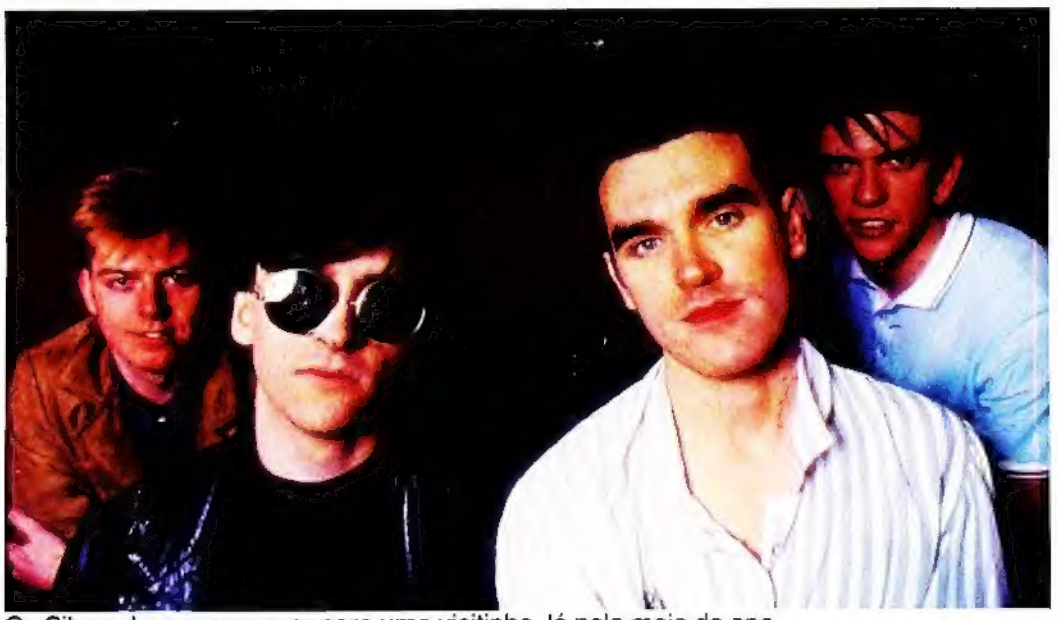
Denison

Hering
Uma dose de cor, doses de
sensualidade.
A saída natural para combater
as loucuras de verão.
Camiseta Hering, pura ou bem
acompanhada: o refresco da
estação.
VISTA ESTE CLIMA.

CAMISETA HERING. REFRESCO DE VERÃO.

SMITHS NO BRASIL

Foto Vincan/ Stills



Os Silvas devem aparecer para uma visitinha, lá pelo meio do ano

Em junho ou julho, mais especificamente. Assim que encerrarem sua turnê pelo Primeiro Mundo, desembarcam no Brasil para shows no Rio e em São Paulo. Quem garante é **André Midani,** o boss da WEA. Nada mal *mesmo*.

LEONI FORA DO KID ABELHA

Foto Claudia Dantas

Leoni: voaram abóboras para todos os lados

Os Abóboras assumiram sua selvageria nos bastidores do festival promovido pela Rádio Cidade no fim de semana 22-23 de fevereiro. A briga foi feia e envolveu, além do grupo, **Léo Jaime** (que convidou o **Kid Abelha** *menos* o descontente baixista **Leoni** para cantarem com ele "Fórmula do Amor") e **Herbert Vianna,** preocupado com a saúde de sua querida **Paula Toller,** já que a briga culminou entre ela e o baixista. Não houve, porém, nem mortos nem feridos. O Kid Abelha tem agora como baixista **Cláudia Niemeyer** (ex-Rita Lee, Blitz e Gang 90), enquanto Leoni — diga-se de passagem, o principal compositor do grupo — monta uma nova banda.

A MORTE DO MIXTO

Decididamente, o que pinta de novo e/ou quente *não* pinta na "tela da gente" — apenas passa de raspão. Estamos falando, é claro, da ilustre **Rede Globo,** que acaba de receber o diagnóstico de total incompatibilidade de gênios com o rock'n'roll. Primeiro foi a sensacional cobertura do Live Aid, no ano passado — limitaram-se a exibir um compacto, de critérios duvidosos, com as músicas escritas no inglês mais canhestro (um exemplo: "Modern Love" de **David Bowie** foi dada como "More Than Love"). Agora é a vez do **Mixto Quente.** O programa tinha uma proposta excelente: ressuscitar a música ao vivo, acabando com mímicas e dublagens comuns ao esquemão do "programa de auditório". Não durou nem dois meses, porque só (?!) estava dando 30 pontinhos no Ibope. BIZZ diz: "Pau neles, Senhor, que eles não sabem o que fazem!"

UM MUSEU PARA BOB MARLEY

Foto Paul Cox/ LFI

Marley: o príncipe do *reggae* perpetuado

No dia 11 de maio completa-se o quinto aniversário da morte de **Bob Marley.** Pois nesse mesmo dia, em Kingston (capital da Jamaica), será inaugurado um museu dedicado à sua memória com roupas e instrumentos seus, farta documentação e *todas as* suas gravações inéditas. Marley esteve no Brasil um ano antes de sua morte e quem tiver alguma lembrança ou material de fã-clube, o museu está pedindo doações ao mundo inteiro. O endereço é 56 Hope Road (antiga casa de Marley e sede de seu selo de gravação, o Tuff Gong).

NELSON CAVAQUINHO (1911-1986)

A boemia carioca de luto: morreu mestre Nelson

A já lendária boemia do samba-canção carioca perde uma de suas figuras mais importantes com a morte do grande violonista e compositor Nelson Cavaquinho, na madrugada do dia 18 de fevereiro, vítima de um enfisema pulmonar.

Como cantor tinha pouco alcance vocal, o que não o impedia de sublinhar a melancolia de obras-primas como "A Flor e o Espinho" e "Folhas Secas". Um refinamento expresso também na escolha de parceiros como Cartola e Guilherme de Brito (autor do lapidar verso: "Tire o seu sorriso do caminho/ Que eu quero passar com a minha dor").

Enquanto isso, nas FMs do país da alegria brejeira...

Foto Abril

OUÇA ESSA

"Yoko Ono era mais feia que Ringo e cantava como um hamster sendo torturado" ***Julie Burchill***

FIM DE LINHA PARA O METRÔ

Foto Jorge Rosenberg Abril

Virginie perdeu o trem

"O tesão do casamento acabou." Assim, Alec, guitarrista do grupo paulista Metrô, explica a desintegração da banda. Virginie, vocal, sai em carreira solo e Alec, Zaviê, Danny e Yann partem para um novo trabalho, estimulados pelas recentes visitas à Jamaica e Nova York.

BRUCE NA CABEÇA (QUASE)

Foto Gamma/ Sigla

Bruce entre os quatro mais vendidos da década

Culminando sua tomada do planeta em 85, **Bruce Springsteen** pode agora se vangloriar de estar na lista dos LPs mais vendidos dos últimos dez anos. O campeão absoluto continua, claro, o sr. **Michael Jackson,** com 20 milhões de cópias vendidas do LP *Thriller*. Em segundo e terceiro, respectivamente, vêm *Rumours* do **Fleetwood Mac** (12 milhões) e a trilha sonora de *Embalos de Sábado à Noite* (11 milhões). Em quarto lugar, com 10 milhões de cópias vendidas, é que aparece o *Born in the USA*, do popular "Chefão".

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

Parece que o rock brasileiro vai emplacar em 86. Exemplo disso são as gravadoras investindo nos velhos e novos e os independentes botando a baiana para rodar nas babas das grandes.

A WEA sai com o terceiro LP dos **Titãs,** que promete arrasar em 86. E entra com **Ira!** em estúdio para o segundo LP, fora o mix para rádios. Outra preciosa novidade é o álbum duplo de **João Gilberto** no Festival de Montreaux, ao vivo e digital, para inglês new-bossa ver como se faz. Fora isso, o investimento nos velhos-novos. O grupo **Inocentes** — o maior representante do punk-rock brasileiro dos idos 82 — entra em estúdio para um LP só deles.

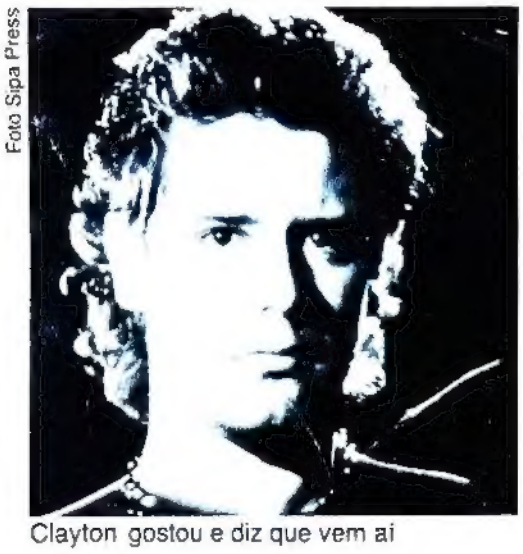
A Odeon coloca **Beto Guedes** em estúdio, que promete um LP com composições novíssimas. E o **Legião Urbana,** que sai com seu segundo LP em maio. Além disso, o **Premeditando o Breque,** que entrou em março em estúdio para lançar o segundo LP pela Odeon.

A Polygram está com **Arrigo Barnabé** em estúdio desde fevereiro e a novidade é o lançamento de uma nova cantora, chamada Ana Amélia. O LP sai em maio.

Finalmente, o independente Baratos Afins não dorme. Entrou com **Smack** em março nos estúdios para o segundo LP.

O U2 AGRADECE

Foto Sipa Press



Clayton gostou e diz que vem aí

"Acho que temos de ir ao Brasil, quando é o próximo Rock in Rio?" foi a resposta do baixista do U2, **Adam Clayton,** ao atender um telefonema de BIZZ para anunciar que seu grupo havia faturado *melhor grupo, melhor música* e *melhor vocalista* na eleição dos leitores (vocês mesmos). Adam declarou-se ainda "muito feliz" e fez questão de agradecer a "todos que votaram em nós". O papo completo por telefone durou meia hora e sai sem cortes na próxima BIZZ. Enquanto isso, vocês terão de contentar-se com o Bono na pág. 35.

Foto Gamma/ Sigla

Phil Collins abiscoitou três prêmios

GRAMMY 86

Dia 26 de fevereiro de 1986 foi dia de prêmios em terras americanas. Era a 29.ª realização do Grammy, o "Oscar da Música", ocorrida no Shrine Auditorium de Los Angeles. E o grande vencedor foi "We Are the World", de autoria de **Lionel Richie** e **Michael Jackson,** que abocanhou quatro prêmios: melhor canção do ano, melhor disco, melhor apresentação de grupo de música pop e melhor vídeo de curta duração.

Phil Collins levou três: melhor cantor, melhor produtor — este dividido com **Hugh Padgham** — e melhor álbum pelo seu *No Jacket Required*. Os **Dire Straits** ficaram com o de melhor apresentação de grupo de rock pela música "Money for Nothing" e o de melhor qualidade de som pelo LP *Brothers in Arms*.

A revelação do ano foi **Sade Adu** e a melhor cantora de rock, **Tina Turner,** enquanto **Don Henley** levava o de melhor vocalista masculino de rock. **Aretha Franklin** ficou com o Grammy de melhor vocalista de blues e **Stevie Wonder** com o de vocal masculino na mesma categoria. No jazz, **Wynton Marsalis** levou o prêmio de melhor solista instrumental com *Black Codes from the Underground*.

Foto London Features

Sade Adu: de caso com o samba de Bosco?

PELÉ SUBSTITUI MADONNA

Misto de feira e festival promovido anualmente pela indústria fonográfica mundial, o Midem também oferece seus trofeuzinhos. Bem, este ano a moçoila agraciada com o título de "melhor performer feminina" foi dona **Madonna**, que não apareceu em Cannes (sul da França, onde é realizado o Midem) para apanhar o prêmio. Por isso, a Warner mandou um de seus principais executivos representá-la na cerimônia, ninguém menos que aquele que entrou para a História do Futebol com a alcunha de **Pelé**.

Foto Ronaldo Kotscho / Abril

Pelé foi buscar o prêmio de "melhor performer feminina"

BOATO QUENTE

Quem conta é Silvano Michelino, nosso homem no Velho Mundo. Um passarinho teria cochichado no seu ouvido que devemos esperar, para breve, uma colaboração intercontinental entre o venerável sambista João Bosco e a deleitável *chanteuse* Sade Adu.

ROCK DANÇA NA USP-FM

A **Rádio USP-FM,** que vinha sendo uma das poucas alternativas inteligentes para o público de rádio de São Paulo, teve vários de seus programas suspensos por ordem do novo diretor da rádio, o radialista e professor universitário **Mário Fanucchi.**

Entre os que dançaram ou estão temporariamente suspensos, estavam vários programas dedicados ao melhor rock, além de outros de cunho experimental.

Ao que tudo indica, as principais causas deste "expurgo radiofônico" são, como de hábito, "razões políticas".

Uma pena, já que, bem ou mal, o papel da Universidade deveria ser o de um "laboratório da sociedade" que abrisse seus canais de expressão para a pesquisa de idéias e linguagens.

BRASILIA CALLING

Marielle, aquela loirinha que cantava na **Escola de Escândalo,** foi convidada a sair do grupo. Mas logo em seguida foi chamada para cantar no **Arte no Escuro,** cujo vocalista **Lui** (fundador do **Black Future** e dono do passo dos **Paralamas**) voltou a morar no Rio de Janeiro.

Outra banda brasiliense em evidência é o **Finis Africae** que, com novo vocalista **(Eduardo),** está lançando seu mini-LP pelo selo independente Selo do Disco.

OUÇA ESSA II

"Eu adoro minhas espinhas. Eu costumava passar manteiga nelas, para ficarem mais horríveis ainda"

John Lydon

Foto Rui Mendes

Rita: banda nova

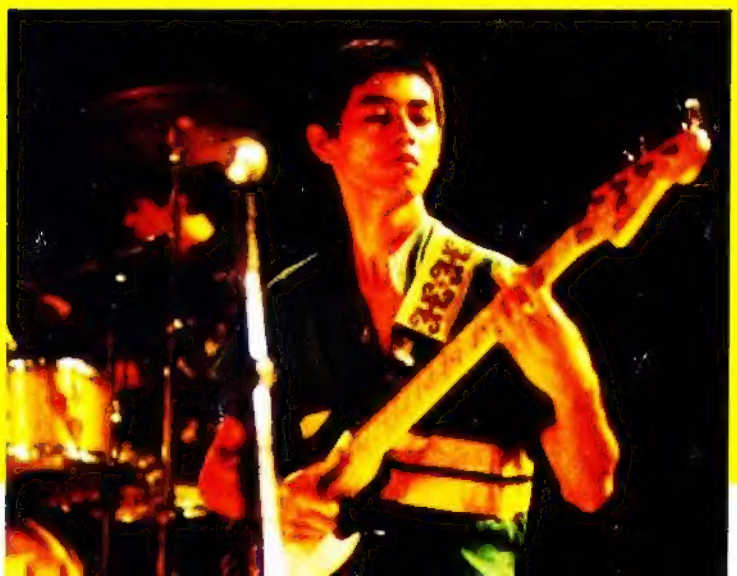
RITA LEE CONTRA-ATACA

Além de seu sonhado programa de rádio, chamado Rádio Amador — no ar pela 89 FM de São Paulo —, Rita Lee se arma para a turnê de 86, que deverá iniciar em maio.

O show será uma revista musical, com direção de Antônio Bivar e um vasto guarda-roupa, acompanhado, ainda, de sapateado e os treinos de musculação de Rita. Outra novidade é a nova banda. Ela chamou Lucinha Turnbull de volta (vocal e guitarra base), Otavinho Fialho (baixo), Oswaldo, do Premê (baixo/teclados/vocal), Marinho (batera), Serginho Dias (guitarra solo) e, obviamente, o Roberto Carvalho (teclados). O primeiro show está previsto para São Paulo.

NÃO SÃO PAULO: SUCESSO NO SESC

Foto Rui Mendes



Com a intenção de reunir as novas bandas da capital bandeirante, o Sesc abriu seu teatro nos dias 21-23 de fevereiro para o projeto *Não São Paulo* (pouco a ver, portanto, com o LP do mesmo nome). Seja como for, o projeto foi um sucesso, deixando um montão de gente na porta, com o auditório já lotado. O destaque foi uma bombástica apresentação de **Akira S** e suas **Garotas que Erraram**, acrescidos dos Voluntários da Pátria **Miguel Barella** e **Giuseppe Fripp.** A cobertura completa está no *Ao Vivo* da BIZZ que vem.

Akira, Garotas & Voluntários mandaram bala

FESTA DE ARROMBA

A turma dos Paralamas do Sucesso mais o D.J. Maurício Valladares transaram a festa mais quente do final do verão carioca, a 2.ª Noite Funk'n'Reggae, dia 19 de fevereiro na danceteria Mistura Fina da Barra. Reggaes da melhor qualidade, funks de arrebentar o assoalho, muito ska, vídeos dos Sunsplash'85 e do Black Uhuru e até uma *session* psicodélica com Hendrix e sua guitarra. Presentes, além do espião de BIZZ, Tom Leão, figuras de todas as áreas culturais e de todas as tribos — de darks e punks a verdadeiros rastafaris.

O rock errou

Lobão

UM LANÇAMENTO
EM
LP & K7

RCA

KIKO EM METAMORFOSE

Devidamente entediado com o esquemão gravadora/rádio/TV, *Kico Zambianchi* parte para um trabalho que diz ser diferente de tudo o que já fez. Mudará toda a banda, trabalhará com o country e canções, inspirado em grupos como *The The*, *The Church* e *Lloyd Cole*. Vamos esperar para ver.

Foto Ângelo Pastorello

Dylan: rock em retalhos, ao vivo e em casa

DYLAN PIRATEADO

Os fãs brasileiros de **Bob Dylan** podem começar a arrancar os cabelos. Acaba de sair nos Estados Unidos *Zimmerman: Ten of Swords*, um marco na história da pirataria. Trata-se de uma caixa contendo *dez* LPs com gravações feitas entre 61 e 66 e de todos os tipos: sobras de estúdio, músicas ao vivo e até material gravado na sala de estar do menestrel. O piratão está custando em torno de 100 dólares nas mais escusas casas do ramo e deve estar competindo bem com *Biograph*, a oficial e recém-lançada retrospectiva de Dylan, que inclui *apenas* cinco LPs com as velhas gravações agora digitalizadas para a posteridade.

AGENDA

RPM Sairá em excursão nacional, com um avião fretado especialmente para o grupo.

Ultraje a Rigor De férias em Nova York, comprando instrumentos e passeando...

U2 Bono Vox montou um estúdio e lançou seu selo independente Mother. Tudo pelos novos grupos irlandeses.

TEARS FOR FEARS VENDEM LIVROS

O psicólogo **Arthur Janov** a princípio estranhou a repentina enxurrada de cheques de direitos autorais pelas vendas de seus livros, até então pouco procurados. Depois é que explicaram para ele que o sucesso deveria vir da ascensão do **Tears for Fears** — confessos adeptos de sua terapia do Grito Primal — na América do Norte e outros cantos do planeta. Resultado: o sr. Janov até pegou um avião para a Inglaterra, em visita a seus excelentes garotos-propaganda.

O engraçado é que nada disso aconteceu quando **John Lennon**, no início dos anos 70, aderiu ao Grito, fazendo o maior alarde da "terapia revolucionária" (da qual a música "Mother" seria fruto direto).

Foto cortesia Polygram

Smith & Orzabal, enriquecendo Janov

ATESTADO DE ÓBITO

Atenção, batalhão "uêive" pós-tropicalista neo-neandertal! Agora é oficial! *Abolição em estilo — o Adeus da New Wave* foi o título que recebeu a Semana de Moda Britânica de 86, no instituto de artes londrino ICA (18 a 22 de março). Que descanse em paz aquele termo que em 1978 queria dizer "nova onda" e em 1980 "gravatinha fina".

FINAL FELIZ

Em meio a todas as comemorações e matérias de capa referentes aos "10 Anos de Punk" — o tempo passa, torcida brasileira —, **John Lydon** tinha um motivo mais palpável para festejar. Finalmente chegou ao fim o processo movido por ele contra o empresário dos Pistols, **Malcom McLaren**, por este possuir direitos autorais sobre sua alcunha, **Johnny Rotten**, e também sobre o disco da trilha sonora do filme *The Great Rock'n'roll Swindle*. O velho Johnny foi visto gritando, na saída do tribunal: "Que delícia! Um milhão de libras e é só meu".

Como se não bastasse, o novo LP do **PIL** (o grupo pós-Pistols de Johnny) está de lascar. Chama-se *Album*, traz arrasadoras participações de **Bill Laswell**, **L. Shankar**, **Ryuichi Sakamoto** e **Ginger Baker** (lendário baterista do Cream que foi encontrado cultivando azeitona no norte da Itália).

Foto LFI

Lydon: pau no pilantra McLaren e um LP novo

ELVIS NÃO É MAIS AQUELE

Naquela controvertida lista que os críticos ingleses fizeram para os "100 melhores LPs de todos os tempos", o cantor/compositor Elvis Costello emplacou *cinco* de seus discos — um a mais, portanto, que os campeões Bob Dylan, Beatles e David Bowie. Mas, numa entrevista à revista *Musician*, o rapaz declarou que não mais que um quarto de suas obras completas "se salvam". Autocrítica é isso aí. A notícia que nós íamos dar, porém — surgida na mesma entrevista —, é que ele não usará mais a alcunha de Elvis Costello, retornando a seu nome original: Declan McManus. Para suavizar a transição e aplacar a ira da gravadora, o próximo LP leva o crédito de The Costello Show.

Foto Stiff Records

Quem, Elvis Costello, eu?!

ARTE LUA

SURVIVORS

COBRA - Indústria e Comércio de Calçados e
Artigos Esportivos Ltda.
Av. Dr. Timóteo Penteado, 937
Guarulhos - SP - Tels: (011) 209-8018 e 209-3366

PARADA BIZZ

CONVENÇÕES
( ) o número entre parênteses indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

LEITOR! SUA PARTICIPAÇÃO É IMPORTANTE PARA A PARADA BIZZ

Escreva para a BIZZ
Caixa Postal 2372 [illegible]
[illegible]

Billboard (EUA) 15.02.86 Compactos

1	(5)	"How Will I Know" — **Whitney Houston** (Arista)	
2	(4)	When the Going Gets Tough *(Jewel of the Nile* Theme)" — **Billy Ocean** (Arista)	
3	(2)	"Burning Heart" — **Survivor** (Scotti Bros/ Epic)	
4	(6)	"Kyrie" — **Mr. Mister** (RCA)	
5	(1)	"That's What Friends Are For" — **Dionne & Friends** (Arista)	
6	(3)	"I'm Your Man" — **Wham!** (Columbia)	
7	(9)	"Living in America" — **James Brown** (Scotti Bross/ Epic)	
8	(12)	"The Sweetest Taboo" — **Sade** (Portrait/ Epic)	
9	(15)	"Sara" — **Starship** (Grunt/ RCA)	
10	(10)	"Conga" — **Miami Sound Machine** (Epic)	

Cash Box (EUA) 08.02.86 LPs

1	(1)	*The Broadway Album* — **Barbra Streisand** (CBS)	
2	(2)	*Promise* — **Sade** (CBS)	
3	(3)	*Miami Vice* — **Trilha do seriado de TV** (MCA)	
4	(4)	*Brothers in Arms* — **Dire Straits** (WEA)	
5	(7)	*Welcome to the Real World* — **Mr. Mister** (RCA)	
6	(5)	*Afterburner* — **ZZ Top** (MCA)	
7	(6)	*Heart* — **Heart** (Capitol)	
8	(8)	*Scarecrow* — **John Cougar Mellencamp** (Pol)	
9	(14)	*Whitney Houston* — **Whitney Houston** (RCA)	
10	(11)	*Knee Deep in the Hoopla* — **Starship** (RCA)	

New Musical Express (GB) 01.02.86 LPs Ind

1	(1)	*Back in the DHSS* — **Half Man Half Biscuit** (Pro Plus)	
2	(2)	*Frankenchrist* — **Dead Kennedys** (Alternative Tentacles)	
3	(4)	*Nail* — **Scraping Foetus Off The Wheel** (Self Immolation)	
4	(3)	*Spleen and Ideal* — **Dead Can Dance** (4AD)	
5	(N)	*The Old and the New* — **A Certain Ratio** (Factory)	
6	(7)	*Singles'81-'85* — **Depeche Mode** (Mute)	
7	(8)	*Old Rottenhat* — **Robert Wyatt** (Rough Trade)	
8	(N)	*Worlds Apart* — **Subhumans** (Bluurg)	
9	(6)	*The Clock Comes Down the Stairs* — **Microdisney** (Rough Trade)	
10	(13)	*From Lubbock to Clintwood East* — **Terry & Gerry** (In Tape)	

Melody Maker (GB) 25.01.86 LPs

1	(1)	*Brothers in Arms* — **Dire Straits** (Vertigo)	
2	(13)	*Hunting High and Low* — **A-Ha** (Warner Bross)	
3	(8)	*Island Life* — **Grace Jones** (Island)	
4	(6)	*World Machine* — **Level 42** (Polydor)	
5	(4)	*Like a Virgin* — **Madonna** (Sire)	
6	(3)	*Promise* — **Sade** (Epic)	
7	(16)	*The Dream of the Blue Turtles* — **Sting** (A&M)	
8	(5)	*Whitney Houston* — **Whitney Houston** (Arista)	
9	(2)	*Now That's What I Call Music 6* — **Vários** (Virgin EMI)	
0	(11)	*The Singles Album* — **Spandau Ballet** (Reformation)	

VENDEM-SE ORQUESTRAS

A linha Toccata de órgãos eletrônicos portáteis, da Giannini, é composta de 4 modelos: Toccata S, R, RB, RA. Eles possuem 49 notas no manual, ou seja, 4 oitavas completas que eliminam a limitação de interpretação de músicas mais elaboradas, uma vez que a maioria dos teclados possui apenas 44 notas. A linha Toccata foi desenvolvida com uma alta tecnologia que permite produzir o acompanhamento peculiar a uma orquestra, cabendo a você apenas o solo, com opção de inúmeros timbres, controles de níveis e tempos independentes, através de um sistema conhecido como O.F.C. (One Finger Chord). Por isso, se você sempre quis tocar em uma orquestra, comece num Toccata. Afinal, ele é portátil tanto no tamanho como no preço.

Giannini
O SOM MAIOR

COM PANDA VO

Qualidade

Adote um Panda. Você vira fera na hora. Panda é gostoso, bonito, colorido. Mais do que tudo, Panda é Vulcabrás. O solado exclusivo, a palmilha de borracha natural, é para você pisar manso e macio. Panda é diferente de tudo

CÊ VIRA FERA.

PANDA®

ALTA PERFORMANCE EM ESPORTE E LAZER.

o que existe por aí, uma verdadeira fera na resistência, durabilidade e qualidade. Experimente um Panda. Temos certeza de que ele vai ser sua marca de estimação.

LANÇAMENTOS

NEW ROCK COLLECTION (CBS)

Assim se passaram dez anos desde que os anticristos sex-pistoleiros revitalizaram a velha música pop — e melhor atestado de óbito para o que se convencionou chamar de "new wave" e/ou "pós-punk", impossível. Esse pacote de doze LPs não passa de um saco de gatos em que dá para pescar duas, três lebres e olhe lá.

O Zé Emílio já comentou (BIZZ 7) os LPs do Clash e do B.A.D., com um privilégio: sem o "auxílio" do *press-release* que, entre outras barbaridades, declara que o Clash *surgiu* há *três* anos! Que eu saiba, o grupo acabou depois de *Sandinista* (81), quando Joe Strummer foi devidamente desmascarado como o Geraldo Vandré do rock. Para fissuradinhos e atrasadinhos, vale lembrar que o pacote inclui ainda *Strength*, terceiro LP do Alarm, um dos imitadores mais baratos que o Clash já teve. Vamos, pois, às possíveis lebres presentes:

O R.E.M. chega através de seu terceiro e pior LP, *Fables of the Reconstruction*. Já ouvi dizer que o grupo é bom mesmo ao vivo, detonando versões de Sex Pistols a Creedence. Com a mesma queda por revisões do rock ianque, o Lone Justice comparece com seu homônimo LP de estréia, em que a raça e a garra tiram o ranço de seu apego às raízes. Já do lado britânico, *Two Wheels Good* é o mesmo LP do Prefab Sprout que (com o título inglês, *Steve McQueen*) os críticos do *New Musical Express* botaram entre os "100 melhores da História". Só por essa, mereciam uma camisa-de-força cada. E *World Service*, do Spear of Destiny, é uma decepção para quem conhece o Theatre of Hate, antiga banda de Kirk Brandon. Quanto ao resto do pacote, são figurinhas pré-fabricadas do esmalte do dedão do pé até o laquê do último fio de cabelo.

José Augusto Lemos

WHITE CITY — Pete Townshend (WEA)

O velho amigo do príncipe Charles está de volta para provar que valeu a pena abandonar as drogas e o álcool. Pete, o "autor do rock'n'roll' (segundo o *Wall Street Journal*), está novamente apresentando *alternativas* ao rock. Aos 40 anos, concebeu uma história, baseado nas lembranças de sua infância, em Londres. Ela inspirou o LP, e virou um vídeo que busca "definir um novo padrão para os futuros trabalhos com vídeos musicais" — já que os vídeos atuais "mais se parecem com comerciais de TV". Um disco do cacete. *A.B.J.*

NINA HAGEN BAND/UNBEHAGEN — Nina Hagen Band (CBS)

Chegaram ao Brasil os dois primeiros LPs de Nina Hagen, aqueles que fez em Berlim antes de estourar nos EUA e de se mudar para lá. Foi nessa época que ela chegou ao Brasil com o LP *Nunsexmonkrock*. A CBS estava obedecendo então aos critérios habituais: o que é bom para os americanos é bom para o Brasil. Só que lançou o então último LP de Nina, e não os anteriores, que são sem dúvida os melhores. Assim, agora que ela passou pelo Rock in Rio e excursionou pelo país, temos entre nós os LPs gravados com sua banda alemã.

Resumindo: dois discos da fase pós-punk de Nina, que se tornaram completamente anacrônicos. *A.B.J.*

AFTERBURNER — ZZ Top (WEA)

Essas figuraças já são familiares aos brasileiros graças a uma trinca impagável de clips. E são inconfundíveis, sob barbas esvoaçantes e inseparáveis óculos escuros. Mas o som do ZZ Top — um boogie musculoso, sacana — ainda está para mergulhar no gosto do país.

Afterburner, o álbum escolhido pela WEA para esparramar a versão 86 do ZZ Top mundo afora, tem uma missão inglória: superar os mais de cinco milhões de discos atingidos pelo predecessor *Eliminator* e, ainda assim, manter intacta a identidade farrista que sempre foi associada à música do grupo. O resultado não deixa de ser uma solução pacífica: um tecnoboogie gostoso, comercial. *J.E.R.*

ARETHA SINGS THE BLUES — Aretha Franklin (CBS)

Encontradas em algum arquivo da CBS, estas gravações foram feitas no período (61-65) em que a Grande Dama do Soul não sabia ainda onde aplicar seus divinos dotes vocais. Só a partir de 66, e no selo Atlantic, sob orientação do emérito produtor Jerry Wexler, é que ela deslanchou em estilo próprio.

Esse disco vale, portanto, apenas como curiosidade. Blues tradicionais recebem um tratamento de gosto duvidoso (violinos a granel), e o disco só chega a conter suco e sangue nas faixas do lado 1 que foram gravadas ao vivo. No lado 2, os arranjos são tão anti-sépticos que chegam a perpetrar um verdadeiro atentado a esse grande fenômeno musical do século vinte, os blues. *J.A.L.*

BEETHOVEN — MISSA SOLEMNIS — Herbert von Karajan (Polygram)

O maestro Herbert von Karajan fez, ao longo de sua carreira, três gravações diferentes da *Solemnis* de Beethoven. Esta que a Polygram acaba de lançar no Brasil é a segunda, de 1966, e provavelmente a mais satisfatória das três. Mais moderna, do ponto de vista da técnica de som, do que o registro mono da década de 50, ela tem também a vantagem de não apresentar certa exibição de virtuosismo orquestral que dava um tom mais superficial à gravação de 1975. Valorizada por um quarteto solista excepcional — Gundula Janowitz (que vem este ano a São Paulo), Christa Ludwig, Fritz Wunderlich e Walter Berry —, esta é, com certeza, uma gravação que é um marco na discografia da *Missa Solene*. *L.M.C.*

Fotos Estúdio Abril

DANÇAS HÚNGARAS DE BRAHMS — Claudio Abbado (Polygram)

Entre estas *Danças Húngaras*, compostas em duas séries (1869 e 1880), estão algumas das peças ligeiras mais populares de Brahms. Esta brilhante gravação da transcrição que o próprio compositor fez para orquestra — realizada por Claudio Abbado, à frente da Filarmônica de Viena — pode, com resultados fascinantes, ser comparada com uma outra que ainda está disponível no catálogo nacional: a da versão original destas peças, para piano a quatro mãos, executada pelos irmãos Alois e Alfons Kontarsky. Ora harmonizando temas folclóricos húngaros, ora compondo suas próprias melodias em estilo magiar, Brahms produziu, com esta coleção, 21 pequenas obras-primas, de uma imensa variedade de inspiração, que são música "ligeira" apenas em suas curtas dimensões. *L.M.C.*

POWER WINDOWS — Rush (Polygram)

Esse power-trio canadense tenta evoluir a cada LP — e já está no 13.º. Neste, além dos instrumentos que usam, contam com Andy Richards para reforçar os teclados e programar sintetizadores. Neil Peart está muito bem na bateria (além das letras) e Alex Lifeson em boa fase guitarrística. Não gosto do vocal agudo de Geddy Lee, mas reconheço que, às vezes, fica agradável. Mudaram de produtor — agora é Peter Collins —, mas, ainda assim, não consegui ouvir o LP de um fôlego só. "The Big Money" anda tocando bem em FMs. "Grand Designs" e "Territories" vão bem quando se dirige numa estrada cercada de árvores ao cair da tarde. "Manhattan Project" viaja com o piloto de Enola Gay. *L.R.*

KNIFE — Aztec Camera (WEA)

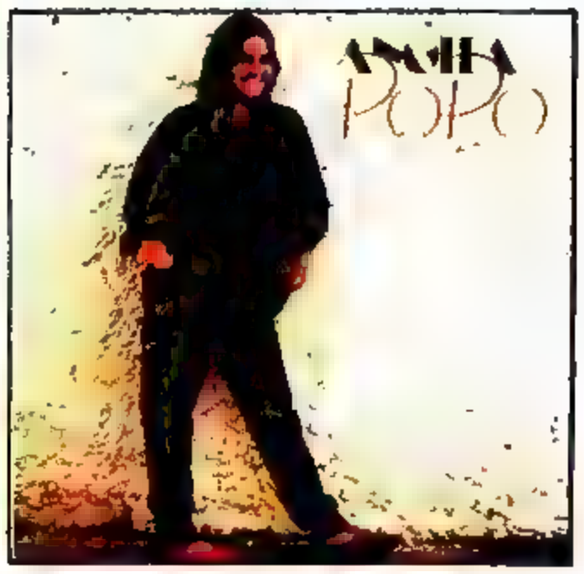
A "câmera azteca" é, na verdade, a sensibilidade filigranada de Roddy Frame, jovem cantor/guitarrista/compositor escocês, aclamado como grande revelação no longínquo ano de 83. E o LP de estréia, *High Land Hard Rain*, era mesmo um inventário preciosista de violões de doze cordas envenenados por doces e ingênuas melodias.

Produzido pelo Dire Strait chefe, mr. Knopfler, *Knife* é bem inferior a seu antecessor, mas foi consideravelmente melhorado em sua edição brasileira. Isso porque ela inclui uma bem-sacada versão acústica de "Jump" (sim, aquele hit do velho Van Halen), só disponível lá fora no lado B do compacto "Still on Fire", faixa que abre este *Knife*. *J.A.L.*

THE BEACH BOYS (CBS)

Aqueles rapazes, saudáveis surfistas das praias ensolaradas da Califórnia, estão de volta. Não tão rapazes assim (embora bronzeados), mais parecendo senhores bem-sucedidos que souberam aproveitar tudo que conseguiram com sucessos em que foram usados e misturados o modo surf de viver, bons arranjos musicais e vocais e psicodelismo (coisa de Brian Wilson). Assim, com algumas letras melosas, procuraram, para voltar, presenças renomadas como Stevie Wonder (e sua gaitinha) em "I Do Love You". Boy George compôs "Passing Friend", Ringo Starr toca bateria em "California Callin", entre outros participantes. O vocal de Mike Love e o backing-vocal são marcas registradas. Tudo é dedicado ao bateria Dennis Wilson, que há mais de ano caiu de uma lancha e morreu afogado.

Um LP aconselhado aos saudosos não exigentes. *L.R.*



EU DESATINO — Ângela Rô-Rô (Polygram)

Se o inconformismo fosse por si só um mérito artístico, esse *Eu Desatino* seria puro sucesso. Afinal, ao longo de suas dez faixas Ângela Rô-Rô toca em praticamente todos os temas considerados tabus, como drogas ("Blues Janis"), Aids e homossexualismo ("Isca de Piranha"), meninas violentadas ("Mônica") e alguma indefinível ousadia, onde "esse Deus é um travesti" ("E tome polca..."). Chocante? Apenas para os castos ouvidos da Nova Censura.

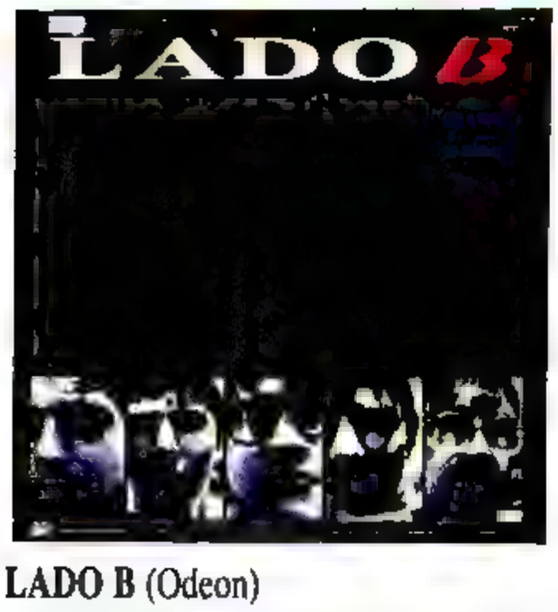
Na verdade, o inconformismo de Ângela Rô-Rô fica apenas nas letras, tão desatinadas quanto a censura da Nova República. As interpretações da cantora soam tão certinhas, jamais ultrapassando a marcação rígida dos compassos e a previsibilidade proposta pelos arranjos, que uma bateria eletrônica foi suficiente para acompanhar os arroubos inexistentes de Ângela Rô-Rô. Perto do bom comportamento musical de Rô-Rô, o arrojo de uma Elza Soares lembra uma verdadeira roqueira pop. *René Decol*

THE IRVING BERLIN SONGBOOK — Sarah Vaughan/Billy Eckstine/ THE FATS WALLER SONGBOOK — Dinah Washington/ THE DUKE ELLINGTON & COUNT BASIE SONGBOOK — Mel Tormé (Polygram)

No pacote, um superbanho vocal, melódico e instrumental, com muitas músicas que tornaram estes compositores imortais e continuam tocando em diversas versões nos quatro cantos do mundo. Vai ser difícil você identificá-las pelo nome. Basta colocá-las na vitrola para sair assobiando junto. Caso de "Ain't Misbehaving" e "Honeysuckle Rose", de Fats Waller (esta última uma das músicas mais gravadas de todos os tempos), na voz irrequieta e extrovertida de Dinah Washington, a *Miss D.* (Daqui a três anos, ambas vão comemorar bodas de ouro.) Caso também de "Isn't This a Lovely Day", de Irving Berlin, que um apaixonado Fred Astaire canta para Ginger Rogers em uma cena do filme *Picolino (Top Hat*, 1935), aqui interpretada por Vaughan/Eckstine. Do mesmo filme, e no mesmo disco, "Cheek to Cheek". Mel Tormé, cantor de modulações e inflexões surpreendentes e tão pouco conhecido por aqui quanto Eckstine (que virá ao país ainda este ano), entra no pacote com sucessos como "Take the A Train" e "Blue and Sentimental", apoiado por belos arranjos de Johnny Mandel. Para quem não conhece, uma grande iniciação. Para quem conhece, nem há muito a dizer. É só comprar, ouvir e se deliciar. *José Eduardo Mendonça*

O CONCRETO JÁ RACHOU — Plebe Rude (EMI-Odeon)

Muito tempo atrás, lá pros idos de 84, chegou em minha casa uma fita-demo do Legião Urbana. Era uma mistura de shows e tentativas em estúdio bastante toscas, mas aquelas músicas vinham impregnadas de tamanha certeza e determinação que apostei todas as minhas fichas no Legião. Saí buzinando o ouvido de todo mundo que se descuidasse a meu lado — o Legião era *o* grupo; o Legião era *o* rock'n'roll. Tanto me apaixonei que acabei produzindo o álbum de estréia do Legião. Esta paixão fulminante continua, mas agora tem que repartir seu espaço com mais uma banda de Brasília, a Plebe Rude. São gêmeas as almas desses grupos: há neles uma fúria tão lúcida, um combustível de idéias tão refrescantemente apresentadas, um vigor tão exuberante. Mas existe uma diferença básica na exteriorização de tudo isso. Renato Russo entrega as rédeas de sua música a um coração intenso e romântico, transforma temas banais em amplos panoramas em cinemascope. Já o Plebe faz de suas canções verdadeiras polaróides políticas, remexendo memórias brasilienses de opressão. Quando Jander Bilaphra — Ameba, se você já o conhece de Brasília — vocaliza todo o amargor de uma geração inteira, não poupa alvos: seja sob a figura do empresário salafrário ("Minha Renda"), seja disfarçado de TV ("Sexo e Karatê"), o poderoso não tem vez, aqui. E, se depender do Plebe, a mesa vai virar. Só tem um problema: não consegui ser rápido o bastante. Quando dei por mim, Herbert Vianna já era o produtor da banda. Tarde demais. Mas melhor do que está, impossível. *José Emílio Rondeau*



LADO B (Odeon)

Lado B é um grupo da nova safra carioca, e o LP de estréia deles é bem carioca e ao gosto de programações tipo *Mixto Quente* da Globo: músicas e letras fáceis, o que vem sendo uma constante no cenário do rock nacional. No aspecto de letras, apesar de contarmos com boas promessas, como o Renato Russo e alguns letristas de SP, continuamos quase sem referências desde os tempos de Arnaldo Baptista e os bons tempos de Raul Seixas e do Joelho de Porco (e, pelo jeito, teremos que buscar referências na MPB).

O mini-LP *Lado B*, apesar da boa qualidade de som, deixa a desejar na parte rítmica. Em todas as faixas que evocam climas de *ska* e *reggae*, duas fortes influências no grupo, falta percussão, ruído, eco, acentuações oblíquas, enfim, tudo aquilo que fez do *reggae* o gênero mais "quebrado" da música pop. Sem balanço, a coisa fica monótona. Vale a pena conferir uma faixa: a climática "Nos Céus do Haiti". *A.B.J.*

CHAME GENTE — Armandinho e Trio Elétrico Dodô & Osmar (RCA)

Trata-se já do 11.º LP do trio que é um patrimônio do pop e do carnaval brasileiros. A fórmula continua a mesma — frevo eletrificado de desparafusar os quadris, eventualmente levando um lânguido sotaque jamaicano (na faixa "Guitarra da Terra", um pretexto para Armandinho empunhar sua GR-700, a guitarra sintetizadora da Roland).

Pelas duas faixas instrumentais — "Refrega Brega" e "Frevo Dobrado n.º 7", o melhor do disco — dá para sacar que Aroldo é um instrumentista do mesmo quilate de seu irmão Armandinho.

No mais, a faixa-título parte de uma interessante mescla de timbres: a guitarra baiana de Armandinho sobre a guitarra havaiana de Osmar. E o trio recebe ainda, em participações especiais, Moraes Moreira (este, parceiro de outros carnavais), o venerável Gonzagão, Caetano e até Elba Ramalho. *J.A.L.*

9012 LIVE - THE SOLOS — Yes (WEA)

Não dá pé. Por mais que a WEA se esforce em classificá-los no release de "dramaticamente modernos", e por mais que eu tente apagar da minha memória a imagem das rugas de Chris Squire, das banhas de Tony Kaye, da calvície de Alan White e da bichice de Jon Anderson no Rock in Rio, só dá para ter saudades, o que não ajuda em nada. O som do Yes nunca muda, e *este* é o problema.

Continuam técnicos e competentes como instrumentistas, e redundantes como arranjadores e compositores. Quem ainda agüenta um LP gravado ao vivo durante a última turnê mundial deles, que inclui só duas faixas ("Hold On" e "Changes") onde o grupo todo participa e cinco (!) outras performances individuais? *A.B.J.*

A LUZ DO SOLO — Toquinho (Polygram)

O que fazia mais falta no cenário da música popular brasileira contemporânea do que uma nova versão de "Tarde em Itapoã"? Pois Toquinho deu-se conta da falha e resolveu preenchê-la. Quem tem saudades da parceria Toquinho/Vinícius vai ainda refestelar-se com outras pérolas, como a soporífera "O Filho Que Eu Quero Ter". Há, ainda, reedições da recente linha de canções infantis, provavelmente extraídas dos temas de redação do filho, como "A Casa" e "O Caderno". Tudo tão brega quanto um velho calção de banho. Um disco pra entediar. *R.D.*

KALI (Som da Gente)

Não importa se você é homem ou mulher. Se você estudou no Clam, a escola de música do Zimbo Trio, tem um estilo padronizado o suficiente para não precisar temer maiores preconceitos na carreira musical. Jazz é jazz, onde o que vale é a capacidade de improvisação sobre harmonias pré-determinadas. As exceções estão entre aqueles que mais se afastaram do gênero, como Miles, Blood Ulmer, Egberto etc. É por essas razões que eu concluo que, ao contrário do que acontece em outros gêneros musicais, a gravadora Som da Gente resolveu gravar o grupo Kali *justamente* pelo fato de elas serem *mulheres*, já que não têm nada de novo a oferecer. *A.B.J.*

PASSOS NO ESCURO — Zero (EMI-Odeon)

Lamentações e cobranças sentimentais são a receita básica das letras de Guilherme Isnard, vocalista do Zero. Instrumentalmente, o grupo insiste no desejo de ser inglês, mas só consegue mesmo ficar no chique paulista. Não é fácil, nem faz sentido cantar chorando como o Robert Smith (Cure), ou tentar a sonoridade do U2 ao lado da elegância melódica de Bryan Ferry.

O disco, embora bem trabalhado e com intenções sérias, é monótono e despersonalizado.

Participações especiais de Paulo Ricardo (RPM) em "Agora Eu Sei" e de Kiki Zambianchi em "Quero Te Contar". O Zero é formado por Eduardo Amarante, Athos Costa, Rick Villas Boas, Guilherme Isnard e Freddy Haiat.

A eles um grande caminho a percorrer dentro do confuso e promissor cenário do rock nacional, e o desafio de obter o novo. *C.A.*

SPIRITUALS — Simon Estes (Polygram)

O baixo-barítono Simon Estes é um dos cantores negros norte-americanos mais empenhados em dar continuidade à tradição iniciada por Paul Robeson e Marion Anderson, que levaram o *spiritual* — o cântico religioso dos escravos — às salas de concerto, revelando a complexidade de sua forma e a densidade das emoções que expressa. Neste disco, Estes interpreta, com muita sensibilidade, alguns dos títulos mais famosos desse repertório. Só é pena que os arranjos orquestrais, de Howard Roberts, sejam às vezes de um estilo retumbante, de gosto duvidoso, que roubam um pouco, a essas canções, aquela espontaneidade do fervor religioso carregado da esperança de que, um dia, esteja reservado aos negros um futuro de liberdade. *L.M.C.*

ROCK A LITTLE — Stevie Nicks (EMI-Odeon)

A própria revista *Rolling Stone* — notório reduto de complacência crítica — já cantou a pedra: o novo álbum de Stevie Nicks — um quinto do temporariamente desaparecido Fleetwood Mac — faz tudo, menos o que seu título prega, "rockar um pouquinho".

Apesar da tonitruante abertura do disco, "I Can't Wait", e da envolvente cornucópia sônica esculpida por exatamente *seis* produtores, o álbum é um exercício de imobilidade.

Antes hipnótica, sua voz virou um lamento. Falta a exuberante determinação que seduziu milhões de compradores no tempo em que o Fleetwood Mac reinava supremo no panteão pop. *J.E.R.*

LIBERDADE PARA MARYLOU — Ultraje a Rigor (WEA)

Na versão-carnaval, a galinha Marylou pode pôr ovo onde quiser, e a vaca Sara Lee mostrar as tetas a todo mundo. Afinal, no Carnaval vale tudo. Ouça muitas vezes, até decorar, o "Hino dos Cafajestes" (que saiu primeiro no trailer-disc de BIZZ 3) e entenda por que o bom humor deve ser levado a sério. Em "Nós Vamos Invadir Sua Praia" a novidade é a invasão espacial com efeitos do disco-míssil, na introdução da música. Embora um pouco tarde, o carnaval do Ultraje a Rigor não tem hora, e vamos cafajestar o ano todo até o próximo Carnaval. *C.A.*

THE 1976 SOLO KEYBOARD ALBUM — George Duke (CBS)

O endiabrado crioulo George Duke ficou conhecido no Brasil principalmente depois do show pirotécnico que foi sua participação no 1.º Festival de Jazz São Paulo/Montreaux, em 1978. Antes disso, porém, George Duke já havia passado pelos teclados da banda de Frank Zappa, onde deixou algumas performances insuperáveis.

Este *Solo Album* reúne gravações realizadas por Duke para o selo MPS, entre 1973 e 1976 — antes, portanto, que ele se convertesse à mania jazz-tecno-funk. Sozinho aos teclados, Duke faz o que sabe de melhor — música. Há bons solos, arranjos e experiências onde predomina a qualidade musical, sem qualquer concessão aos modismos do momento. Mesmo lidando com uma infindável parafernália eletrônica, Duke é capaz de criar climas e partituras estimulantes. *Solo Album* tem a consistência de um trabalho que foi curtido ao longo de anos de desenvolvimento artístico. Faixas como "Pathways" lembram o melhor do jazz contemporâneo. Depois desse disco, Duke transferiu-se para a Epic Records e nada foi como antes. *R.D.*

BEM BOM — Gal Costa (RCA)

Como convém à primeira dama entre as cantoras brasileiras, Gal traz neste LP assinaturas de pesos-pesados. Figuram em *Bem Bom* Chico Buarque, Michael Sullivan, Marina, Gonzaguinha, Djavan, Roberto e Erasmo Carlos, Eduardo Gudin, Arrigo Barnabé, Carlos Rennó (o letrista de "Escrito nas Estrelas"), Cazuza e Frejat, Milton Nascimento e o indefectível hippie-tropicalista Waly Salomão. Com tudo isso, poderia ser um grande disco. Poderia há alguns anos, antes que começasse a acabar nestes compositores todo o fôlego que sobra em Gal. O melhor fica com o hit "Um Dia de Domingo", de Sullivan, que Gal reparte com o mestre Tim Maia. Simples, sem firulas, com uma bela melodia que vai direto ao ponto. De resto, uma enfiada de chavões lítero-musicais. Como no roquinho de Marina, "Acerde o Crepúsculo": "Cara me dá um sorriso/ Que a vida é crise". Ou na fernandogabeirense "Muito por Demais", de Gonzaguinha: "Paz no coração/ Vida sapoti/ Toque de maçã" (para ouvir acompanhada de um chazinho natural). Ou ainda em "Romance", de Djavan, apoiada por um som surpreendentemente acústico em meio a tantos sintetizadores: "Muito boinha você, viu/ Laranjinha doce/ Dulcíssima". O disco traz o crédito inédito de "clima", atribuído a Waly Salomão. Bom poeta para Gal na época do antológico *Fatal*, ele parece ter perdido o bonde. Poderia ter ficado nas areias de Arembepe. *J.E.M.*

FIND OUT — The Stanley Clarke Band (CBS)

O contrabaixista Stanley Clarke é outro que fez a transmigração de almas do jazz progressivo, em voga na década de 70, para o tecno-funk dos anos 80. Perdeu-se um dos mais promissores músicos da vanguarda pós-Miles Davis. Ganhou-se uma banda funk tão boa como qualquer outra. Bom para os aficcionados do funk. Bom para o bolso de Stanley Clarke.

Em *Find Out* Clarke aparece com a mesma banda com que tocou no ano passado em São Paulo. As faixas "Find Out" e "What if I Should Fall in Love" são dois funks bem dançantes e as melhores do disco. Depois, surpresa, uma versão tecno-pop do hit de Bruce Springsteen, "Born in the USA". "The Sky's the Limit" e "Don't Turn the Lights Out" soam como funks bem criativos, onde se destaca o vocal do próprio Stanley Clarke. Só nas faixas "Campo Americano" e "My Life" é possível ouvir ecos do jazzman Stanley Clarke, a última lembrando vagamente o Weather Report. *R.D*

TOM JOBIM E CONVIDADOS — Tom Jobim (Polygram)

As gravadoras têm razões que seus próprios ouvintes desconhecem. O maestro Antônio Carlos Brasileiro Jobim transferiu-se, de armas e bagagens, há alguns anos, da Polygram para a WEA. Acontece que a Polygram guardou, em seu arquivo, algumas dezenas de gravações de Tom com convidados célebres como Elis Regina, a orquestra de Nelson Riddle, Vinícius de Moraes e Edu Lobo. Alguns desses álbuns ainda estão em catálogo; outros, antológicos, há muito tempo estão fora das estantes de discos. Por que não reeditar os ausentes em sua forma original? Um tema para os economistas da Fundação Getúlio Vargas.

Assim *Tom Jobim e Convidados* reúne "Águas de Março" e "Chovendo na Roseira", na irresistível interpretação de Elis Regina, a gravações históricas como aquelas realizadas na década de 60 com a orquestra de Nelson Riddle — estas, há décadas fora de catálogo. Como nada do que Tom faz merece ir para a prateleira sem umas boas rodadas na vitrola, esse álbum vale principalmente pelas parcerias mais antigas, incluindo um quitute, que é a participação de Dorival Caymmi em "Saudades da Bahia". Dispensável, apenas, a dupla Tom e Edu Lobo, uma exceção à regra das grandes parcerias do maestro Jobim. *R.D.*

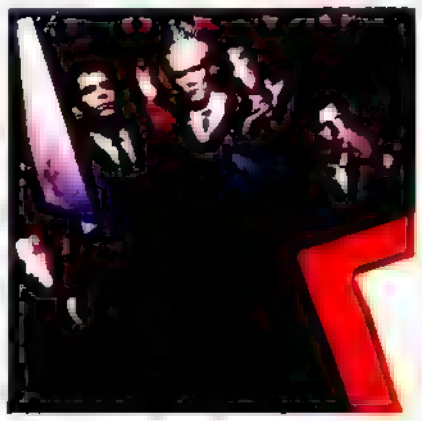
PETRUSHKA — Leonard Bernstein/Orquestra Filarmônica de Israel (Polygram)

O estilo extrovertido e cheio de ímpeto da regência de Leonard Bernstein convém especialmente a uma peça como o balé *Petrushka*. Foi escrita em 1911, para os Ballets Russes, de Diaguilev, por Igor Stravinski, numa época em que começava a superar as influências românticas de seu período de formação, e a fazer experiências mais audaciosas com a mistura de tonalidades, a combinação de ritmos inesperados e o uso de melodias dissonantes e de efeitos harmônicos pouco convencionais. Inicia-se, com este balé, o caminho que levará Stravinski, dois anos depois, a virar a mesa da história da música ocidental com o escândalo que foi a estréia parisiense da *Sagração da Primavera*. Dando prosseguimento à série das obras orquestrais de Stravinski que está gravando à frente da Orquestra Filarmônica de Israel, Bernstein registra, neste disco, não o balé original, de 1911, mas a partitura revista, de 1947, adaptada pelo próprio autor, para funcionar melhor como uma peça de concerto, independente da encenação num palco. *L.M.C.*

KISS (Polygram)

Continuam os relançamentos de discos do Kiss aqui dos nossos lados, onde sempre parecem surgir novos fãs. Esse é o primeiro, de 73, aquele que na época foi execrado pela crítica daqui e de lá, apesar de receber retumbante divulgação. Segundo Paul e Gene, o Kiss chegava para dar uma sacudidela no marasmo do rock de então com temas como "Kissin' Time".

Agora, quando o cenário parece de novo recheado de mesmices e estrelismos, entende-se a que se propunham. Só que o disco é pobrezinho mesmo. Um LP somente para os que chegaram agora ou estão à procura de algo inexplicável, como o fato de Gene e Paul ainda estarem por aí e... de cara limpa. Com certeza eles gritarão: "Vocês não têm nada a perder". *L.R.*

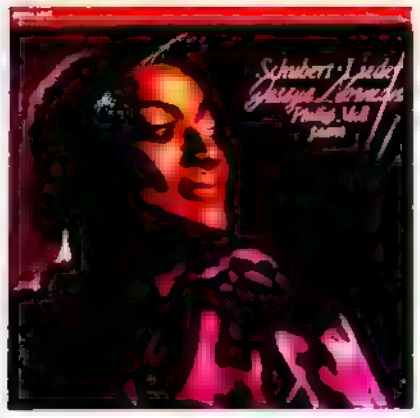


HUMANOS — Tokyo (CBS)

No release, Supla admite que é *punk de butique:* "Uso o *punk* porque acho bonito, assim como as mulheres penduram brincos". Mas o pior é quando o release diz que "a proposta da banda é simples e objetiva: propagar a Arte que lhes é própria". Isto é um engodo; apesar do pop ter lugar para tudo, inclusive para a Arte, o Tokyo não tem nada a ver com o assunto.

Eles não precisam da Arte. Nenhum grupo de rock, com pique de palco, carisma e *juventude* precisa. O Tokyo tem tudo isso e a média de idade deles é de 18 anos.

É por isso que eu não gostei de *Humanos*, LP marcado por excessos na produção e a conseqüente falta de peso e agressividade na música, o que torna a utilização da palavra Arte ainda mais indevida. *A.B.J.*



SCHUBERT — LIEDER — Jessye Norman (Polygram)

Um dos aspectos mais importantes e copiosos da produção de Schubert é o do *lied*, canção para voz e piano, sobre textos de poetas contemporâneos — gênero que ele praticou com enorme facilidade e inesgotável imaginação, deixando mais de 600 títulos de enorme variedade de construção.

Doze dessas canções foram escolhidas pela soprano norte-americana Jessye Norman para o recital em que é acompanhada, ao piano, por Phillip Moll. A voz encorpada, de timbre escuro, de Jessye Norman, molda-se, com extrema flexibilidade, às exigências de canções tão diversas quanto "Ganimedes" ou "O Todo-Poderoso", "O Filho das Musas" ou "A Morte e a Donzela". *L.M.C.*

FIRST, LAST AND ALWAYS — Sisters of Mercy (WEA)

Do departamento Antes-Tarde-Do-Que-Nunca: no momento em que você lê esta crítica, o assunto dela não existe mais. O grupo Sisters of Mercy foi implodido pelo guitarrista Hussey e pelo baixista Adams. Eles saíram para formar um tal Sisterhood, que em pouco ou nada deverá diferir do Sister original — uma sonoridade pantanosa, do tipo "discothèque para vampiros".

Gozações fora, lá vai um grande mérito para o Sisters: é deles a mais sensacional releitura de "Gimme Shelter", bem superior à perpetrada anos atrás pelo hoje extinto Grand Funk Railroad. Pena que o público brasileiro não conhecerá esta faixa — ela não faz parte deste LP e dificilmente sairá por aqui *solita*. *J.E.R.*

RÁPIDO & RASTEIRO * RÁPIDO & RASTEIRO * RÁPI

Então aqui estamos nós outra vez, com mais uma enxurrada de vinil (um derivado do petróleo que deveria ser aproveitado melhor), que não merece mais do que algumas rápidas e rasteiras considerações. E o pacote é aberto por nada mais nada menos que um dos campeões de vendagem de 85, nos Estados Unidos da América do Norte. Trata-se de um produto dos mais típicos dos nativos de lá. **THE BROADWAY ALBUM** (CBS) traz a bem-dotada (em termos nasais) **Barbra Streisand** atacando sucessos "antológicos" (é o que eles pensam...) de velhos musicais da Broadway (é óbvio). Dona Barbra começou cantando nos palcos dessa rua de Nova York — por isso, acredita-se que tenha aval para massacrar clássicos da autoria de gente como Jerome Kern, Rodgers e Hammerstein e os irmãos Gershwin (em suma, um bom presente de aniversário para a vovozinha) ⊗ Outro sucessão que também assola nossas FMs é o nórdico trio **A-ha,** responsável pelo hit "Take on Me", que abre o LP **HUNTING HIGH AND LOW** (WEA). Uma meleca tornada ainda mais insuportável pelo agudíssimo timbre do vocalista ⊗ Falando em meleca escorrendo das mais elevadas oitavas, mais um dos irmãos Bee Gees — **Robin Gibb** — reaparece solo em **WALLS HAVE EYES** (Polygram) ⊗ E, para tornar ainda mais baixo o nível médio do rock (sic) brasileiro, nasce um grupo — o **Terra Molhada** — cujo LP, **OUT-DOOR** (Polygram), cata um clássico de Lennon e Macca, a viperina "You Can't Do That", para transformá-la em "Não Força, Odete". Não são umas gracinhas? Pena que o mercado já esteja saturado do gênero "nós vamos invadir seu playground" ⊗ A trilha-sonora de **ROCK ESTRELA** (CBS) — ou seria *Bete Balanço II — A Encheção* — junta **Tokyo** com **Léo Jaime, Dr. Silvana & Cia** com o **RPM,** e é "super niu uêive esperta, viu gente" ⊗ A dupla **Claudio Nucci & Zé Renato** (CBS) constitui metade do extinto Boca Livre — e, se você acha que isso significa apenas meia tortura, desista: é serviço completo ⊗ **THE SUMMER COLLECTION/GREATEST HITS** (Polygram) pretende ser uma coletânea do melhor de **Donna Summer,** a safada "bad girl" da velha discô. Poderiam ter escolhido as mais dançantes, então, ao invés de as mais lacrimosas.

José Augusto Lemos

BOLSA DISCOS

	PROM SE Sade (CBS,	NSTRUMENTAL Amir Sater (Som da Gente)	THE BOY WITH THE The Smiths (WEA)	SIX SILVER STRINGS B. B. King (WEA)	TREM CA PIRA Egberto Gismonti (EMI-Odeon)	EDUCAÇÃO SENTIMENTAL Kid Abelha (WEA)
Carlos Arruda						
José Eduardo Mendonça						
José Augusto Lemos						
José Emílio Rondeau						
Luiza de Oliveira						
Alfredo Borba Jr.	•					•
Leopoldo Rey	•					

Sublime
Bom
Interessante
Razoável
Lixo

DRAMA

LIÇÃO DE AMOR (1976)

Foto Cortesia Globovídeo

Direção: Eduardo Escorel. Com: Lilian Lemmertz, Rogério Fróes, Irene Ravache Globovídeo.

A história é baseada no livro "Amar, Verbo Intransitivo", de Mário de Andrade. Só isso já conta pontos favoráveis ao filme, que transpõe a trama para a tela de maneira correta, sem grandes extrapolações. Na década de 20, os chefes das "famílias de bem" em São Paulo preferiam que seus filhos homens fossem iniciados sexualmente por "professoras" estrangeiras do que por prostitutas. Assim, Felisberto Sousa Costa contrata a alemã Elza para passar um ano com a família com o pretexto de ensinar alemão a seu filho adolescente

AMADEUS (1984)

Foto The Saul Zaentz Company

Direção: Milos Forman. Com: F. Murray Abraham Tom Hulce, Elizabeth Berridge

Talvez devesse ser classificado como musical, já que a trilha sonora é um dos pontos fortes do filme. Afinal, seu autor é ninguém menos que o próprio Amadeus. Mas o visual também não fica atrás. Enfim, o filme é imperdível, e mereceu os oito Oscars que ganhou, inclusive de melhor filme, melhor diretor e melhor ator. Trata-se da biografia de Wolfgang Amadeus Mozart, mas quem a conta é seu inimigo mortal, Antonio Salieri, suspeito mesmo de tê-lo assassinado. O trabalho do diretor Milos Forman é impecável e a cópia que anda circulando nas locadoras está muito melhor do que o telecine que havia até o final do ano passado

TERRA EM TRANSE (1967)

Direção: Glauber Rocha. Com: Jardel Filho, Glauce Rocha, Paulo Gracindo. Globovídeo

Muitos consideram a primeira obra do mais polêmico diretor de nosso cinema. Para o próprio, *Terra em Transe* é "a grande denúncia contra direitas fascistas tropicalistas e o retrato das contradições do povo brasileiro". A história se passa num país latino-americano chamado Eldorado, cheio de contradições políticas: Don Porfírio Dias, político da capital litorânea, é apoiado por Don Júlio Fuentes, proprietário das maiores cadeias de jornais. Don Felipe Vieira, do interior, é apoiado pelo clero. Ambos disputam o governo, mas quem manda mesmo é o poder econômico estrangeiro. Qualquer semelhança é mera parábola. Indispensável para os amantes do cinema.

VIDAS SEM RUMO (Outsiders, 1983)

Direção: Francis Ford Coppola. Com: Thomas Howell, Matt Dillon, Ralph Macchio.

Um belo trabalho do diretor de *Apocalypse Now* sobre o fracasso na adolescência: não ter grana, amigos, namoradas. "Quero fazer um filme sobre a juventude, dando proporções heróicas a esses jovens ratos de rua", disse o diretor. E conseguiu. O roteiro é retirado da novela de S. E. Hinton, autor da obra que deu origem também a *Rumble Fish*. No elenco, apenas jovens desconhecidos. A ação é ambientada nos anos 60, já que o livro de Hinton foi publicado em 67. Não se trata do melhor filme de Coppola, mas merece ser assistido

MUSICAL

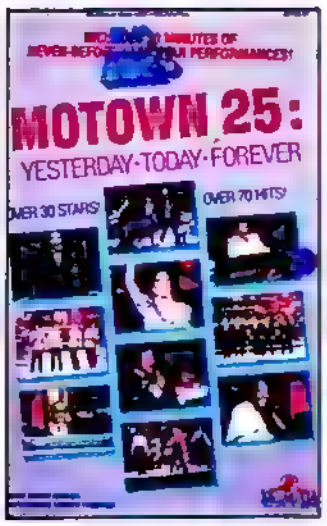
MADONNA - VIRGIN TOUR (1985)

Foto Ebet Roberts, LFI

Direção: Daniel Kleinman

A irresistível Madonna está em sua turnê de lançamento do LP *Like a Virgin*, de 1985. Trata-se apenas das gravações dos shows, muito bem feitas, com todas as músicas do LP, como os hits "Dress You Up", "Crazy for You", "Over and Over", "Material Girl" e "Like a Virgin", que Madonna canta vestida de noiva

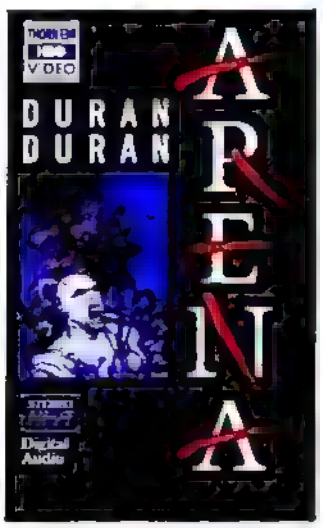
MOTOWN 25 - YESTERDAY, TODAY AND FOREVER (1985)



Direção: Don Mischer.

Para comemorar os 25 anos da gravadora Motown, o templo da música soul e funk norte-americana, foi realizado um show ao vivo, apresentado por Richard Pryor. Os melhores momentos estão registrados aqui. Há também trechos *off-stage*, com depoimentos de autores ligados à Motown. Estão presentes Stevie Wonder (cantando "You're The Shunshine of My Life"), toda a família Jackson, Temptations e Four Tops (os dois grupos cantam juntos "My Girl"), The Marvelettes (com "Please Mr. Postman"), Diana Ross, Martha Reeves, Lionel Richie, Smokey Robinson, The Commodores, Marvin Gaye e outros no estilo. Muito balanço em imagens históricas.

ARENA (1985)



Direção: Russell Mulcahy. Com o grupo Duran Duran

Este é um supervideoclip, em produção cuidadíssima, que tem tudo para agradar não só aos fãs do conjunto, mas apreciadores de musicais em geral. Aqui estão todas as canções do LP *Arena*, gravadas em shows ao vivo. Com uma hora de duração, o vídeo mostra ainda cenas de dança e teatro num enredo maluco, em que seres estranhos (atores meticulosamente maquiados) tentam atacar a platéia do show. Efeitos especiais e muita criatividade.

AVENTURA

CÓDIGO DO SILÊNCIO (Code of Silence, 1985)

Direção: Andy Davis. Com: Chuck Norris, Henry Silva, Molly Hagan

A velha fórmula do trigo no meio do joio, um policial honesto tem de lutar contra seus colegas de profissão corruptos para combater o crime. O cenário é Chicago, onde bandos rivais disputam o tráfico de drogas, driblando a polícia com facilidade. E o herói aqui é Chuck Norris, ator conhecido dos fãs de aventuras por seu trabalho em *Missing in Action*, disponível, por enquanto, apenas em vídeo (vai ser lançado nos cinemas como "Desaparecido em Ação")

COMÉDIA

A PRIMEIRA TRANSA DE JONATHAN (Mischief, 1985)

Direção: Mel Damski. Com: Doug McKeon, Catherine Mary Stewart, Kelly Preston

Mais uma comédia norte-americana destas que se pretendem maliciosas mas acabam sendo ingênuas. Quem gosta do estilo não deve perder. Numa cidade do interior dos Estados Unidos, na década de 50, os jovens desfilam em seus carrões rabos-de-peixe, paqueram e têm suas primeiras experiências sexuais — como é o caso do tímido Jonathan. Para ver, rir e jogar fora

UM ESPÍRITO BAIXOU EM MIM (All of Me, 1984)

Direção: Carl Reiner. Com: Steve Martin, Lily Tomlin, Victoria Tennant

O ator Steve Martin e o diretor Carl Reiner descobriram que podem ir longe trabalhando juntos. Já fizeram *O Médico Erótico* e o imperdível *Cliente Morto Não Paga* (já prometido mas ainda não lançado em vídeo pela CIC). Aqui, Steve é um advogado frustrado que queria ser músico e odeia gente rica. Por interferência de um gurú desastrado, a alma de uma mulher *baixa* em seu corpo por engano (a intenção da mulher era encarnar numa jovem belíssima depois de morrer)

FICÇÃO

VAMPIROS DO ESPAÇO (Life Force, 1985)

Direção: Tobe Hooper. Com: Steve Railsback, Peter Firth

Este vem de encomenda para quem gosta de *viajar* nos efeitos especiais: quem fez foi John Dykstra, o mesmo de *Guerra nas Estrelas*, pelo qual ganhou Oscar em 76. O assunto não podia ser mais ataal, pois envolve o cometa de Halley. Uma nave de exploração que está estudando o cometa encontra uma nave alienígena cujos ocupantes possuem um mistério indecifrável. Os astronautas resolvem trazer para a terra três seres que estão num sarcófago. E é aí que começa o terror.

Os vídeos foram cedidos pela Vídeo Factory, 2001 Uma Odisséia em Vídeo, Vídeo Home Service, Vídeo Design (São Paulo) e VHS (Rio de Janeiro)

Todas as resenhas são de Maria Emília Kubrusly

Fotos Estúdio Abril

Golf
TRIUMPH FOR MEN

PAULO RICARDO

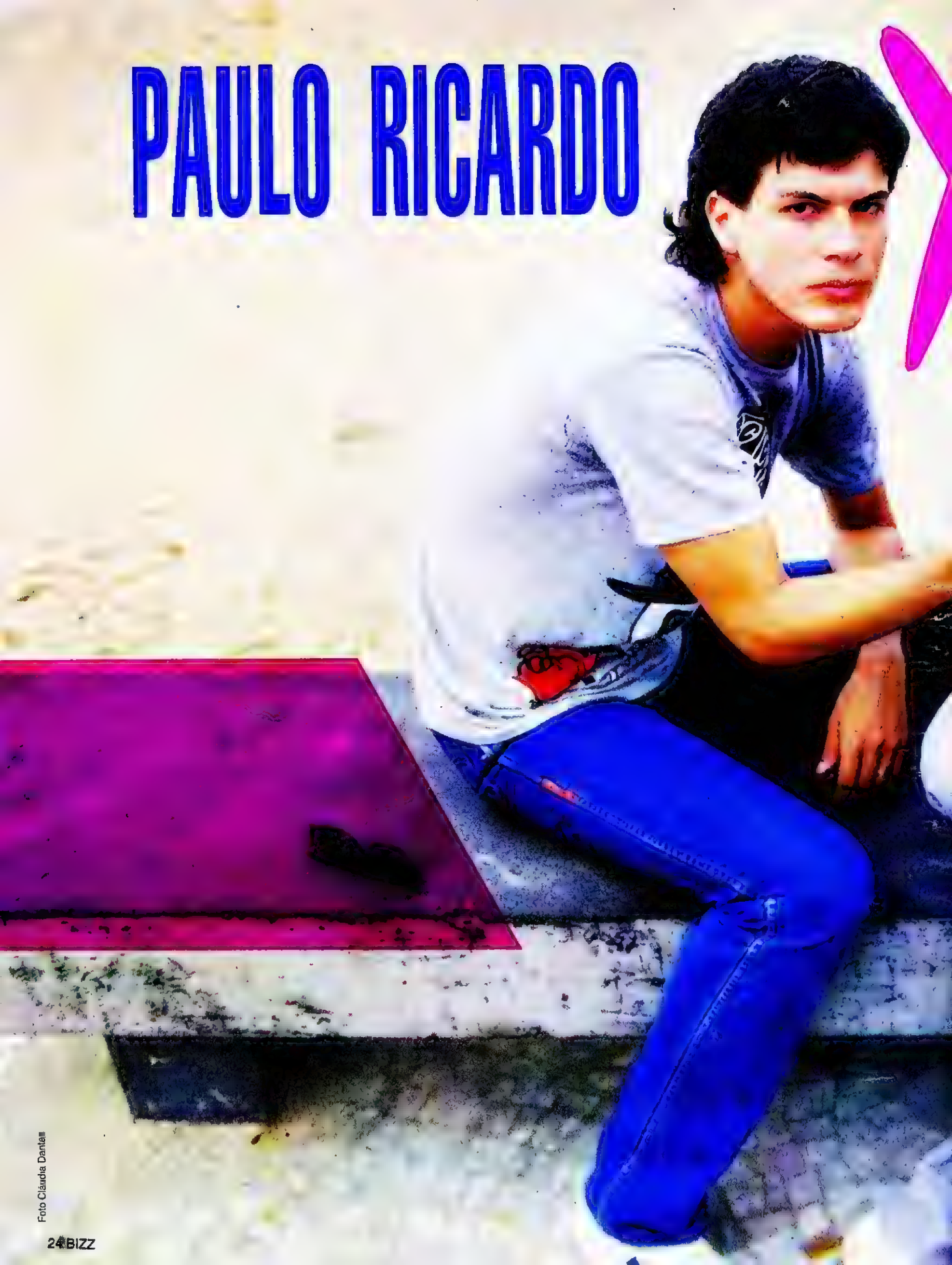


Foto Cláudia Dantas

RENATO RUSSO

HOMENS DE LETRAS E COINCIDÊNCIAS

Um refrigerado restaurante em uma fornalha de tarde carioca. Este o local do crime, onde *Tom Leão* conseguiu reunir os vocalistas da Legião Urbana e do RPM, e também dois dos melhores letristas do rock brasileiro. Não foi preciso mais que uma pergunta para disparar o fogo cruzado — "O que vocês faziam antes de suas respectivas bandas?"

Os dois moraram em Brasília: o RPM odiava a cidade que o Legião Urbana cultua

Foto Rui Mendes

Renato, em show da Legiao em São Paulo

Foto Marcos Guião Abril

Paulo Ricardo ainda no porão do Madame Satã

RENATO — Eu dava aulas de inglês por dinheiro, mas adorava. Depois que terminar as coisas que estou fazendo, pretendo vóltar a dar aula. Eu tentava ser para os alunos um mentor, alguém em quem eles pudessem confiar, o que falta muito hoje em dia. Se eu não tivesse tido professores legais, talvez hoje estivesse trabalhando no Banco do Brasil.

PAULO — Eu era crítico de música por trabalho, para ganhar dinheiro e sair de casa. Com 18 anos, saí e formei uma banda, na qual já tinha o Schiavon. Comecei no *Canja* e passei para a *Somtrês*, mas em 83 já tava de saco cheio de escrever. Então um dia simplesmente deixei de entregar as matérias.

RENATO — O que você ouve atualmente?

PAULO — James Brown e Marvin Gaye. Comprei todos do Hendrix, Cult...

RENATO — Você gosta de ler?

PAULO — Sim, mas tenho problemas com textos longos, tipo *Ulisses*. Acho que deveria ler mais os clássicos.

RENATO — Como você compõe?

PAULO — Normalmente coloco a letra em cima da melodia...

RENATO — Antigamente eu escrevia as letras antes, e depois ia encaixando nas músicas. Atualmente já penso mais como é que vai ficar a letra na música e tento fazer junto. Qual a que você gostou mais de compor?

PAULO — "Revoluções por Minuto". Foi a que me deu mais trabalho. Fiz umas cinco versões...

RENATO — A que eu mais gosto é "A Cruz e a Espada". Você é quem compõe todas?

PAULO — Neste disco calhou de a maioria das músicas serem minhas. Mas existem algumas todas minhas e outras que o Schiavon fez a música e eu meti as letras...

RENATO — E tua formação musical qual é?

PAULO — Minha primeira referência é a Jovem Guarda. Desde garotinho adorava cantar as músicas, sabia todas as do Roberto Carlos da época *Em Ritmo de Aventura*. Na época, inclusive, eu fui manequim infantil, mas parei com oito anos porque comecei a achar que era coisa de veado...

RENATO — Eu não gostava de Jovem Guarda, de xerox, de coisa cantada em português. Com cinco aninhos eu já ouvia Beatles...

PAULO — Eu adoro Beatles, mas com doze anos eu ainda ouvia muita trilha de novela, muito Elton John, Jackson Five, Stevie Wonder... Sempre fui apaixonado por música negra. Eu sou carioca, até 72 morei no Rio, depois Florianópolis, mas Beatles só foi pintar pra mim em Brasília...

RENATO — Você morou em Brasília?

PAULO — Três anos...

RENATO — Ih, é? Quando?

PAULO — 74-76.

RENATO — Onde?

PAULO — Na 209 sul.

RENATO — Você gostava de Brasília?

PAULO — Eu odiava. Porque eu saí do Rio, aí fui morar em Florianópolis, maior paraíso, vida de moleque de rua, praia, mil gatinhas... Foi um horror. Tinha 12, 13 anos, era uma época de ajustamento social. Eu não gostava daqueles guetos, aqui só para filhos de militares, todo mundo é filho de alguém, não se misturam, não trocam idéias. Tinha acabado de sair do paraíso para o planalto central. Eu não acreditava. Sentia o ar seco. Não gostava da divisão, eixão, eixinho, todos os prédios iguais... Era uma cidade muito boa para velho ou criança. Era calmo, muito playground.

RENATO — É gozado, pois a gente pegou isso e começou a trabalhar

justamente em cima disso. Anarquizar mesmo. Você foi numa idade foda. Com 16, 17 você barbariza. As turmas são jóia.

PAULO — E eu ainda usava óculos, os garotos maiores implicavam comigo.

RENATO — Eu morei dois anos em Nova York, entre 67 e 69, com Monkees e Jimi Hendrix fazendo shows do lado e eu nem sabia. Então, quando fui para Brasília *(Renato também é carioca)*, cheguei sabendo de tudo e aqui não tinha nada. Tinha esquecido como era o Brasil, como era feio esse lugar. Lá eu tinha tudo, TV a cores (aqui só chegou em 72). Aqui meu pai ligava o rádio e vinha aquela coisa horrorosa (cantarola "O Guarani", abertura da Voz do Brasil), eu morria de medo. Eu não sabia o que tava rolando na época (70), mas sentia alguma coisa errada. Parecia sempre que tinha morrido alguém. Mas me adaptei. Andava meio deslocado, usava óculos, e minha arma quando os caras vinham querendo dar porrada era contar histórias sobre como era a Disneylândia. Pra qualquer festinha sempre me chamavam pra discotecário, pois eu tinha todos os discos, até os de novela...

PAULO — Ainda tinha o problema das meninas que eram inatingíveis, sempre propriedade dos caras mais fortes. Eu tinha um pouco de complexo de inferioridade, não era bom em nenhum esporte, detestava futebol. Eu só gostava de bicicleta, às vezes ia pedalando até o aeroporto...

RENATO — Que é longe pacas. Ao invés de jogar futebol eu ia ao cinema ou ficava ouvindo discos em casa. Depois que ganhei a fama de roqueiro, passaram a me achar o maior perigo, tipo assim, aquele ali é maconheiro.

PAULO — Era gozado, pois, se você era diferente, era esquisito ou roqueiro.

RENATO — Nessa época eu ouvia muito Pink Floyd, Genesis, James Taylor. O lance com menina rolava mais por causa de música, não era bem um namoro e ao mesmo tempo era. Mas eu era mesmo fã dos Beatles. Quando eles acabaram eu queria morrer. Eu era fã mesmo, achava que era o maior fã do mundo...

PAULO — Depois dos Beatles minha maior influência foi o Genesis, com Peter Gabriel, e depois o Led Zeppelin, mais lá pros 15 anos.

RENATO — Para mim, depois dos Beatles, vinha Emerson, Lake & Palmer. Depois que acabaram todas as grandes bandas, eu desisti. Aí descobri o Dylan e desencavei todos os seus discos e passei a ouvir muito folk, Byrds, até chegar o punk. Oba! Descobri uma razão para viver. Aí vieram Siouxsie & The Banshees, The Cure, P.I.L. Pintou a Aborto Elétrico (primeira banda punk de Brasília). Imagina você ter um conjunto chamado Aborto Elétrico, numa época em que você não podia ter nem conjunto. Uma vez perguntaram ao Fê, que hoje é baterista da Capital Inicial, se ele era contra ou a favor do Aborto Elétrico, como se fosse algum anticoncepcional a laser. *(Risos.)*

PAULO — Eu não fui afetado pelo punk, pois era um puta perfeccionista. Na época eu delirei muito com o primeiro disco do Beto Guedes.

RENATO — A gente precisa tomar cuidado com esses aí, que eles vivem pegando idéias da gente. Eu ia gravar "London, London" também... A gente tinha uma música chamada "Revoluções por Minuto"...

PAULO — Foi sem querer.

RENATO — É super, né? Supercoincidência. *(E, por coincidência também, pintam no som ambiente, em seqüência, "A Cruz e a Espada", do RPM, e "Soldados", da Legião).*

Dois poetas à espera do bonde perdido

O ex-crítico prepara o bote enquanto o ex-professor pratica o lançamento do disco

Fotos Claudia Dantas

EM PANOS LIMPOS

Ele chega em seu escritório londrino com vista para Soho Square e olha para seu Wurlitzer dos anos 50. Ele aperta "Be My Guest" de Fats Domino. O jukebox não toca.

Não importa. O charme e o sorriso de McCartney persistem, do mesmo jeito que persistiram durante um ano em que seu filme — *Give My Regards to Broad Street* — foi um completo fracasso, seu colega Michael Jackson passou-lhe a perna comprando os direitos sobre as músicas dos Beatles e o seu comentário de que John Lennon seria "um suíno cheio de artifícios", impresso, levou os fãs de Lennon à loucura.

Um álbum e um filme novos estão em andamento e o Beatle que mais falou e que mais se sente incompreendido está ansioso para colocar em panos limpos sua situação com Lennon.

Esta manhã ele recebeu um cartão de Natal de Ringo Starr. Paul tem menos contato com George Harrison, que passa muito tempo no Havaí. "Nós estamos sempre tentando nos dizer que está tudo bem, mas ainda tem o problema com uma companhia (Apple) que não existe mais desde 1969."

"Isso é o que eu mais quero de presente de Natal — mas eu não vou tê-lo neste Natal. Se nós resolvêssemos esse negócio, nos beijaríamos amanhã."

Isso fica para depois. Por enquanto há John Lennon, cuja morte fez com que McCartney tivesse que sustentar um relacionamento com uma lenda.

"Não estou procurando alguém que diga 'Oh, foi você quem fez isso ou aquilo' ", diz ele "Isso é besteira. É que eu amo a verdade e ela é rara hoje em dia."

Antes de mais nada, McCartney diz: "Eu amava John".

Esse era o ponto principal da mensagem que ele mandou para a viúva de Lennon, Yoko Ono, e o filho Sean, logo depois da publicação da observação sobre o "suíno", tirada de uma conversa feita há quatro anos.

A resposta de Ono por enquanto: o silêncio. "Se ela não entendeu (a mensagem) da primeira vez, espero que ela entenda agora", diz ele.

Então, McCartney, 43, está mais uma vez tentando fazer emendas, como ele fez depois de encolher os ombros e comentar "É chato, né?" no dia em que Lennon foi morto? "Eu quis dizer chato no pior sentido da palavra, mas quando li aquilo nos jornais eu pensei 'Oh, meu Deus!' "

Arranjos novos

A controvérsia foi alimentada durante os anos em que a dupla ficou separada, quando eles — especialmente Lennon — trocaram ofensas amargas e muitas vezes baratas.

"Mas eu tenho que admitir que John era especial. Eu me lembro de estar compondo uma canção para o álbum *Sargeant Pepper*. Eu já tinha escrito a maior parte, estava cantando 'It's getting better all the time...' (Está ficando cada vez melhor), e John completou 'It couldn't get much worse...' (Pior é que não podia ficar). Isso era típico de Lennon. Fez a canção."

Para o seu novo álbum, ele está compondo junto com Eric Stewart (ex-10 cc). O disco incluirá "Spies Like Us", que o diretor John Landis encomendou a McCartney para a comédia estrelada por Dan Akroyd e Chevy Chase. O clip da música traz McCartney — idéia de Landis — de volta ao famoso cruzamento da capa de *Abbey Road*.

Ele sabe que os fãs conservadores dos Beatles irão reclamar — como já fizeram com os arranjos novos para idolatrados sucessos dos Beatles que aparecem no filme de McCartney, *Give My Regards to Broad Street*. "São apenas canções", diz ele encolhendo os ombros.

Corajosamente, McCartney vai continuar com o filme que ele queria que os Beatles tivessem feito em vez de

Submarino Amarelo — um desenho animado musical com o Urso Rupert, um personagem de livros infantis ingleses. McCartney espera que o filme renove as críticas que dizem que seu trabalho é "açucarado".

Sorrindo, com seu rosto infantil apenas ligeiramente alterado por pequenas rugas no canto de seus olhos de cachorrinho, ele diz: "Há uma inocência nos trabalhos infantis que eu adoro. Me lembra como as coisas não precisam ser complicadas. Eu nunca tive vergonha de sentimentalismos, mesmo nos momentos em que eu sabia que isso não era muito 'cool'. Meus filhos não gostam disso. Eles dizem 'Paaaaai' ".

McCartney não descarta uma turnê nos Estados Unidos. "Geralmente me perguntam isso, baseados no fato de que John foi assassinado lá e no boato de que nenhum de nós se atreveria a dar uma turnê. Na verdade eu estou com tanto medo quanto sempre estive."

McCartney gostaria de usufruir do prazer sentimental — e financeiro — de possuir os direitos sobre as canções dos Beatles compostas entre 64 e 70. Só depois que Michael Jackson as comprou por 47,5 milhões de dólares é que McCartney soube das negociações de seu amigo, que vinham sendo feitas há quase um ano.

"Negócios são negócios", diz ele sem amargura, mas "bem que ele poderia ter me dado um toque. Eu gostaria de tê-las algum dia, particularmente canções como 'Yesterday', feitas só por mim."

Isso reabre o debate sobre quem compôs o quê. Por exemplo, Lennon diz que ajudou a compor "Eleanor Rigby" e que fez a melodia de "In My Life". McCartney diz que Lennon contribuiu para "metade de uma linha" de "Eleanor Rigby" e em nada para a melodia de "In My Life".

Segundo McCartney, a dupla decidiu "ser como Rodgers e Hammerstein, o que quer dizer que músicas que fossem totalmente minhas seriam consideradas co-escritas. Eu não me arrependo, mas meus herdeiros talvez sim".

Os anos que sucederam a separação dos Beatles foram os piores. McCartney causou o ódio dos outros por ter iniciado o rompimento legal.

O apoio veio por parte de sua esposa Linda, que também foi agredida — especialmente quando ela tocava com o grupo Wings, de McCartney. "Tudo começou tipo 'vamos dar umas risadas', e nós não percebemos que ela havia se tornado a tecladista de um grupo de fama mundial e que ela teria que ser criticada a esse nível."

"Ela enfrentou tudo muito bem, mas você sabe, ela é apenas uma garota. As mulheres não agüentam os traumas emocionais tão bem quanto os homens. Posso até estar fazendo um julgamento chauvinista, mas isso é um fato. Eu acredito que garotas são mais delicadas nesse aspecto."

McCartney descreve as crianças — Heather (do primeiro casamento de Linda), 22; Mary, 16; Stella, 14; e James, 8 — como "surpreendentemente normais atualmente".

A família vive uma vida tranqüila numa fazenda em Sussex. A dieta vegetariana reina — "lá todos os carneiros morrem de velhice".

Filosofia suja

Os vizinhos se juntaram à "conspiração" de tratá-los como pessoas comuns. Porém, ele admite que sua fortuna estimada em 500 milhões de dólares dificulta a normalidade do relacionamento.

"É por isso que nós começamos a compor. John e eu costumávamos dizer: 'Vamos compor uma piscina hoje?' O problema é que, quando você fica rico, isso começa a parecer uma filosofia suja e as pessoas esperam que você diga algo como: 'Eu não quero dinheiro'."

"Ser rico não é bom só para mim", diz ele. "Eu dou uma boa quantia para caridade. E eu posso ajudar meus amigos e familiares."

Mas o dinheiro não pode comprar o amor entre os Beatles restantes — embora McCartney diga que o fato de compartilharem a perda de Lennon tenha ajudado na "cicatrização" do relacionamento entre eles.

Lennon "Gostaria de deixar registrado que eu me incluo na lista das dez pessoas que mais amavam John."

"John era muito inseguro. Seu pai saiu de casa quando John tinha três anos, e ele passou a viver com um tio que morreu quando ele tinha cinco. E sua mãe foi espancada e morta por um policial bêbado em frente à casa de sua tia..."

"Ele era um cara amável que só queria sobreviver neste mundo."

Lennon como pai "Eu sempre tive pena de John. Estávamos num cruzeiro nas Ilhas Gregas, e eu brincava com Julian (o filho de Lennon) no deck do navio, quando John me disse Como você consegue fazer isso... com tanta emoção?' O engraçado disso é que eu sei que ele fez isso mais tarde com Sean, seu segundo filho."

Os Beatles "John costumava perguntar 'Aonde estamos indo, rapazes?' e nós respondíamos 'Ao topo, Johnny'. Uma das melhores coisas que os Beatles fizeram foi dizer que jamais faríamos uma turnê pelos Estados Unidos enquanto não tivéssemos uma música no primeiro lugar das paradas. E, quando fomos para lá, quando as pessoas tentavam nos rebaixar nós dizíamos 'Mas nós estamos em primeiro lugar'."

Sua aparência juvenil "Eu sou vegetariano, mas eu não sei se isso tem alguma ligação. Eu sou muito feliz com minha família e acho que isso tem muito a ver. Eu comecei a correr aos 40 anos e corro duas milhas todos os dias. Isso me lembra de quando eu era garoto. E eu escrevo muitas músicas, acho que isto me mantém jovem."

O que ele diz aos seus filhos sobre sexo "A coisa mais importante que eu digo é que eu sei como eu era quando tinha 16 anos... vamos colocar isto nos seguintes termos: eu era o playboy do mundo ocidental."

Suas composições favoritas " 'Here, There and Everywhere', 'She's Leaving Home' e 'Yesterday' — essa última é meu xodó."

Quem ele ouve "Atualmente, Talking Heads, e bastante Tears for Fears e Thompson Twins. Também curto Stevie Wonder, com quem sou fã, há muito tempo, de Bob Marley."

© USA Today
traduzida com
permissão

DURAN

DURAN

HISTÓRIAS DE FAMA E FORTUNA (PARTE II)

Em uma sala de projeção para pré-estréias da MGM, as luzes se acendem após a exibição do filme *Youngblood*, estrelando Rob Lowe e descrito pelo éstúdio — com uma certa dose de razão — como ''o *Rocky* do hóquei''. A turma do Arcadia estava assistindo, pois o pessoal do filme achava que eles poderiam fazer a trilha sonora. Todo mundo dá as mãos e se despede com educação. Mas, lá fora, na rua 56, Nick explode:

''Que montanha de *lixo!*''

''O roteiro podia ter sido feito por um computador'', goza Michael Berrow.

Todos nós vamos a pé até o estúdio de gravação onde, após nove semanas mixando, ''Election Day'' deve ficar pronta esta noite.

''Bem, terminaram ou não?'', pergunta Simon.

''Apenas temporariamente'', responde o técnico Ron St. Germain. ''Estamos apenas trabalhando nos *fades*'' (entradas e saídas graduais dos instrumentos).

A música é rodada duas ou três vezes a um volume ensurdecedor, acompanhada de um monte de conversas sobre ''passagens'' e ''sons de baixo''. E o clima, no final, é bem autocongratulatório.

''Estamos atingindo agora o nível que sempre achamos que poderíamos atingir'', diz Nick Rhodes.

''Vou te contar'', diz St. Germain, ''não foi nem um pouquinho fácil trabalhar nesta música.''

Desde o princípio, Nick não pára de me contar sobre o orgulho que sente com a música do Arcadia; de como ele tinha aprendido trabalhando com músicos convidados, como os guitarristas David Gilmour, Carlos Alomar e Masami Tsuchiya, o saxofonista Andy McKay e especialmente o percussionista David Van Tieghem; e do prazer que era ter gente como Sting, Grace Jones e Herbie Hancock participando em uma e outra faixa; de como ele sentia que o grupo estava (esta, a sua frase favorita) ''rompendo fronteiras''.

''Eu gostaria muito que você levasse essas músicas a sério, porque estamos realmente orgulhosos delas.''

Após correr para a festa de inauguração de uma loja no bairro do SoHo e chegar com tanto atraso que já limparam até as taças de champanhe, Nick Rhodes, sua mulher Julie Anne e eu damos uma entrada numa filial da Rizzoli's, a livraria favorita de Nick. Com Julie batendo o pé e resmungando ''vamos, Nick'', eu contemplo com espanto e (falando francamente) inveja como ele consegue gastar cerca de 500 dólares em livros, em cinco minutos. Livros de arte, a maioria. Um monte de coisas sobre o design Memphis, a América na década de 30 e Paris na década de 20. Ele paga com cartão de crédito e então corre até o hotel Morgan's na avenida Madison para despejar tudo e poder sair de novo.

Nos encontramos um pouco mais tarde no restaurante Odeon, na West Broadway. Eu mal acabo de sentar e Nick já está acenando. ''Andy! Andy! Junte-se a nós.'' Andy Warhol e Jean-Michel Basquiat sentam-se em nossa mesa. Nick me apresenta como repórter da *Face* e eu digo que gostei muito da entrevista de Fiona Russell Powell com Warhol na revista.

''Bem, eu preciso dizer para vocês que tudo que eu disse na entrevista é verdade'', diz Andy com um sorriso malicioso. Os leitores da *Face* talvez se lembrem que ele havia contado que se masturbava com fotos do Duran Duran, especialmente de Nick.

Ele vira-se para Nick: ''Nós não conversamos sobre isso, conversamos?''

Uma reportagem de Dave Rimmer *(The Face)*,
traduzida com exclusividade para BIZZ

Foto Dean Chamberlain/ Idols

Foto Gamma

Simon, os irmãos Berrow e um tripulante posam no convés do Drum

Nick sorri de volta: "Não, não conversamos".

"Simon falou comigo sobre isso. Ele ficou *louco*."

Nick está acenando outra vez. "Michael! Michael! Junte-se a nós." Michael Brandon e Glenys Barber sentam-se em nossa mesa.

Os quatro acabaram de sair da préestréia do novo filme de Martin Scorcese, *After Hours*, cujo elenco completo, junto com o diretor, estréia sentado em mesas próximas à nossa. "Eu não gostei", reclama Andy. "O final é estranho. Estranho *demais*."

Um pouco depois, Rosanna Arquette *(Procura-se Susan Desesperadamente)* — uma das estrelas do filme — sai de braço dado com Peter Gabriel. "Oi, Andy!", eles dizem. "Achei o filme *fabuloso*", responde Andy.

Ele vira-se para mim: "Sabe, é muito fácil falar mal de um filme, mas eles são tão *difíceis* de fazer. Difíceis *mesmo*. Eu gosto de tudo, para falar a verdade".

Jean-Michel Basquiat, que está calado desde que se sentou, rabisca um desenho em um guardanapo e o estende para Nick.

"Para mim? Obrigado."

Ele o agarra e rapidamente coloca no bolso. É um novo conceito, explica Andy.

"Pinturas de bolso. Sabe como é, obras-primas em miniatura."

"Richard está ficando grisalho", diz Michael Brandon.

"Richard quem?"

"Richard Gere."

Michael Brandon encosta-se para o lado. Richard Gere está logo atrás dele, na mesa seguinte. Em Nova York, eu concluo, as celebridades são como os arranha-céus. Não importa a mínima se você está interessado nelas ou não. Simplesmente *estão lá*. São algo para ver. Talvez não seja nenhum acidente o fato do Duran Duran sempre falar do quanto eles adoram o prédio da Chrysler.

* * *

Sempre houve tensão no Duran Duran. "Nós somos como uma família", é o que diz Simon. Mas todo grupo diz isso. E todo grupo, como toda família, tem suas briguinhas. Já é velha a rivalidade "quem-é-a-maior-estrela?" entre Simon e John. Em outro nível, Andy e Nick, o músico e o não-músico, o roqueiro e o fã de Brian Eno, sempre tiveram discussões acaloradas sobre suas visões sobre música e como fazê-la. Mais recentemente, nos últimos dois anos. Nick e John se distanciaram. Nick olhou para John e viu um socialite cheio de pose. John olhou para Nick e viu um pretensioso metido a artista. Nenhum dos dois conseguia mais enxergar o velho companheiro com quem tinha começado o grupo.

Daí veio o "racha", como Andy chama o momento em que todos "se cansaram de cinco anos vivendo uns nos bolsos dos outros" (uma expressão que os cinco usam). O único livre de todas as discussões parece ter sido Roger, que tanto trabalhou com o Power Station como integra o Arcadia.

Houve problemas também entre o grupo e seus empresários. Paul e Michael Berrow estão associados ao grupo desde que John e Nick entraram pela primeira vez em seu clube, o Rum Runner, com uma fita *demo*, procurando um espaço para ensaios e shows. À medida que o grupo foi se desenvolvendo, Michael Berrow vendeu sua casa para comprar um lugar para o grupo na excursão de Hazel O'Connor, abrindo os shows da cantora.

"Sobre o que você quer me perguntar, hein? Sobre o quê?" O tom da voz de Andy desafiava, como em uma briga

Vários milhões de libras depois, porém, tudo começou a azedar — cada membro estava com um advogado e um contador pessoal, sendo que Andy, particularmente, não queria mais nada com os irmãos Berrow. Embora todos os discos do Duran ainda saiam por sua companhia Tritec, da banda mesmo os Berrow só empresariam Simon e Roger. Uma atmosfera de desgaste parece nublar todos os negócios e, obviamente, a íntima associação de Simon com os Berrow no iate torna as coisas ainda mais complicadas. Especialmente quando todo o resto do grupo está unido e empenhado em fazer Simon esquecer seu barco e começar a pensar no novo LP do Duran Duran.

* * *

Sexta-feira, 13 de setembro de 85, Nick e Simon voaram para Paris para trabalhar no clip de "Election Day". No mesmo dia, John e Andy Taylor chegaram de Los Angeles, onde estiveram trabalhando no tema de *Comando para Matar*. Estiveram à noite em Nova York, apresentando um dos prêmio da MTV. Assim, com exceção do Live Aid, até então eu só tinha conversado com os membros do Arcadia. Estava desesperado para falar com John ou Andy e deixei recados por toda parte da cidade. John parecia estar me evitando de todas as maneiras possíveis, mas Andy conversaria comigo.

Eu o encontrei finalmente na festa depois dos prêmios na MTV, do Palladium. "Então, o que você está fazendo?" Ele estava cansado e desconfiado. "Sobre o que você quer me perguntar? Sobre o quê, hein?" Seu tom de voz era agressivo, como se estivesse me desafiando para uma briga. Ele me pediu para telefonar ao meio-dia, no dia seguinte. Ergui as sobrancelhas. Será que ele já estaria acordado?

"Já larguei tudo isso", disse. Realmente, um pouco depois, eu o ouvi pedindo um refrigerante.

* * *

"Você vai ouvir toda a amarga verdade hoje", Andy diz enquanto abre para mim a porta de seu quarto de hotel. Está vestido de jeans e uma larga camiseta branca, sem meias nem sapatos. Nem sinal da hostilidade da noite anterior. Depois que nos sentamos e começamos a conversar, vem tudo num só jato.

Ao final destes cinco anos, Andy se sentia manipulado e preso numa armadilha. Ele tinha de se afastar e trabalhar em seu próprio ritmo. "Só conseguir uma chance para tocar guitarra de uma maneira diferente, que foi a única razão pela qual entrei na banda, antes de tudo sair fora de nosso controle... Eu aprendi mais no ano passado que em todo o resto do tempo em que andei metido nesse meio... O Duran Duran era uma simples média, gente fazendo média. Quem era Nick quando nós começamos? É o que eu sempre pergunto... Nick tinha 17 anos e eu 19... Eu tinha 19 anos até três ou quatro meses atrás, para muita gente... E tenho uma mulher e um filho e quero vê-los... Acabei de mudar para Los Angeles e é a primeira vez em cinco anos que paro em algum lugar... É legal, Johnny Carson e Michael Jackson moram na mesma rua e as pessoas preferem ficar atrás deles do que de mim. Posso sair de casa sem estar representando uma cena de um

John Taylor, o socialite da banda, flagrado na tour do Power Station

Foto Roberts/ LFI

dos filmes dos Beatles... Numa grande banda, a proteção mais fácil é colocar os rapazes no centro e construir um grande muro em volta, e aí jogar tudo lá dentro. Jogar as mulheres, jogar as drogas. Deixar tudo lá dentro porque ninguém pode entrar e tocar ninguém. E eu não quero mais ser protegido como uma criança desse jeito..."

"O Duran Duran vai resolver tudo. Não é nada pessoal. Apenas fomos colocados onde não queríamos ser colocados. Se você liga um pouco para o que faz, está sempre querendo avançar e se provar. E, se o Duran Duran não me trouxer este desafio, eu trago, porque, você sabe, nós temos mais para dar do que esperam da gente..."

"É claro que estou preocupado com o maldito iate. Suponha que eu vá pilotar um jato sozinho, OK? É a mesma coisa. *Veja o que aconteceu*... Simon realmente gosta de barcos. Ele gosta de aventura, drama, perigo, tudo isso. Mas o barco, não sei, está meio coberto com essa loucura de rockstar. Eu sei que ele quer ganhar. Ele me disse que quer ganhar... mas eu não sei por que, bolas, *veja o que aconteceu*..."

"É isso que aconteceu com o Duran Duran. O iate afundando é apenas um reflexo do que aconteceu com o Duran Duran: coisas demais feitas rápidas demais e aí você acaba se esborrachando. O show de caridade em Aston Villa. As mesmas pessoas que o organizaram... Veja você que tudo que eu fiz para estes caras, os Berrow, foi vender discos. E aí eles saem andando e brincando em iates..."

"Roger é muito sensível e quieto. Ele guarda tudo dentro de si. O que eu quero dizer é... veja o que aconteceu com o cara. Ele comprou uma casa em Londres e não pode morar nela porque está sempre entupido de garotas lá fora. Então agora ele tem de vender a casa e comprar outra no campo, onde possa se esconder. Eu não acho que haja nada que possa compensar isso. Eu poderia largar tudo amanhã. Quase fiz isso, há pouco tempo. Pensei comigo mesmo: 'Que vá tudo para o inferno, eu posso muito bem ficar só compondo e produzindo'... Tudo isso tem um efeito sério em minha vida pessoal. Principalmente com um filho... 'Não esqueça de mostrar a ele minha fotografia', é nessa base quando fico três meses fora de casa. É melhor esquecer tudo... Nossa vida pessoal está em farrapos atualmente, comparada ao que poderia ser..."

"Não acho que seja de grande importância para o mundo, ou qualquer pessoa, saber quando o Duran Duran começa a gravar seu disco. É esse o problema. Chegou num ponto em que vêm te entrevistar porque você está *começando* a fazer um disco... Uma das coisas com o Duran é que muita gente pode pegar carona com a gente. E ninguém quer se arriscar a perder dinheiro se não atendermos a todos os pedidos para fazer isso e aquilo. Todo mundo já ganhou o suficiente com a gente. Mas, agora, até elas mudarem de atitude em relação à gente, podem se f... não vão arrancar nada de mim..."

"Eu amadureci em público. Eu casei em público. Eu tive um filho em público. Terei outros em público. E, se o Duran continuar, vou acabar morrendo em público. É a obsessão por si mesmo: eu, eu, eu, eu, eu! Não se pode ter qualquer moral quando se está em ascensão. Mas, quando você finalmente enriquece, aí a consciência chega. Você se sente culpado por ter tanto, quando há tanta gente passando fome... Mesmo coisas como pensar duas vezes antes de demitir alguém porque talvez o cara tenha mulher e filhos..."

"O que eu fiz uma vez foi botá-lo para amarrar os cadarços dos meus sapatos", diz Simon de seu secretário

"Nós sempre dissemos que essas coisas eram políticas, mas não falamos sobre política porque não somos uma banda política. Mas venho de uma família de classe operária e esse pessoal está entrando pelo cano... Meu Deus, e eu quase votei no Partido Conservador nas últimas eleições por causa do maldito imposto de renda! Que fundamento estúpido para basear um voto... e você sempre pode sair do país, o que é mais egoísta de tudo..."

"Ter filhos realmente faz você pensar nessas coisas... Eu passo horas, *horas* ensinando ao garoto coisas simples como comer purê de batata sozinho... É tão legal de manhã quando ele acorda — agora ele já está andando — e chega para você e diz 'da-da'. Também faz você dar um tempo nos prazeres químicos, posso te contar... Tive de parar de varar a madrugada em festas, mas isso é preenchido pelo prazer de estar com minha mulher e o garoto. Não sinto saudades de nada."

Ficamos conversando assim por um bom tempo. Andy se prepara para sair. Calça os sapatos. Veste um longo casaco preto de Jean-Paul Gaultier. Cobre seus olhos com um Wayfarers preto. Seu secretário, Matthew Jeatt, chega. De repente, Andy, o homem, se transforma em Andy, o pop star. Nos despedimos no saguão, e Andy entra em uma longa limusine preta com janelas de vidro fumê que arranca pela avenida Madison, curiosamente deserta nesta tarde de sábado.

* * *

Até agora a conversa tem girado em torno da diferença entre as trufas brancas e as negras e a possibilidade de se alugar Ferrarris no sul da França. Estamos em Paris, um sábado, 21 de setembro, a manhã após o quinto e último dia das filmagens do clip para "Election Day", que já custou 300 mil libras. Mais especificamente, estamos no Bar Anglais do hotel Plaza Athenée, assim chamado porque é todo coberto de xadrez, gaitas de foles e outros objetos típicos da Escócia.

Simon Le Bon atende a corte. Ele é recebido pela namorada Yasmin, Koo Stark e seu marido Tim Jeffries (com quem Simon e Yasmin estão para partir para Cannes em uma semana); o relações-públicas do Duran, Nick Underwood; um jornalista e um fotógrafo do *The Mirror*, para quem Simon se exibe escandalosamente.

"SIMO-O-O-ON!", ele grita abruptamente. Seu secretário, Simon Cook, acaba de sair do bar. *Silêncio*. Ouve-se então o som de passos se aproximando obedientemente de uma certa distância. Simon Cook entra em uma zombeteira pose de alerta e assume uma expressão servil. *Timing* perfeito. Todo mundo cai na gargalhada.

"Ele é tão bom, o Simon, tão leal", diz Le Bon, após tê-lo mandado fazer alguma coisa. "É bom ter alguém assim. Somos tão preguiçosos. E podemos fazer essas coisas *(faz a mímica de quem cai nos braços de outra pessoa):* 'Me carregue até o carro!' Eu fiz isso uma vez. Não, não é verdade. O que eu fiz uma vez foi fa-

Foto Lawry/ LFI

O recém-casado crooner do Duran, amante dos riscos em alto-mar

Nick Rhodes, tecladista e mentor do Arcadia, na excursão de 1984

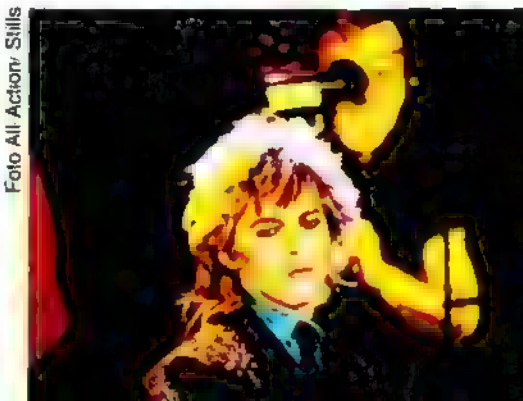


Foto All Action/ Stills

Foto Star File/ Stills

O Duran Duran e o Culture Club na coletiva em que anunc aram o show conjunto

zer ele amarrar os cadarços dos meus sapatos, só para testar o grau da sua lealdade. Ele amarrou... e depois deu uma dentada no meu pé.''

Tudo mundo cai na gargalhada outra vez.

''É genial poder testá-los: 'Limpe o meu traseiro!' '', Simon solta um risinho. ''Para falar a verdade, a gente faz bem em evitar que as conversas cheguem na palavra 'bunda'.''

Ele coloca um par de óculos escuros.

''Vocês não acham que esses óculos me deixam parecido com o Aristóteles Onassis?''

''Parece'', diz Yasmin. ''Ele parece com Aristóteles Onassis.''

''Já que estamos evitando a palavra 'bunda' '', diz Tim Jeffries, ''não vou dizer com que você se parece.''

Desta vez é Simon quem ri mais alto.

''Uma vez eu saí na capa desta revista chamada *Face*. Vocês conhecem?''

Todos dizem sim. ''Eu *amo* a *Face*'', solta Koo.

''Bem, eles me puseram na capa'', Simon continua, ''e alguém escreveu uma carta dizendo: 'Se sua revista é chamada *Face*, por que puseram um bundão na capa?' Eu achei *sensacional!*''

* * *

Ao lado do portal da Marina Camper & Nicholson, em Gosport, há talvez cinqüenta ou sessenta pessoas do Grupo Anti-Apartheid de Portmouth, acenando faixas, distribuindo panfletos e cantando: ''Nada de racistas na corrida, acabem o apartheid agora!'' É sábado, 28 de setembro, a Corrida Whitbread em Volta do Mundo — primeira parada, Cidade do Cabo (África do Sul) — vai começar.

''Vocês digam ao Simon Le Bon para aparecer aqui fora'', diz um dos integrantes da manifestação para mim. ''Nós gostaríamos de ter uma palavrinha com ele.''

John e Simon dub am ''A View to a Kill'' no Rose D'Or (Montreux, maio 85)

Foto All-Action Stills

''Como ele se sente'', pergunta outro, ''vendendo discos na África do Sul, quando lá há pessoas sendo estraçalhadas?''

Há muitas outras pessoas rondando o pontão onde está ancorado o iate Drum: fãs, fotógrafos etc. Tanta gente, aliás, que o pontão parece que vai afundar. Cerca de 70 pessoas estão no convés do iate. Michael Berrow está na tripulação. Paul Berrow e Simon Le Bon, seus parceiros na companhia Astute Assumptions, que levantou a quantia de 1 800 000 libras, necessária para construir e manter o iate, estão aqui para ver a partida.

''Nós estávamos sentados, há uns seis anos, no restaurante do Rum Runner, conversando sobre grandes aventuras'', é como Paul Berrow fala das origens do projeto do barco. ''Ou sentar na Lua ou dar a volta ao mundo da Whitbread.''

Os dois Berrow eram aficionados em iates em sua adolescência, antes de abrir em Birmingham o Rum Runner como uma resposta ao Studio 54 de Nova York. Simon veleja desde os nove anos de idade. Os três juntos brincaram com a idéia durante um bom tempo, antes de começarem a levá-la a sério, há cerca de dois anos. Tipicamente, talvez, deixaram tudo para o último minuto antes de fazer qualquer coisa, e conseguiram concluir o projeto em tempo recorde.

Aí então, em Fastnet, em agosto, quando estavam começando a correr com o iate, a quilha caiu. Foi preciso várias semanas e mais 300 mil libras para colocá-lo de novo em forma para a Corrida Whitbread.

''Demorou um bom tempo para a gente se entender com a coisa'', diz Simon sobre o acidente. ''Um bom tempo para... *acalmar*. Já passei por grandes depressões por causa disso e já passei pela fase do 'graças a Deus estamos vivos!' Mas você descobre os reais valores, descobre o que realmente importa, bem rapidinho, quando está debaixo d'água. Eu e minha vida, minha namorada, minha família, meus amigos... Quando levantaram, na entrevista coletiva, o... *supérfluo* assunto do prejuízo financeiro, apenas pensei: não importa. OK, todos nós precisamos de dinheiro para viver, é preciso dinheiro para um iate, mas além disso eu tenho algo que tem muito mais valor.''

O início da corrida, que eu observo da lancha que Simon alugou só por este dia, é muito mais excitante do que eu tinha imaginado. Uma leve névoa cobre o Solent; centenas de barcos espectadores de todos os tamanhos e formatos. Helicópteros sobrevoando. Canhões atirando. Os mastros dos grandes iates apontando para o céu. O Drum abrindo caminho do terceiro para o primeiro lugar com a nossa lancha festejando no seu rastro.

Nós seguimos o Drum por cerca de três horas, bem depois do último barco espectador ter voltado para a costa. Só demos meia-volta porque Simon tem de pegar um vôo e sair do país antes da meia-noite.

''Eu me sinto fabuloso'', ele diz. ''Estou tão feliz. A única coisa é que eu queria estar no barco. Mas não dá. Eu sei que não deveria, porque se você tem um plano e começa a mudá-lo você acaba cometendo erros e f... todo mundo. Mas, de qualquer forma, não é proibido sonhar.''

Na volta, Paul Berrow me conta sobre os planos dele e de Michael de arrumar patrocínio para uma série de grandes prêmios (corridas de iate ao redor do mundo). ''Nós levamos este esporte a sério, você sabe.'' Já arrumaram um patrocinador para o Drum na parte final da corrida. Também estão planejando lançar no mercado ''roupas esportivas para pessoas de mente aventureira'', usando o Drum como griffe. Cosméticos também. A mim, me parece que eles já estão arrumando algum negócio para tocar no caso de o Duran Duran finalmente escorrer pelos seus dedos.

Simon aproxima-se para conversar sobre os manifestantes anti-apartheid. ''É uma vergonha. O apartheid é... *um verdadeiro baixo astral, cara*. É mesmo. Mas acho que estão errados em dizer que esta corrida dá força ao apartheid. É apenas um fato aceito entre os barcos, você tem de passar. E a Cidade do Cabo é o melhor lugar para parar... Mas eu certamente não apóio o apartheid. É de dar nojo, é uma hipocrisia e uma violência.''

De volta à terra, um grupo de fãs está esperando por Simon. ''Onde está o iate? Onde está? Ele saiu em primeiro! Ele vai ganhar! Ele tem de ganhar!'' Todas pulam para cima e para baixo de excitação. De uma hora para outra as duranies se transformam em drumies.

Enquanto Simon passeia pela marina para ver se acha seus pais, as fãs vêm correndo atrás. ''Simo-o-on, nós amamos você!'' Ele desiste e procura fugir, entrando no carro. ''Simo-o-on, quando sai o novo LP do Duran?''

''Eu não sei'', ele grita de volta depois de dar a partida. ''Eu simplesmente não sei.''

BONO

Foto Rapoport Spa Press

HEWSON

U2

U2

é a melhor banda do mundo. Esta é a opinião dos leitores da BIZZ, que também elegeram Bono como melhor cantor de 85 e The Edge o segundo melhor instrumentista. "Pride", carro-chefe do último LP do grupo, *Unforgettable Fire*, foi escolhida como melhor música do ano passado, apesar da execução relativamente escassa em AMs e FMs. A popularidade do U2 cresce, e já se fala na vinda deles ao Brasil. Primeira constatação: eles são um fenômeno.

Em 80 lançaram seu primeiro LP, *Boy*, que chegou a aparecer no Brasil no mesmo ano. Isto já aconteceu antes: grupos que tiveram trabalhos lançados aqui, sem maior repercussão, e que depois de alguns anos, meio que de repente, "surgem" no mercado brasileiro com força total, graças ao sucesso de suas aparições públicas em shows e clips pelo mundo inteiro (vide Dire Straits e Tina Turner). O U2 teve uma grande vantagem sobre seus concorrentes na votação dos leitores. O grupo nunca dependeu de badalação da crítica ou de colunas sociais. Segunda constatação: a música deles é forte. Basta ouvir para se convencer de que o U2 é uma das grandes bandas de rock da atualidade.

Estilo e energia são coisas características em cada um dos integrantes: The Edge, o campeão dos harmônicos na guitarra, Larry, o baterista, Adam Clayton, o baixista, e Bono, o dono daquela voz de adolescente inconformado — ou apaixonado, não importa. O que importa é que a fé remove montanhas, lota estádios e vende discos. Da fé *de* Bono surge a fé *em* Bono, já que ele é do tipo de gente que dá a impressão de que realmente *sente* o que diz. Terceira constatação: Bono é uma das razões do sucesso do U2.

Bono Hewson (batizado como Paul Hewson) é um jovem tagarela de 25 anos, nascido em Dublin, capital da Irlanda. E católico fervoroso, e suas convicções fizeram com que se juntasse aos Artistas Unidos Contra o Apartheid na elaboração do LP *Sun City*. E o grande responsável pela faixa "Silver and Gold", a segunda do disco a entrar em listas de paradas. A música fora incluída às pressas no LP, depois de gastar a irrisória quantia de quarenta e oito horas de estúdio para gravação, mixagem e edição. "Silver and Gold" é uma composição conjunta de Bono com Keith Richards e Ron Wood, ambos dos Rolling Stones, mas o mérito maior fica mesmo com Bono. Afinal, contra o apartheid, o que vale é o discurso e a credibilidade que este inspira. Além de tudo isso, Bono ainda teve tempo para participar das gravações do mais recente *single* do grupo irlandês Clannad. O nome da música é "In a Lifetime", na qual Bono realiza um belíssimo dueto com a cantora Maire Brenan.

OK, pessoal, falamos em *fé*, mas Bono é como nós: um jovem com coisas a dizer, e que já disse algumas coisas importantes ao longo de sua carreira...

Silver and Gold

É a primeira canção que eu escrevo sob o ponto de vista de uma outra pessoa. As canções do U2 surgem todas do meu ponto de vista, mas esta foi escrita na terceira pessoa. Também é a primeira canção que escrevo que é influenciada pelo blues. Eu toquei guitarra com meus pés microfonados do jeito que os antigos *bluesmen*, como Robert Johnson, faziam. E eu ficava batucando no corpo da guitarra para manter o ritmo.

A idéia da letra surgiu com uma citação sobre um boxeador, com a imagem de um lutador no seu canto sendo repreendido pelo seu treinador. É um esporte que eu vinha acompanhando com interesse no ano passado. Eu considero vários aspectos do boxe muito sórdidos, mas aquela imagem era muito boa para a música.

War

Eu penso no LP *War* como se fosse nosso primeiro LP. *War* pôs fogo nessa música tipo *papel-de-parede* que existia por todos os lados. Todo mundo faz músicas que não falam de nada, de coisa nenhuma. *War* foi um tapa na cara de um monte desses popstars que andam por aí.

Influências

Não temos nossas mentes infestadas de escalas de blues, como é o caso em muitos músicos de outras bandas. Quando íamos à escola, estudávamos música com um *expert* em música renascentista; acho que várias idéias nossas decorrem do interesse por essas coisas.

No começo ouvia as bandas inglesas e dizia: "Eu não tenho nada a ver com *isso*". Mas com as bandas de Nova York, como Television, Patti Smith e Talking Heads, a história era outra.

Eu estou sempre procurando um *fator X* em música; é aquela sensação de que o músico está dando tudo de si. Eu tenho isso graças ao John Lennon e ao Bob Dylan. Eles nunca tentaram se esconder. E eu tento ser honesto comigo mesmo e com meus sentimentos. Eu dou tudo de mim.

Foto Rapoport/Spa Press

Bono refletindo: haverá paz no mundo?

Bono no palco: sangue, suor e lágrimas...

BONO
HEWSON

Os músicos

The Edge é o *cabeça* do grupo. Adam e Larry são o ritmo, o beat, os *pés*. As pessoas dizem que eu sou o *coração*, porque sou tão emotivo.

The Edge é um gênio. É um herói da *anti*-guitarra. Ele nunca pratica. Apenas pega na guitarra em *ocasiões* formais. Ele raramente sabe das horas ou em que dia da semana está, e às vezes passa um dia inteiro sem se lembrar de comer.

Adam está mais ligado ao circo do rock'n'roll. Ele raramente volta para casa de noite. Adam é um *gentleman*, no sentido literal da palavra. Ele adora *brandy* e charutos.

Adam e Larry são completamente opostos. Larry não dá entrevistas a não ser a fanzines. Ele quer fazer música *sem* os compromissos de quem está numa banda.

Rock

Em 76, eu acreditava ingenuamente que poderíamos destruir o clima de estrelismo que prevalecia na época. Hoje eu constato que elitismo e pose são ainda piores do que eram em 76, e piores ainda nas bandas que *surgiram* em 76. O número de pessoas que se escondem atrás de cortes de cabelo, máscaras e imagens aumenta cada vez mais.

Assim como outras pessoas, nós saímos da linha algumas vezes, e nos demos muito mal. Nós caímos o mesmo número de vezes que levamos para nos erguer de novo. Elvis Costello me disse recentemente que o U2 caminhava sobre uma corda bamba e caía do mesmo jeito que conseguia se segurar. E ele me disse que nos admirava por

Foto Spa Press

U2. Bono, Larry, The Edge e Adam Clayton

Foto Ebet Roberts/ LFI

Ao vivo com o U2, no estúdio com o Clannad ou com os Artists United Against Apartheid: sempre a mesma garra

isso — são poucos aqueles que andariam sobre uma corda bamba.

África do Sul

Sou como uma pessoa qualquer. Eu assisto TV e leio os jornais, mas realmente não sei o que acontece, principalmente num lugar como a África do Sul. Eu realmente não sei. Eu sou tão alienado e imbecilizado como qualquer pessoa.

Uso minhas canções como um jeito de alertar a mim mesmo. Do mesmo jeito que alguém espeta um alfinete numa perna que adormeceu.

O começo

Nós construímos o grupo partindo de uma faísca, uma química. Não éramos grandes músicos; éramos quatro pessoas completamente diferentes mas com muito amor um pelo outro. O *grupo* já estava lá, antes de tudo.

Quando começamos, eu era guitarrista, junto com The Edge, só que eu não sabia tocar guitarra. E eu ainda não sei. Eu era um guitarrista tão ruim que um dia o resto do grupo insistiu para que eu começasse a cantar. Eu já tinha tentado antes, mas não tinha voz nenhuma. Me lembro do dia em que descobri que sabia cantar. Eu disse: "É *assim* que se faz".

Não éramos uma banda punk. Éramos barulhentos e agressivos, e as pessoas diziam: "É... são punks". Mas aí passamos a usar o nome U2 para nos diferenciarmos do gênero Sex Pistols, Clash, e de coisas como Led Zeppelin, para que as pessoas ouvissem o nome e perguntassem: "Que tipo de banda será essa?"

Keith Richards

Richards é do tipo de gente que dá a impressão de estar num mundo próprio, mesmo estando do outro lado do quarto — e na realidade ele está sempre bem ligado no que está acontecendo. Ele é um homem que possui toda a infâmia e fortuna que alguém possa desejar, mas tudo isso representa muito pouco para ele.

A música é o que importa para Keith. Se você gosta ou não dele, tanto faz. O que importa é que ele não mordeu a isca e não se tornou medíocre como tantos outros.

BONO
HEWSON

As letras

A música não tem sentido enquanto não for movida pela paixão das letras; o clima da canção é o que passa *para fora* da banda.

Estou mais interessado em criar uma atmosfera ou um clima do que em contar histórias do tipo "João encontrou Maria etc..."; do mesmo jeito que as coisas demoram para aparecer, elas demoram para afundar, para perder o sentido. Boa parte da razão pela qual as pessoas gostam mais do U2 um ano depois de o terem ouvido pela primeira vez é justamente porque demora até as pessoas captarem o sentido da coisa.

Os outros membros do grupo confiam em mim, e sabem que jamais cantaria algo que não tivesse vindo do meu coração. Esta é a diferença entre uma e noventa e nove bandas. Eu gosto de ir fundo nas coisas que sinto, fazendo as letras quando estou no micro!

Foto Ebet Roberts/ LFI

Bono começou tocando guitarra no U2...

Foto Retna/ Sipa Press

...e hoje é o mentor espiritual do grupo

BONO HEWSON

tando os pedaços depois. Eu sempre acho um nexo.

Recentemente eu tentei explicar a alguém as razões pelas quais eu estou interessado no princípio da *rendição*. Uma das razões que me levam a ter interesse por um homem de paz como Martin Luther King é que eu sou exatamente o *oposto*. Eu me interesso por conceitos como o de *oferecer a outra face*, justamente porque eu mesmo só seria capaz de responder provocando um olho roxo. Eu sou o oposto das minhas canções — não sou, de jeito nenhum, um modelo de comportamento.

Unforgettable Fire

O nome *Unforgettable Fire* (Fogo Inesquecível) foi tirado de uma exposição de pinturas, desenhos e textos elaborados pelos sobreviventes de Hiroxima e Nagasaki. Os trabalhos foram feitos por pessoas de todas as idades, amadores e profissionais, e a exposição era uma espécie de tesouro artístico do Japão. Nós entramos em contato com eles graças ao Museu da Paz de Chicago, porque participávamos de uma mesma exposição em 83, chamada *Give Peace a Chance*.

As imagens das pinturas e os textos me impressionaram tanto que não conseguia tirá-los da minha mente. A influência disso tudo no disco é subliminar, mas eu descobri, à medida que as gravações iam avançando, que essa imagem do *fogo inesquecível* não tem a ver só com devastação nuclear, como é o caso em "A Sort of Homecoming", mas também com o *fogo inesquecível* de um homem como Martin Luther King, ou o fogo devastador que é a heroína. Assim, essa imagem acabou tendo vários significados para mim, mas o nome vem mesmo da exposição.

Em relação às críticas negativas, tenho a dizer o seguinte: acho que se *Unforgettable Fire* fosse nosso primeiro disco, ou se as pessoas não tivessem noção do trabalho anterior *(War)*, então este disco estaria sem dúvida no topo de suas listas de discos preferidos, pois eu acho que o clima do disco é muito interessante. Se aparecesse um grupo novo com este LP, todo mundo estaria falando neste grupo. E eu acredito que um monte de gente deposita suas aspirações e suas esperanças dentro do rock' n roll no nosso grupo — em vez de içarem suas bandeiras, eles querem que nós as carreguemos.

Você tem que dedicar um bom tempo para ouvir o *Unforgettable Fire*, não pode apenas pôr a agulha nos sulcos e esperar que ela dance por você — as coisas não são assim. Gostaria que elas fossem assim, mas aí não seriam com *este* disco. Vários fãs do U2 agiram tipo "estou louco para ouvir esse disco; já falei dele para todo mundo". E então, quando ouviam o disco, esperando pela superbanda, se decepcionavam, porque na verdade nós não tínhamos escolhido esse caminho. É um disco bem mais lento e sedutor. Os que ouviram o disco com atenção ou sem preconceitos devem achá-lo seu disco predileto.

Os produtores

Martin Hannett — Produzimos nosso primeiro disco (o EP *U2-3*)

Foto Camera Press

Graças ao mercado comum europeu, um irlandês pode curtir uma cerveja holandesa...

Foto Ebet Roberts/ LFI

...e comprar instrumentos que não sabe usar

com ele. Lá em Dublin, de onde viemos, as pessoas adoram o disco. Elas dizem: "*Isto* é U2, e não o que está nos LPs". Hannett era o produtor do momento, e ele estava ficando tão famoso que esse disco se tornou para ele apenas um passatempo.

Steve Lillywhite — Nós queríamos nos distanciar dos grupos que faziam música sem alma ou coração, sem grandeza de visão, e com tudo soando bem miúdo, tipo "tick-tick-tick". Para conseguir um som cinematográfico, de tela grande, som Panavision, nós escolhemos Steve Lillywhite. Nós sabíamos que ele tinha toda a tecnologia para fazer isto.

Brian Eno/Daniel Lanois — Quando Eno nos procurou para conversar sobre o *Unforgettable Fire*, ele falou sobre o lance do *rock'n'roll com piscadela*, sobre como o rock tinha virado uma paródia de si mesmo... e sobre como ele só poderia ser aceito acompanhado de uma piscadela. A música branca é que é o problema, ela é a camisa-de-força. Pessoas brancas com seus ternos e gravatas — que eles usam escondidos sob suas camisetas rasgadas — têm medo de tirar suas calças em público. E alguém tem que tomar uma atitude, tem que "estourar essa bolha". Nós já nos libertamos, mas tem gente que não está fazendo a música que poderia estar fazendo. Alguém tem que piscar para estas pessoas.

Na época nós estávamos numa encruzilhada. Poderíamos ter virado à esquerda ou à direita, mas queríamos mesmo seguir em frente, e eu acho que Brian Eno e Daniel Lanois nos ajudaram a fazer essa nova partida.

Essa partida era uma continuação e, por isso, começamos a gravar em formação de improviso, com guitarra, baixo e bateria. Queríamos trazer atmosfera ao rock'n'roll, *dar* algo a mais do que apenas pegar o que já existe. Pintaram algumas regressões, assim como progressões. Estávamos voltando, uma volta a um objetivo original, que era justamente aquela história do Eno, de que um sussurro pode soar mais alto do que um grito. Eno e Lanois nos ajudaram a fazer isto, e eles estiveram presentes na transição de outros grupos como os Talking Heads ou David Bowie, a quem Eno ajudou a ressuscitar, depois que ele chegou em Berlim morto após sua *funk-trip*.

BONO
HEWSON

Shows

Eu me lembro do nosso primeiro concerto nos EUA. Foi no Mudd Club de Nova York, quando as pessoas chegavam e diziam: "Vai ser interessante quando vocês tocarem no Madison Square Garden". Na época, isso representava tudo o que éramos contra, principalmente depois que eu assisti ao concerto de Bruce Springsteen no estádio de Wembley. O engraçado é que hoje em dia eu curto esses lugares enormes — em vez de espelhos pintados, agora nós temos *pessoas*... é isso aí... *pessoas*! E nós estamos fazendo música *grande*! Quando tocamos "Pride", a coisa toda é tão contagiante...

Mas nós somos a antítese dessas grandes bandas de rock'n'roll. Não se trata de mais uma banda traçando o caminho tradicional do sucesso. Trata-se de uma banda de garagem que deixou a garagem. Nós somos a primeira de uma determinada geração de bandas, não é a

Foto Star File/ Stills

Bono e Stevie Van Zandt (guitarrista de Bruce Springsteen e produtor do Sun City*)...*

Foto Vinnie Zuffante/ Stills

...cantando juntos contra o apartheid

BONO HEWSON

geração dos Pistols ou do Clash, mas a geração daqueles que assistiam aos seus shows.

Fama

Eu acho que aplauso é uma coisa boa, e acho que as pessoas deveriam se aplaudir mais. É por isso que os shows de rock são tão animados. É porque um monte de pessoas está aplaudindo outras.

Mas eu acho que algumas pessoas não entendem a coisa. Em Sidney (Austrália), havia pessoas acampadas na escada de incêndio do lado de fora do meu quarto no hotel. Os outros integrantes do U2 também passaram por isso, e eu achei que aquelas pessoas tinham pisado na bola. Eu acho que, se as pessoas querem me tratar com respeito, elas devem me tratar como *gente*. O grupo todo se sente assim. Larry particularmente detesta se sentir como uma coisa da qual se pode tirar um pedaço para recordação, e na Austrália ele quase teve um colapso. Todos gostam de concertos animados, gostam de ser *fãs*, mas quando isso vira *vampirismo*, aí a coisa fica difícil.

As pessoas me perguntam sobre o que eu acho dos grupos que copiam o nosso som. Eu acho que, se eles copiam o *espírito* do grupo, então não copiam o nosso som, porque o espírito do grupo é a preservação dos valores *individuais*. E as pessoas devem se dirigir a mim como se dirigem a um indivíduo qualquer, e é por isso que eu tento evitar maiores responsabilidades. Se as pessoas te procuram para isso, então elas estão negando a responsabilidade que têm pelas próprias vidas.

Podemos ser *o futuro do rock'n'roll*, mas e daí? Sempre que volto para Dublin, o fato de eu pertencer a uma banda famosa não representa mais do que uma distração para a minha namorada — e meu pai ainda grita comigo quando não lavo a louça antes de ir para a cama.

Eu não quero que as pessoas se aproximem de mim ou de qualquer outro membro do grupo como se estivessem se aproximando de um deus ou de um guru. Quando eu me olho no espelho eu dou risada porque eu sei quem sou. Nós crescemos em Dublin, e as pessoas lá nos conhecem como os panacas que somos. Eu gosto quando estou andando pelas ruas de Dublin e alguém diz: "Veja, aquele é o Bono", e um outro responde: "E daí?".

O futuro

Nós estamos nos aproximando de onde queríamos chegar. Eu ainda não sei onde exatamente é isso, mas algo me diz que estamos bem próximos.

Nunca estivemos tão sedentos de música como agora. Neste sentido, nós não nos vendemos. Sempre recebemos propostas, e os corruptos estão sempre por perto para formalizar, enlatar e congelar nossa música. Fama e fortuna nunca foram nossos objetivos finais, e é por isso que nós achamos que ainda não alcançamos nossa meta derradeira. Como grupo, eu acredito que apenas acabamos de nascer. Adam resumiu isso muito bem, quando afirmou que nós levamos os últimos cinco anos para *aprender* a ser U2 e que levaremos mais cinco para descobrir o que o U2 *pode fazer*.

A REVISTA BIZZ APRESENTA

DIA 8 NAS BANCAS

ÍDOLOS DO ROCK

Uma edição com a história dos maiores ídolos do rock'n'roll: U-2, Iron Maiden, Bruce, Ozzi Osbourne, AC/DC, David Bowie, Cyndi Lauper e muitas outras feras. E você ainda leva **90 adesivos grátis.**

DIA 15 NAS BANCAS

BIZZ DIRE STRAITS

Um super-poster de 81x55, com Mark Knopfler e a moçada do conjunto. No verso do poster, uma matéria traz a história da banda, com fotos, e a discografia completa.

DIA 22 NAS BANCAS

BIZZ LETRAS TRADUZIDAS

27 letras traduzidas, pra você curtir ainda mais os sons que fazem a sua cabeça: David Bowie, Jim Diamond, U-2, Lionel Richie e muitos outros nomes do pop internacional.

EDITORA ABRIL

Heavy Metal

Ilustração Cleber V. Garcia/ Foto Estúdio Abril

Foto Simon Fowler/LFI

Tony Iommi, a guitarra do Sabbath

* O baixista **Geezer Butler** andou compondo muito nesse espaço de tempo em que andou parado por causa dos impasses no Black Sabbath quanto a uma formação definitiva desde a saída de **Ian Gillan** e o fracasso do vocalista **Donato.** Para Geezer, o Live Aid, em 85 (onde o Sabbath se apresentou 15 minutos com sua formação original), foi sua última participação na banda, "que, devido a tantas mudanças, não tem mais razão de seguir carreira" (N.A.: Também acho). Como se sabe, Geezer tem trabalhado suas novas composições com gente nova: **Pedro Howse** (guitarrista), **John Mee** (bateria) e **Richie Callison** (vocal). Somente Pedro deverá ficar com ele na formação do grupo, que conta com o auxílio do empresário **Rod Smallwood** (também Iron Maiden), que tentava no início do ano conseguir a gravação de um LP de estréia seguida de uma turnê.

Já Tony Iommi pensa de outra forma e, assim, aí vem **Black Sabbath Featuring Tony Iommi** com o LP *Seventh Star*, lançado pela Warner nos EUA e pela Vertigo no Reino Unido, gravado em Los Angeles com produção de **Jeff Glixman** (ex-Saxon). Além de Iommi na guitarra solo, o disco traz **Dave Spitz** (baixo), **Eric Singer** (bateria), o tecladista **Geoff Nichols** (já andava tocando no Sabbath) e retorno a gravações do baixista **Glen Hughes** (aquele ex-Purple) apenas como vocalista.

* Produzida por **Chris Tsangarides,** surge nova pauleira em Los Angeles através da MCA: é o **Driver,** contando com **Rudy Sarzo** no baixo (ex-Ozzy e Quiet Riot), o veterano de tantas bandas **Tommy Aldridge** na bateria, o guitarrista solo **Craig Goldy** (ex-Giuffria) e o desconhecido **Jeff Fenholt** como vocalista.

* Depois da estréia em casa nova (EMI/Parlophone) com o LP *Innocence Is No Excuse*, o **Saxon** lançou agora um disco 12 polegadas contendo uma faixa do álbum, "Rock'n'roll Gipsy", e a inédita "Krakatoa" de um lado e do outro um pot-pourri com seus sucessos "Heavy Metal Thunder", "Stand Up and Be Counted", "Taking Your Chances" e "Warrior", gravado ao vivo num show em Madri. Aproveitando o embalo, lançaram o vídeo (VHS/Betamax) de 60 minutos *Live Innocence*, também gravado durante o tal concerto em Madri.

* O heavy chucrute não pára. Agora é a vez do irmão mais novo de **Uli Jon Roth** (ex-Scorpions e em crescente carreira solo), o também guitarrista **Joe Roth,** se lançar com seu grupo **Zeno,** que tem base fixada na Inglaterra. Eles ainda não têm um baterista fixo e, no LP de estréia (após nove meses de gravações) a ser lançado na Inglaterra pela EMI/Parlophone e nos States pela Manhattan Records, foram utilizados **Stuart Elliott** (ex-Alan Parsons e Kate "Argh" Bush) e **Chuck Bargi** (ex-Rainbow e que andava tocando nos shows de Joe Lynn Turner e Pat Benatar), que não serão fixados. A Zeno tem, além de Roth, **Ule W. Ritgen** no baixo (ex-Uli Roth) e **Michael Flexig** no vocal. **Larry Dawson** (também ex-Uli) deverá ser fixado como tecladista.

* O circo continua para os ex-guitarristas do esfacelado **Hanoi Rocks, Nasty Suicide** e **Andy McCoy,** que agora estão no grupo **Cherry Bombz,** junto ao ex-batera do Clash (que coisa, hein?) **Terry Chimes,** o baixista **Dave Tregunna** e a vocalista **Anita Chellemah.** Fala-se também que o vocalista e saxofonista **Mike Monroe** poderá estar na próxima excursão americana do **The Lords** (que a esta altura já deverá ter começado), junto a **Stiv Bators** e ao baixista (também ex-Hanoi) **Sammy Yaffa.** Monroe e Bators estão também no compacto "Sun City", gravado pelos **Artists Against Apartheid.**

* E surge o primeiro nome para o Castle Donnington Rock Festival. É o power trio canadense **Rush,** que lá deverá estar dia 16 de agosto deste ano.

* O colecionador de armas de fogo, o rapidíssimo guitarrista **Ted Nugent,** lançou nos EUA em janeiro último mais um álbum pela Atlantic, com o título de *Assume the Position*, com participação especial de vários membros do **Black'n'Blue** e do **Keel** e ainda do batera do Blood, Sweat & Tears, **Bobby Columbi,** fazendo backing vocals em algumas faixas.

Leopoldo Rey

A banda sueca Hanoi Rocks, extinta

Foto LFI

JÁ BOTARAM A BOCA NO MUNDO

O concurso **JOVENS TALENTOS-85** promovido pela **GRAVAÇÕES ELÉTRICAS S/A - DISCOS CONTINENTAL / CHANTECLER** chegou ao seu grande final.

Dentre os milhares de trabalhos inscritos, foram selecionados os dois que mais se destacaram e que certamente em breve, estarão fazendo muito sucesso por este mundo do som.

ECLIS DAMACENO - 1º COLOCADO

Saiu do interior, foi para a grande cidade, São Paulo, onde compôs jingles e tocou guitarra em shows de Luis Guedes e Thomas Roth. Voltou para o interior para recuperar o oxigênio e pegar fôlego para abrir as portas do sucesso. As portas começaram a se abrir e ele já vai botar a boca no mundo, através da Continental e Chantecler.
Seu prêmio será um contrato e a gravação de um compacto duplo, com promoção e distribuição para todo o Brasil.

ROGÉRIO LEÃO - 2º COLOCADO

Também saído do interior de São Paulo, onde já fazia suas peripécias em festivais e shows, só que foi para outra grande cidade, o Rio, onde já atuou em shows, bares, teatros, etc.... Ele é mais um que vai botar a boca no mundo, através da Continental e Chantecler.
Seu prêmio será um contrato e a gravação de um compacto simples, com promoção e distribuição para todo o Brasil.

Continental GEL

Chantecler GEL

VAN HAGGAR OU SAMMY HALEN?

Foto Schiffman / Sipa Press

O colorido novo Van Halen, com Haggar

A saída de Dave Lee Roth de sua ex-banda não foi uma das mais amigáveis da história do rock. Mas, com o também guitarrista Sammy Haggar assumindo seu posto, a nave dos irmãos Van Halen volta a decolar com muita vontade de mostrar serviço e paulei-ra. Uma investigação de *Leopoldo Rey*

Durante boa parte de 85, a imprensa de rock mundial se ocupou em divulgar os crescentes desentendimentos entre o grupo Van Halen e seu vocalista, Dave Lee Roth. Apesar das tentativas de disfarce, sabia-se que, nas últimas apresentações da banda, Dave e os outros três músicos ocupavam hotéis separados.

A coisa piorou consideravelmente depois que Dave lançou seu mini-LP solo *Crazy from the Heat*. Eddie van Halen, o guitarrista, já pensava há tempos em tomar uma atitude extremada, expulsando Roth do grupo. Quem conseguiu segurar as pontas durante um tempo foi seu irmão, Alex van Halen, auxiliado pelo baixista Michael Anthony. Os dois queriam a continuidade do grupo, com a injeção de novas idéias.

Em meio ao segundo semestre do ano passado, a imprensa confirmou suas suspeitas. O guitarrista/vocalista Sammy Haggar, que, se especulava, tomaria o lugar de Roth, fez sua estréia no grupo no Farm Aid Festival, nos Estados Unidos. O mesmo Haggar, agora de visual novo, com cabelos loiros revoltos, que dois anos antes manifestava publicamente suas dúvidas sobre a masculinidade de Dave Lee Roth.

Justificando-se, Alex tem dito que Haggar na verdade já deveria estar na assinatura do contrato com a Warner, em 77, mas que a proposta foi impedida pelo contrato de Haggar com outra gravadora. Vai ser difícil descobrir a verdadeira história. O próprio Haggar desmente esta versão. Eddie afirma que não o conhecia antes, apesar de ter tocado com ele umas duas vezes. E tenta colocar panos quentes na história, desmentindo que tenha passado um tempo trocando farpas com Roth, e atribuindo tudo à imprensa.

O que se sabe é que já em 81 Dave demonstrava intenções de partir para o cinema, o que acabou fazendo depois do fim do grupo. E que este fim foi amargo. O tímido Eddie, comedido em entrevistas dadas no Brasil em 83, chegou a dizer à revista *Rolling Stone* que Roth "era um boçal" e que, nos seus novos planos, com canções mais melódicas, o cantor "não poderia mais dar seus gritinhos".

O novo trabalho ainda não veio à tona. Eddie, Michael, Alex e Sammy vêm trabalhando cercados de segredo no estúdio da casa de Eddie. Este considera as composições feitas até agora "de excelente qualidade". Alex, entusiasmado, diz que "o som é puro Van Halen" e que "tudo se encaixa como uma luva". Sammy continua atacando seu antecessor: "Eu acho que hoje ele é uma estrela, como queria. Se quiser, poderá voltar a uma banda com muito pique, mas agora ele é o anti-rock, o comercial".

Apesar do segredo, o disco novo já tem nome. Chama-se *5150*, um código policial que indica que há débeis mentais à solta. E o novo som já está à solta por aí.

Para Dave, faturando como nunca, o Van Halen não passa hoje de um nome com o qual conviveu durante dez anos. Recentemente, em Hollywood, teve a agradável tarefa de escolher, entre 1 500 gatas, sua parceira no filme *Crazy from the Heat*. Dispensou sua última namorada, com quem vivia há nove meses, e diz que agora sente-se livre como um pássaro. É o primeiro superstar do rock que ganha uma mala de dinheiro para participar de um filme — dez milhões de dólares —, sem que lhe fossem feitas quaisquer exigências.

A história do filme foi escrita por ele e seu sócio, Pete Angelus. A trilha também é dos dois mais Ted Templeman. E o roteiro fala da história de uma banda de rock, na qual figuram Steve Vai (ex-Alcatraz e Frank Zappa) e o baixista Billy Sheeham (do Talas). Tudo seguindo a linha de *California Girls* e *Just a Gigolo*, que Dave considera extensões de sua personalidade. Uma personalidade irrequieta, louca para botar o pé na estrada em longas excursões, e sentindo-se agora livre dos constrangimentos a ela impostos pelos outros membros da banda. O futuro a gente não sabe, mas parece promissor.

SIMPLE MINDS

Recém-egressos da escola católica, Joãozinho e os Masturbadores barbarizavam em Glasgow, Escócia. *Alex Antunes* conta como eles chegaram ao sucesso internacional

Na pré-história dos Simple Minds estão os tais *Johnny & the Self Abusers*, que reuniam Jim Kerr, Brian McGee e Charles Burchill. Os três ex-colegas amavam Bowie e o Roxy Music, o que não os impediu de entrar de cabeça no punk. Brian (bateria), Jim (vocais, que ele considerava uma terapia para a gagueira que o perturbava) e Charles (guitarra), reforçados por bateria, baixo e outros dois guitarristas, não se conformaram em ser mais uma entre as centenas de bandas que faziam o circuito de pequenos clubes e escolas. Não deu outra: os três caíram fora, deixando de herança um compacto independente (''Saints and Sinners''/''Dead Vandals''), gravado em fins de 77. Recomendado só para arqueólogos.

Comemoraram a entrada de 78 — e o considerável resfriamento do punk — com a fundação dos Simple Minds. O nome foi pinçado de uma canção de Bowie, ''Jean Genie'' (''ele tem a mente tão simples que não consegue dirigir seu módulo...'') e de um velho ditado escocês, que diz: ''Coisas simples divertem mentes simples''. Michael McNeil (teclados), Derek Forbes (baixo) e um segundo guitarrista, Duncan Barnwell, completaram o time. Logo chamam a atenção da crítica e do público. E das gravadoras: pouco depois, assinavam com a Arista. Jim crescia como letrista e cantor. O instrumental tornava-se sólido, inspirado nos bons (poucos) grupos que resistiram até meados dos anos 70, antes da varrida punk. Coisas como Be-Bop de Luxe, Sparks, Van der Graaf. Mas *Life in a Day*, o LP de estréia (abril de 78), gravado já sem Duncan, foi uma decepção. Inclusive para a própria banda: ''Que p* é essa?!'' (Burchill, ao ouvi-lo pela primeira vez).

McNeil e Gaynor; Burchill, Kerr e Giblin

Foto Regan/ LFI

Foto Vincent Stills

A faixa-título já apontava para um som próprio, mas o resto não é digno de nota — um pastiche brochado de pop e psicodelia dos anos 60. Burchill até arranha um violino, imitando o venerando Velvet Underground. Interessantes foram os misteriosos ruídos que o produtor John Leckie utilizou na mixagem de "All for You". Eles foram produzidos pelo *manager* Bruce Findlay, que chegou bêbado ao estúdio, colocou um fone de ouvido e ficou roncando perto de um microfone. Mais um disco recomendado só para colecionadores tarados.

A fissura da banda em fazer algo realmente bom levou-a ao estúdio escassos seis meses depois. A imprensa foi banida das sessões de gravação do segundo LP, e nem a Arista sabia o que os Minds estavam aprontando. Eles saíram de lá, em novembro de 78, com um troço chamado *Real to Real Cacophony* ("provavelmente o disco menos comercial já lançado pela gravadora", diz a revista *Sounds*). As músicas foram compostas no próprio estúdio. O resultado é uma música fechada, claustrofóbica — e brilhante.

Burchill estreou seu saxofone novo (ele nunca tinha tocado um na vida) e McNeil introduziu teclados de parquinho de diversões em clima de alta paranóia. A crítica e o público estranharam, mas eles conquistaram um fã fundamental: Peter Gabriel, que os convidou para abrir os shows de sua tour. Com Gabriel e depois por conta própria, os Simple Minds excursionaram pela Europa e deram uma esticadinha até Nova York.

Voltaram transformados. Sua música, que já não era nada "escocesa" (o que lhes valeu uma chamada do patriota Richard Jobson, o cantor dos Skids, depois do Armoury Show), internacionalizou-se de vez. O LP *Empires and Dance* é uma obra-prima, marcada pela efervescente decadência européia: terrorismo, tensão leste-oeste, recessão, repressão. Mas não é rock militante — a política das letras é dúbia, fascinada pela degeneração, pela pulsão da morte. Os ritmos são mecânicos, de discoteca levada ao espasmo, ao soluço. Igualmente imperdíveis são os LPs *Sons and Fascination* e *Sisters Feelings Call*, lançados simultaneamente em agosto de 81. O baixo de Forbes passa à frente, como instrumento principal, e a guitarra e os teclados, carregados de efeitos, nem se distinguem, produzindo uma impressionante massa harmônica.

Um novo LP, *New Gold Dream* (setembro de 82), investe na religiosidade — tão dúbia quanto a política — que algumas letras já traziam. A capa tem um crucifixo e um coração ardente, entre outros símbolos católicos. A guitarra e os teclados tornam-se mais distintos e mais dramáticos. Mas a banda tem problemas: McGee, cansado de excursões, tinha pedido demissão, e o disco é gravado com bateristas convidados (um deles, Mel Gaynor, integrou-se depois à banda). Herbie Hancock faz um discreto solo em uma faixa. Partem para uma excursão com o U2, e isso — quem diria — lhes faz mal.

Mesmo sem querer, Jim começa a imitar Bono no palco. Para o próximo LP, *Sparkle in the Rain*, convidam o produtor Steve Lillywhite (U2, Big Country) e a "síndrome irlandesa" foge ao controle. O som se descaracteriza: o baixo vai lá para o fundão, sob a cachoeira de baterias. Uma versão morna de "Street Hassle" (Lou Reed) não ajuda muito. Há boas composições, mas...

Dizem que a felicidade faz mal aos poetas. Com Jim Kerr parece ser o caso: pouco depois do lançamento do disco, em abril de 84, ele casa-se, em Nova York, com Chrissie Hynde. Chrissie, a deliciosa vocalista/guitarrista dos Pretenders, até então parecia viver bem ao lado de Ray Davies, líder dos Kinks. Depois do sucesso de "Don't You (Forget About Me)" o tema do filme *The Breakfast Club* que Brian Ferry não quis gravar, o som do grupo diluiu-se de vez. Derek Forbes partiu para a carreira-solo, e foi substituído por John Giblin (ex-Brand X). Não que o recém-lançado *Once Upon a Time* seja um péssimo disco. Mas é só comparar a versão mix de "Alive and Kiching", mais parecida com um jingle de Coca-Cola, com qualquer faixa escolhida ao acaso entre as gravadas de 78 a 82, para concluir que os Simple Minds deram mesmo para trás. Jim não concorda: "Estamos ótimos. Há mais energia e dinamismo político em uma música como 'Ghosts Dancing' (a que eles tocaram no Live Aid) do que em qualquer uma dos primeiros álbuns do Clash".

ECHO & THE BUNNYMEN

A iluminação

National Ballroom (Londres) 17/12/85

Esta é uma das grandes bandas do planeta. É uma verdadeira iluminação estética vê-los em forma. Os anos 60 tinham os Doors e o Velvet Underground. Ou melhor, os 60 foram esfaqueados por Doors e Velvet. Duas das no máximo dez bandas fundamentais da história do rock. Os 80 têm pelo menos Big Mac e seus Bunnymen. Aprenderam tudo que deviam de Doors e Velvet. E têm, a mais, aquela inexplicável aura de Liverpool. Uma cidade-estado de espírito repleto de melancolia, silêncios, intimações poéticas, veludos mórbidos, cerveja negra e mitologias delicadas.

Vi os Bunnymen em 83 no venerável Royal Albert Hall em um show de extremo prestígio. Promoviam *Porcupine*, o terceiro LP. Uma performance arrasadora, milimetrada, com sobretons sinfônicos e um tremendo clima na iluminação, sugerindo uma bruma irreal por trás da qual os coelhinhos indulgiam em suas odes às nossas desconexões cotidianas.

Foi o auge de sua primeira fase. Depois vieram o single fenomenal ("The Killing Moon", uma arrebatadora canção de amor) e o LP de pequenas preciosidades pop *(Ocean Rain)*. Os shows esporádicos excelentes em fitas pirata (onde sempre entra uma coisinha de Doors e Velvet), outro single fenomenal ("Dancing Horses") e uma das melhores coletâneas já lançadas nesta década *(Songs to Learn and Sing)*.

No final de 85, os Bunnymen, em Londres, já são uma outra banda. Tão à parte das outras que não se permitem comparações. Tocam na National Ballroom, que é um superteatro para noites dançantes, notório em toda a ilha pelas antigas quintas de *soul music* (não tem mais). Relaxados. Seguríssimos de si. A bateria alinhada à frente do palco, junto com McCulloch, a guitarra e o baixo. Claro, têm um baterista incomparável, Pete de Freitas, responsável pelo *drive* às intuições românticas de Big Mac.

O show é uma espécie de revisitação de *Songs...* Repassam em arranjos secos todas aquelas pedras preciosas — de "Rescue" a "Back of Love", de "All that Jazz" a "Killing Moon", de "Crocodiles" a "Seven Seas". Todas parecem tão clássicas que é impossível pensar que são de uma banda só. Ian McCulloch, com seu elegante paletó negro, cigarro, ar desleixado, meio bêbado sob o spot verde-escuro, parece um poeta à deriva pelas ruas, um amigo de um café, ou alguém com quem tomamos várias Guinness no pub. Ele chegou a uma posição invejável: autor de pop songs absolutamente perfeitas. E vai continuar fazendo mais.

Fecharam com "Do It Clean", claro, com versos soltos de "Light My Fire" e a imprescindível evocação de James Brown. As referências certas, a performance certa, o tom certo, a elegância certa. Por que os Bunnymen não são um estouro mundial? É simples. Porque chegaram, dentro do universo pop, à clareza e à perfeição que nenhum estúdio, nenhuma mídia, nenhum marketing, pode comprar.

P.E.

Foto Yko Ouro Preto

O glorioso menestrel e visionário Ian McCulloch, desfiando sua coleção de clássicos

PREFAB SPROUT

Viagens sentimentais

Le Palace (Paris) 05/12/85

O Prefab Sprout tem três elementos básicos para *não* dar certo na tecnotrônica corrida de ratos em que se converteu o pop internacional: um nome esdrúxulo; a timidez dos membros da banda; e uma tremenda pureza em termos de concepção musical. Não há mistério: uma seção rítmica disciplinada; uma cantora — fraca — para fazer umas contra-harmonias; um teclado extremamente discreto; e Mr. Paddy McAloon. Este rapazinho de jeans e camisetas, com um jeitinho despretensioso, e sotaque dos mineiros de Newcastle, é o seguinte: compositor de enternecedoras viagens sentimentais (dentro de seu próprio quarto solitário, desde quando era uma ovelha negra romântica em uma planície repleta de punks); guitarrista de visualizações cristalinas (sem efeitos, sem nenhum efeito *flashy*, até que enfim...); e vocalista passional com um registro entre Joe Jackson e Roddy Frame (na primeira e brilhante fase do Aztec Camera). O Prefab é ele, e ele, no palco, é um anjo de doçura.

Os franceses ficaram absolutamente derretidos. Parte da imprensa musical inglesa, sofrendo de tédio terminal, qualifica a banda de sonambulística. Ridículo. Claro que não é um pandemônio dançante à la Cult. McAloon nos faz fechar os olhos e viajar mentalmente com suas explorações verbais e perplexidades de um *young man* nesta época em que o cinismo assassinou o romantismo. Permanece neste clube exclusivo, que não deve abrigar mais que uma dúzia de sócios vitalícios: o dos performers pop inteligentes. Dá um banho em Lloyd Cole — que não passa de um descendente amarelecido de Lou Reed. É tão impecável quanto podem chegar a ser Ian McCulloch e Morrissey. Sem o desleixo do primeiro e a megalomania do segundo.

O Prefab tem dois álbuns, *Swoon*, e *Steve McQueen*, este sem dúvida um dos 10 mais de 85. Já tentam rotular McAloon de "o novo Elvis Costello". Ou o som da banda de "jazz psicodélico". Não vá atrás desses golpes de mídia. Simplesmente escute "When Love Breaks Down", uma das mais belas canções de amor dos últimos tempos, que, à primeira exposição, nos faz lembrar os dilaceramentos de Morrissey há dois anos, no primeiro álbum dos Smiths.

Fecharam o show com a reprise de algumas pequenas obras-primas, como "Cruel" e "Johnny Johnny". A platéia, especialmente a feminina, além dos dândis dos cafés da Rive Gauche, estava ateando fogo às vestes. Claro, esteticamente o Prefab é impecável: simplicidade extrema com o máximo de elegância. Tão bom quanto passear em uma noite veneziana ao lado da mulher amada. *P.E.*

THE STYLE COUNCIL

Um fracasso

Wembley Arena (Londres) 09/12/85

O que acontece quando se coloca uma superbanda de doze pessoas, supostamente mal ensaiada, em um show pretensioso, na gigantesca arena de Wembley? Fracasso. A platéia não chiou. Dançou, gritou, esperneou. Afinal, lá em cima, estava Paul Weller — Arcanjo Gabriel nessas ilhas desde os heróicos tempos do Jam. Mas — é uma pena constatar — Mr. Weller perdeu o bonde. Ou o metrô.

O sonho do garoto Weller sempre foi tingido de negro. A raça, não a roupa. O Jam era uma banda mod, um excepcional trio de herança mod. Mas principalmente um trio branco básico — guitarra, baixo e bateria — fazendo força para não soar como uma xerox de uma banda negra. Weller misturava magistralmente música e política. Daí ter-se constituído no porta-voz da garotada inglesa mais consciente já ao final dos anos 70. Só que o que ele queria mesmo era atacar com uns metaizinhos. E cair direto em um soul-funk, filho dileto de Motown em seus tempos de glória.

A obsessão de Weller levou-o a matar o Jam quando o grupo estava matando — no final de 82, com uma série de shows nessa mesma arena de Wembley. Weller, então, fez o que sempre tinha na cabeça. Virou dândi, passou uma temporada em Paris e voltou com o conceito Style Council. Ou seja: um tratamento musical adequado de cada estilo revisitado por um duo fino e eclético, permitindo também a presença de músicos convidados. Perfeito. Soul, funk, jazz, bossa-nova, balada pop, tudo apareceu em uma série brilhante de singles e dois LPs Para alguns brasileiros, o Style virou até uma banda inglesa que toca bossa-nova, o que é evidentemente uma palhaçada.

O teste ao vivo demonstrou. Weller quis montar uma superbanda funk, e fracassou irremediavelmente. Não tanto pela péssima mixagem em uma arena de péssima acústica. Mas pela incompetência dos músicos. Baterista e guitarrista inexistentes. Só aí está garantido o atestado de óbito. D.C. Lee, a neguinha vocalista, desafinando clamorosamente. Uma seção de cordas inaudível. O que restava? A seção de metais, pouco utilizada para garantir maior taxa de swing, os teclados de Mick Talbot — competentes —, assim como as suas intervenções vocais, e o próprio Sr. Weller.

Uma presença, digamos, tumular. Como ele se pretende *crooner* de um conglomerado dançante, se não sabe dançar, fica parado no palco, desafina (lamentável!) e sola em wah-wah em um estilo pré-Sly Stone? Quando a banda tentou um medley acelerado de Style hits — de "Strength of Your Nature" a "Internationalists" —, era possível suplicar pela presença de um Wilson Pickett para comandar a partida. Paul, *I'm sorry*, mas você só tem duas saídas. Ou compra uma passagem só de ida para a sede da Motown, em Detroit, Michigan, USA, ou desfaz o seu conselho de estilo. *P.E.*

ABSOLUTE BEGINNERS

Colin, personagem principal, e sua lambreta

Nos meios musicais, o filme é assunto já há dois anos — pela participação de estrelas como David Bowie e Sade Adu. *Pepe Escobar* falou em Londres com o diretor Julien Temple e dá a ficha do filme

Os anos 80 já têm o seu *West Side Story*. É *Absolute Beginners*, musical inglês de Julien Temple, estreando gloriosamente este mês (abril) na Inglaterra e EUA. No épico hollywoodiano tínhamos uma história de amor no meio de uma guerra de gangs — os *sharks* e os *jets* do lado oeste de Manhattan. Agora temos outra história de amor na Londres de fim dos anos 50, entre *teddy boys* e jazzófilos viciados em *bebop*, lambretas, saias rendadas, neguinhos *cool* e o multicolorido submundo do Soho londrino. *Absolute Beginners* não é apenas um revivalismo de luxo dos 50. É um passeio aerodinâmico pelo fim da era do jazz e o início da demência rock'n'roll. Tudo dentro da tradição dos melhores musicais da história do cinema.

O filme estourou o orçamento (12 milhões de dólares, um absurdo para um filme europeu). Precisa estourar na bilheteria dos EUA para compensar os cifrões gastos. Vem com um swing de endoidecer qualquer tribo. O diretor é Julien Temple. Uma fera. Ele é o autor de *The Great Rock'n'Roll Swindle*, o filme dos Sex Pistols, o *Cidadão Kane* dos filmes de rock. Em vídeo, arrasou, entre outros, com *Jazzin' for Blue Jean* (David Bowie), *Undercover* (Stones) e a clip-aventura tropical de Mick Jagger no final de 84 para *She's the Boss*. David Bowie, o Zeus do pop, é um dos personagens-chave de *Beginners*. Compôs a música-tema (um glorioso retorno à muralha sonora de *Heroes*, de 77), dá um show de interpretação, muito bem-humorado, e também comparece no vídeo promocional junto com uma enigmática mulher-zebra. Patsy Kensit é a atriz principal. Uma biondaça de 17 anos, réplica anglosaxã a Madonna, com sobretons de Bardot pós-utópica. A trilha sonora, além de Bowie, tem o antológico Ray Davies, dos Kinks, o dândi Paul Weller, a sutil operadora Sade, Jerry Dammers — ex-Specials —, Animal Nightlife e Nick Lowe, entre outros, com arranjos especiais de Gil Evans, o melhor arranjador de jazz de todos os tempos, idolatrado por feras como Miles Davis e Dizzy Gillespie. *Beginners* tem ainda uma réplica perfeita do Soho no final dos anos 50, construída em estúdio; choques raciais; muito topete, lambreta e cappuccino; e uma seqüência de abertura à la Coppola em *One from the Heart:* longa, carnavalesca e lisérgica.

Tudo isso vem de uma novela de Colin McInness (1914-1976), uma mescla de Balzac e Kerouac anglo-saxão. *Absolute Beginners* faz parte de uma trilogia escrita por McInness, onde os temas principais são adolescentes, imigrantes negros, prostitutas, traficantes, cafetões, moda, música pop e idiossincrasias típicas da Inglaterra. McInness, primo do mestre literário Rudyard Kipling, viveu toda a sua vida em bares e bordéis do Soho e morreu de câncer sem nenhum mísero *penny* no bolso. Em Londres, no meio desse mesmo mítico Soho, fomos conversar com Julien Temple sobre a aventura *Absolute Beginners*. O termo define os iniciantes absolutos, que estavam começando a sair à rua no final dos anos 50 e encontrando um mundo fascinante, em revolução na música, na moda e na moral. David Bowie, nessa época (final dos 50),

Fotos Gamma Sgia

Julien Temple, autor de clips antológicos

era um *absolute beginner*. Daí toda a energia que jogou para compor seu papel no filme (ele é um executivo de propaganda, capaz de vender até geladeira para esquimó). A seguir, algo no nosso papo com Temple, que adorou trabalhar no Brasil e pretende voltar para organizar uma produção em Salvador. Quanto ao filme, vi um trecho em uma moviola dos estúdios Twickenham. É arrasador. Ainda é possível compor grandes musicais no cinema.

BIZZ — *Quem teve a idéia de transformar o livro em filme?*
Julien — É complicado. Eu li o livro quando estava fazendo um especial para a TV sobre a adolescência na Inglaterra. Foi um dos materiais principais da pesquisa. Desde então decidi transformá-lo em filme. É uma obsessão que já dura quatro anos. Trabalhei com três diferentes roteiristas. Levamos dois anos para escrever o que queríamos. A idéia básica era fazer um musical.
BIZZ — *O livro não tem propriamente uma história. É uma série encadeada de cenas...*
Julien — O filme também...
BIZZ — *Mas vocês seguem mais ou menos um enredo.*
Julien — Sim, ligeiramente. Não é um *thriller*, um filme de suspense. É como se Hogarth olhasse Londres, compondo uma série de quadros da cidade *(Nota: William Hogarth, pintor inglês do século dezoito, famoso pelas análises, em seus quadros, da sociedade da época)*. Além disso, a maioria dos musicais não tem uma história forte. O que interessa é o que é dito durante os números musicais. Por exemplo, *Um Americano em Paris*. Lembramos os números musicais mas não lembramos a história.
BIZZ — *Você é grande admirador dos musicais no cinema. Esta é a sua concepção de um musical dos anos 80?*
Julien — É. É o primeiro passo para um musical dos anos 80. É um musical que permite temas mais "sérios", "dark", elementos sociais inclusive.
BIZZ — *Como os conflitos raciais em Notting Hill.*
Julien — Exato. Geralmente os musicais são histórias de amor, contos de fadas, leves. Acho que hoje dá para balancear os dois lados, e apresentar temas bem mais complexos.
BIZZ — *É também uma maneira de vender para o mundo a cultura jovem britânica, que não chega a ser bem compreendida? Poucos filmes tratam do assunto, como* Quadrophenia.
Julien — Não gostei de *Quadrophenia*. A começar pela música. Era rock do início dos anos 70. É estranho. As pessoas dizem que o cinema inglês está renascendo. Mas só se fala de Índia, Escócia, nunca da essência desse país, a Inglaterra, e Londres — que fascina o resto do mundo como poucas cidades. Este é um filme sobre Londres, e nossa ambição é mostrar algo sobre a energia dessa cidade. Todo mundo se interessa por esse tema, por causa da música.
BIZZ — *Sim, as pessoas têm uma imagem das músicas e das modas de Londres, mas não têm referências sobre o porquê de diversos fenômenos.*
Julien — Acho que o nosso filme os ajudará nesse sentido. É como se fosse *As Mil e Uma Noites*, mas é uma história sobre Londres.
BIZZ — *Vocês mostraram o filme, em teste, para uma moçada na Califórnia. Como é que foi a reação, já que eles não tinham nenhuma informação sobre o que se tratava?*
Julien — Foi em um subúrbio de Hollywood chamado *The Valley*. É a coisa mais parecida com o interior dos EUA, na Califórnia. É o coração morto da América. Os estúdios de Hollywood sempre testam seus filmes lá, porque é a pior platéia que existe. Mostramos o filme inteiro — ainda sem retoques finais de produção. Metade endoideceu. Um terço ficou totalmente confuso. Mas quem ficou gostou. E eles não tinham nenhuma informação sobre o filme. A América é terrível, é o povo mais tolo do mundo. Eles acham que são os melhores em tudo, e o resto é lixo. Então, podemos dizer que passamos no teste. Um executivo de

Acima Sade, abaixo e à direita, mr. Bowie

No canto inferior esquerdo, Bowie aumenta o volume enquanto

Fotos Gamma Sygma

Hollywood me disse: "Você precisava ver a reação dessa platéia a *Desperately Seeking Susan*... Quase depredaram o cinema..."

BIZZ — *Um problema particularmente sério é todo esse alvoroço da mídia antes do filme entrar em cartaz. É absolutamente necessário que vocês promovam tudo isso, ou terminam sendo levados de roldão?*

Julien — Eu não disse nada até agora! Só em algumas entrevistas como essa, para o Brasil, Itália, onde preciso explicar o que é o filme. Mas aqui é diferente. Existe um pequeno círculo incestuoso aqui em volta *(Nota: Julien mostra pela janela o Soho, onde estamos. É centro de produção e distribuição da indústria do cinema na Inglaterra)*. Eles são obsessivos. Tivemos que conseguir muita publicidade para o projeto e assim conseguirmos levá-lo adiante. É um filme que não interessa para a indústria do cinema inglês. Tivemos que persuadir os donos do dinheiro de que havia um público e uma razão para fazer esse filme. A partir daí, muita gente na imprensa ficou com inveja, começou a inventar histórias. Nós dissemos: "E daí?" O que interessa é que falem de *Beginners*. Ele não tem nada a ver com *Carruagens de Fogo*. Odeio esse filme. Não tem nada a ver com a realidade da Inglaterra. É uma mentira vendida para os EUA.

BIZZ — *Como é que você escolheu o elenco? David Bowie já estava cotado para um dos papéis principais, desde o início?*

Julien — Pensei em Bowie depois que trabalhamos juntos em *Jazzin' for Blue Jean*. Fiquei muito impressionado. Antes, ele não me impressionava. Nunca pensei que fosse um grande ator. Quando trabalhamos juntos, ele estava mais bem-humorado do que de costume.

BIZZ — *Foi ele que te procurou para dirigir o vídeo?*

Julien — Foi. E a partir daí pensei em colocá-lo no filme. Mas para os dois papéis principais — Colin e Suzette — eu queria dois desconhecidos. Patsy Kensit era desconhecida, até mesmo Sade, na época (dois anos atrás, no início da pré-produção). Eu queria faces não contaminadas por estrelismo ou muita publicidade.

BIZZ — *Qual o papel do lendário Ray Davies, dos Kinks, no argumento? Davies anda meio sumido, embora seja muito popular nos EUA.*

Julien — Ele é o pai de Colin, o personagem principal, o que permite uma ligação com a música dos anos 20 e 30, da qual Ray e eu somos fãs.

Bowie goza um momento de folga entre cenas

BIZZ — *Você pretende continuar contando histórias em vídeos, além do trabalho em longa-metragem? Hoje em dia ninguém mais consegue contar uma história em clip. Só restaram imagens-estoque hiperproduzidas.*

Julien — É, eu odeio isso. Tento sempre contar histórias. Quero fazer um vídeo para Patsy, e também outro para Iggy Pop. Meu grande interesse sempre foi cinema. Vídeo é uma ferramenta excelente para testar idéias a serem aproveitadas em cinema.

BIZZ — *Fellini acha que o vídeo e a TV estão matando o cinema. Você concorda?*

Julien — Eu concordo. Odeio televisão. Quando faço vídeos, tenho em mente a tela grande, o efeito no cinema. Fizemos um vídeo para *Absolute Beginners*, com a música-tema de Bowie e ele como ator, mas o resultado na TV é tão decepcionante comparado com o cinema...

BIZZ — *Como você compararia* Absolute Beginners *com* Fame, *ou seja, a concepção que Hollywood tem de um musical?*

Julien — Odeio *Fame*. O visual é um lixo. Gosto de musicais do jeito que Vincent Minelli os filmava. Com as cores de um pintor. *The Wall* é ainda pior que *Fame*.

BIZZ — *Você eventualmente consideraria trabalhar em Hollywood, como Malcolm McLaren, no momento?*

Julien — Sim, pode ser que eu faça um musical para a Warner. Não há problema em trabalhar em Hollywood, contanto que dê para fazer um filme que esteja na minha cabeça. Agora, se Malcolm vai conseguir fazer um filme... *(Risos)* Ele não é um cineasta...

EM CARTAZ

CAOS

Caos é o 27.° filme de Akira Kurosawa, o maior cineasta japonês de todos os tempos, conhecido como *tenno* (imperador) pelos seus patrícios e *sensei* (mestre) pelos seus colegas de trabalho.

O adjetivo mais adequado para classificar *Caos*, no contexto da filmografia de Kurosawa, é *definitivo*.

O roteiro foi inspirado na lenda japonesa de Móri, um senhor feudal que aconselha seus três filhos a se manter sempre unidos para garantir a sobrevivência e a prosperidade do clã. Kurosawa, entretanto, inspirado pela tragédia *Rei Lear*, de Shakespeare, imaginou um outro desfecho para a história, introduzindo o elemento da discórdia e promovendo o caos na família. É fácil imaginar o desenrolar desta história. O "caos" acontece quando são destruídas as convenções que unem pai a filho, irmão a irmão e o samurai a seu senhor.

Kurosawa esteve obcecado dez anos por este projeto. Em 82, Serge Silberman (que fez *Diva*, e trabalhou com Buñuel) se apresentou para produzir a fita, cujo financiamento tinha sido recusado várias vezes por companhias japonesas e ocidentais.

Toda a produção foi rigorosamente planejada para atender aos delírios perfeccionistas de Kurosawa. Três castelos foram construídos, um deles preparado para ser totalmente destruído por um incêndio. Foram arregimentados 1 400 extras e 250 cavalos (50 deles trazidos de avião, provenientes de ranchos americanos). A figurinista Emi Wada levou três anos para preparar 1 400 trajes, que deveriam ser fiéis às roupas da época. E do outro lado dos cenários, três câmeras colocadas em ângulos diferentes registraram simultaneamente todas as cenas do *script*.

Onze milhões e meio de dólares foram gastos. Parte da grana veio da Greenwich Films (produtora de Silberman), parte da Herald Ace (da distribuidora Nippon Herald) e parte da Toho (produtora de Kurosawa).

Uma produção cinematográfica gigantesca para uma história que mescla a tradição e a filosofia japonesas com tragédias da condição humana universal. *T.P.*

Fotos Gamma/ Sigla

A HONRA DO PODEROSO PRIZZI

Aos setenta e nove anos, com mais de sessenta filmes e uma cirurgia cardíaca nas costas, John Huston ainda teve vitalidade para dirigir um dos mais fortes concorrentes ao Oscar de melhor filme de 85. E já anunciou que está envolvido num documentário sobre a passagem de Cortez pelo México.

A Honra da Família Prizzi foi amplamente elogiado nos EUA, e Vincent Canby do *N.Y.Times* o classificou como "um dos dois grandes filmes de 85" (o outro é *A Rosa Púrpura do Cairo* de Woody Allen). No elenco, dois supernomes, Jack Nicholson e Kathleen Turner, e ainda a surpreendente participação da filha de Huston, Anjelica, que vive com Nicholson há onze anos.

Foto cortesia ABC Motion Pictures

O roteiro foi escrito pelo próprio Huston, e inspirado na novela homônima de Richard Condon. Charley Partanna (Nicholson), é o *killer* de uma família mafiosa americana. Ele é o favorito do "chefão" da família, e namora com sua filha. Acontece que ele se apaixona por uma estranha loura (Turner), com quem se casa, para desagrado de toda a família Prizzi. O que Partanna não sabia até então é que a loura é uma farsante, e aí a história se complica...

A Honra da Família Prizzi é uma mistura de filme de suspense com comédia. Huston sempre gostou de ficar em cima do muro, de trabalhar com climas totalmente adversos em um mesmo filme, e de deixar o espectador sentado na poltrona durante um bom tempo após a sessão, se perguntando sobre a qualidade do que acabou de ver.

Huston é um dos poucos cineastas que conseguiu assimilar alguns aspectos da linguagem moderna e preservar valores do cinema clássico americano. Às vezes erra o alvo, às vezes, acerta em cheio. Fazer uma comédia macabra com Nicholson e Turner foi uma grande idéia.

Thomas Pappon

ENTRE DOIS AMORES

No início deste século, Karen (Meryl Streep), uma rica herdeira dinamarquesa, deixa o seu país para se casar com seu primo sueco Broror Blixen (Klaus Maria Brandauer), e vai viver com ele no Quênia. Com o dinheiro da esposa, Broror consegue saldar algumas dívidas e comprar uma fazenda de café. Karen descobre que o marido é um libertino cheio de amantes e dívidas de jogo, e se separa dele, mandando-o embora. Corajosamente, contando apenas com a ajuda de seus criados nativos, ela enfrenta toda uma série de problemas para manter suas posses. É quando ela conhece um caçador inglês, Denys (Robert Redford), se apaixona, e eles vivem um intenso caso de amor. Os anos se passam, Karen perde tudo e volta para a Dinamarca, onde escreve suas memórias sob o pseudônimo de Isak Dinesen...

Isto foi um curto resumo da sinopse de *Entre Dois Amores*, filme dirigido por Sidney Pollack *(Tootsie, A Noite dos Desesperados)*, com fotografia de David Watkin *(Carruagens de Fogo, Yentl)* e roteiro de Kurt Luedtke, que se inspirou nas biografias de Isak Dinesen, eterna candidata ao Nobel de Literatura desde a década de trinta, e muito recomendada por gente como Ernest Hemingway.

A história de Dinesen é em si emocionante; matéria-prima perfeita para o cinema moderno, ainda mais agora, quando, ao que tudo indica, está inaugurado o filão de filmes a serem rodados na África.

No entanto, esta produção de vinte e oito milhões de dólares não fez a cabeça da crítica americana e, certamente, precisará de muitos Oscars para não fracassar na bilheteria.

A crítica diz que a fita distorce vários traços da personalidade de Dinesen, dando ênfase ao seu lado "romântico" e escondendo acontecimentos que explicam a tônica de seu caráter e de sua obra. O filme passa a impressão de que a história de Dinesen nada mais é do que uma boa ambientação para o verdadeiro apelo da película: o encontro romântico na tela de Meryl e Robert.

Streep é o grande destaque do filme e, enquanto ela consegue dar credibilidade ao seu personagem, há quem pergunte porque é que seu nome é mencionado *depois* do de Redford nos créditos do filme. Redford quase não aparece em cena durante a primeira hora de projeção e, quando aparece, não convence. *T.P.*

ELTON JOHN

UM ROMANCE SOVIÉTICO

No clip de "Nikita", Elton é um espécime do mundo capitalista...

... em trânsito pela superpotência comunista, onde se apaixona...

por uma bela russa, romance frustrado por circunstâncias políticas

Fotos Rudy A. Louro

[redacted] Elton John nunca foi um artista politizado. Pelo menos era isso que havia demonstrado até agora, em mais de uma década de carreira. Seu repertório [illegible] romântico gongórico [illegible]amente dançável, sem[illegible] notável constância. Qual [illegible] é a surpresa, portanto, diante do novo hit de Elton, "Nikita".

Provavelmente pela primeira vez em sua vida artística Elton endereça uma canção a um tópico político. Aqui, ele narra — ainda que reduzindo personagens e situações aos mais surrados clichês — a impossibilidade de um romance entre um ocidental (ele) e uma soviética (a garota do título), sublinhando que a distância existente entre os dois é estritamente ideológica e imposta ao coração à força.

No clip, Elton é um turista europeu que chega a um posto de fronteira e, lá, conhece uma oficial militar com olhos que "parecem gelo sobre o fogo". Elton fotografa sua musa, ela demonstra gostar da sedução, mas a coisa pára por aqui mesmo. Elton prossegue choramingando o amor tornado impossível pela Guerra Fria, cada um continua no seu "canto do mundo" e nada acontece.

O "discurso político" do clip, por assim dizer, não ultrapassa o bê-a-bá: afinal, é só uma desculpa poética para uma canção pop. Mas Elton e o diretor do clip obtiveram um resultado extremamente humano na visualização de uma faixa não necessariamente especial.

Particularmente bela é a seqüência em que Elton faz-se cercar por um imenso coração vermelho, pintado na neve, e começa uma serenata a Nikita, que a tudo assiste deliciada, mas sobriamente encarapitada num posto de observação equipado com holofotes e câmeras de TV. Outro momento bonito é quando Elton começa a ver em sua casa os slides que trouxe da viagem ao mundo comunista. Enquanto "namora" uma Nikita de celulóide projetada na parede, Elton vislumbra uma vida que o casal — impossível — jamais terá, recheada de calor e romance.

J.E.R.

PROPAGANDA

Dois homens, duas mulheres, uma fina ironia e o marketing sabichão da ZTT

Foto Griffin LFI

Enquanto Claudia e Suzanne passeiam, Michael (esq.) e Ralf meditam sobre a música pop...

As gravadoras independentes na Inglaterra são muitas, mas realmente nenhuma conseguiu a projeção internacional da ZTT. E não é só por causa do *conceito* que padroniza seus lançamentos — capas artísticas, produção impecável, música eletrônica. Mesmo porque, se fosse por isso, gravadoras como a Factory (Joy Division, New Order) e a Rough Trade (Smiths) não dependeriam tanto de seus "nomes de peso" para garantir sua sobrevivência.

A ZTT é diferente. *Todos* seus lançamentos são cuidadosamente preparados e veiculados para se ajustarem com perfeição no mercado da música pop. E, para tal, a gravadora se utiliza de critérios seríssimos no que diz respeito ao som — o máximo que a tecnologia eletrônica pode oferecer —, à imagem — a arte acima de tudo — e à propaganda — afinal, estratégia de marketing é a alma *desse* negócio.

Depois de Frankie Goes to Hollywood e Art of Noise, chegou a vez de Propaganda (a banda), um quarteto de Düsseldorf não muito famoso na Alemanha mas que se tornou xodó da ZTT, principalmente depois que um dos "cabeças" da gravadora, o produtor Paul Morley, se casou com a cantora do grupo.

A formação do Propaganda, apesar de inspirada na do grupo ABBA (esse mesmo) por razões "simétricas", é funcionalmente *sui generis:* Claudia Bruecken (vocais), Michael Mertens (ritmos eletrônicos), Suzanne Freytag (backing vocal) e Ralf Dorper (letras).

Em estúdio, quase todos operam teclados, já que a música do grupo é orientada eletronicamente. Mas, no palco, Suzanne quase não tem função, e Ralf às vezes nem participa.

Surgiram com um compacto pela ZTT em 84 ("Dr. Mabuse") e, em 85, a gravadora apostou fundo neles, lançando mais dois compactos e o primeiro LP, *A Secret Wish*, a ser lançado no Brasil pela WEA.

Conceito, expressão e ZTT, três elementos fundamentais na música do Propaganda. Ah! Ia me esquecendo: a música deles é essencialmente dançante.

T.P.

THE MEN THEY COULDN'T HANG

Mais uma banda que se mete em assuntos políticos. *Thomas Pappon* fez o dossiê...

O grupo é novo. Estrearam ao vivo num festival country inglês, no final de 84, com um repertório formado de canções folclóricas e populares inglesas e americanas.

Graças ao incentivo do pessoal dos Pogues (uma das grandes revelações do rock inglês de 85), eles começaram a compor e, com um repertório que incluía versões e músicas próprias, passaram a tocar com freqüência em shows e apresentações beneficentes, principalmente naquelas que visavam a arrecadação de fundos para os mineiros de carvão em greve.

No começo de 85, pintou outro incentivo, o de Elvis Costello, pai da nova onda acústica britânica, e, assim, os The Men... lançaram o seu primeiro *single:* "Green Fields of France", um clássico da música folk com letra inspirada nos cemitérios de soldados da Primeira Guerra Mundial. O *single* se deu bem nas paradas de independentes e, contando com um novo incentivo — o de John Peel, que produz e apresenta o programa de rock mais ouvido da BBC —, eles começaram a preparar o primeiro LP.

Os "Homens Que Eles Não Puderam Enforcar" são: Phil Odgers (vocais/violão de 12), Paul Simmonds (guitarra), Cush (vocais/guitarra), Shanne (baixo) e Jon Odgers (bateria).

Pouco antes do LP, eles lançaram outro *single*, "Ironmasters", que foi considerado, por alguns críticos ingleses, a música do ano (85).

O LP, *Night of a Thousand Candles* (Imp Records), freqüentou durante algumas semanas as primeiras colocações das paradas de independentes ingleses. Ele reúne uma série de canções acústicas simples que abordam temas políticos variados, como a guerra, holocausto nuclear, drogas, racismo etc. Eles são assim: em vez de falar qualquer coisa sem sentido, querem dizer alguma coisa à *sociedade*, nem que para isso tenham de pesquisar temas na história da Inglaterra. Afinal, como diz Paul Simmonds, compositor das músicas do grupo, "o inimigo não é Margaret Thatcher, mas, sim, o *sistema*".

EDGARD SCANDURRA

Foto Luiz Crispino

Canhoto e autodidata, sucesso de crítica e baterista bissexto

Aos 13 anos, Edgard Scandurra — guitarrista do Ira!, considerado o melhor instrumentista de 85 pelos críticos de BIZZ — decidiu que seu negócio era ser músico. Desde os cinco ele já pegava emprestado o violão do irmão e tirava músicas dos discos de Jimi Hendrix, Beatles, Rolling Stones e Led Zeppelin. Estes grupos, junto com Hendrix e seu irmão, foram suas primeiras influências.

Autodidata e canhoto, Edgard é daqueles guitarristas que optaram pelo violão ao contrário, sem a inversão das cordas. "Eu comecei assim", lembra ele. "Aos 12 anos fui ao professor de violão de um amigo e ele me mandou inverter as cordas para ter aulas. Nunca mais voltei."

A escola de Edgard foi o irmão, o ouvido e as guitarras de Jimmy Page e Pete Townshend. Em 77, captou a explosão do punk através dos Sex Pistols e do Jam — esta fez com que se apaixonasse pela guitarra de Paul Weller.

"Foi aí que mudei o meu jeito de tocar. Antes eu gostava mais de solar. Depois de ouvir o punk rock, deixei de lado aquela coisa dos grandes solistas, que hoje está mais para o heavy", lembra ele.

Até ficar só no Ira!, Edgard tocou em várias bandas — Subúrbio, Ultraje a Rigor, Cabine C, Smack e Mercenárias (nesta como baterista: "Sou fanático pelo Keith Moon"). Cada uma delas trouxe algo a mais para formar seu próprio estilo. Mas ele afirma: "Consegui ter personalidade nessas bandas".

Qual é esta personalidade? "A guitarra, para mim, é um instrumento que tem um som próprio. Tem os recursos nela mesma, na simplicidade do grave, médio e agudo", responde. Edgard não gosta muito de pedais e explica por que: "É difícil você ter um som original se usar muitos pedais. Eles têm de ser usados como auxílio. Se não for assim, acabam tirando o som que a guitarra tem. Eu exijo mais de mim para fazer um som legal. Não do equipamento".

Muita gente se assusta, mas Edgard é apaixonado por uma Giannini, sua "Giannola", como ele gosta de chamá-la. "Foi a guitarra em que consegui tirar os melhores timbres. Tem um som superlimitado e, por isso, tenho que ficar brigando com ela. Acredito que consegui um estilo graças a isto", lembra. *L.O.*

FICHA TÉCNICA

DOIS PEDAIS E UM VIOLÃO

Além da Giannini Supersonic, Edgard tem mais duas guitarras. A primeira é uma Rickenbacker: "Por ser semi-acústica, ela tem mais facilidade para dar microfonia. Quem usar mil pedais vai se dar mal. Vai apitar adoidado", avisa.

A segunda é uma Dolphin. "O timbre dela é diferente das outras, tem um som mais pesado, distorcido." O violão de doze cordas usado no LP do Ira! é um Hangstrom sueco.

Edgard tem dois amplificadores. Um Giannini True Reverb (cópia do Twin Reverb da Fender) e um Harmonic transistorizado artesanal. Ambos têm 50 watts. Nos shows, sempre usa amplificadores Twin ou Marshall. Os pedais são um Wah-wah Cry Baby, que Edgard usa para funk, e um Fuzz Face antigo "que tem um som bem sujo. Nenhum outro consegue a saturação que ele dá".

As cordas são italianas (Galli, numeração 010). Edgard não usa palhetas: "Meu irmão não usava e eu aprendi assim com ele".

RECEBA JÁ EM SUA CASA:

camisetas com estampas Hot adesivas importadas, super coloridas

NOVIDADE: Pode ser aplicada na frente ou nas costas da camiseta é só você escolher.

CAMISETAS

Nas cores: Vermelha - Verde - Amarela Branca e Preta.

Tamanhos P M G

GARANTIMOS TOTALMENTE A ENTREGA DOS PRODUTOS — REEMBOLSO POSTAL

CAMISETAS E ADESIVOS

Despachamos em 48 horas para todo o Brasil os pedidos acompanhados de cheque nominal.
O FRETE É GRÁTIS (NA COMPRA DE 5 OU MAIS CAMISETAS)

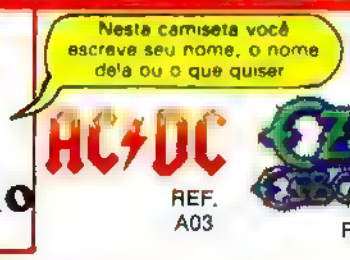
PROMOÇÃO ESPECIAL: Na compra de 3 camisetas você ganha 1 estampa com adesivos atrás à sua escolha.

Atenção, não nos responsabilizamos por eventuais atrasos do correio.

Passe a camiseta sempre pelo lado do avesso.

REF. A01

REF. A02



REF. A03

REF. A04

REF. A05

REF. A06

REF. A07

REF. A08

REF. A09

REF. A10

REF. A11

REF. A12

REF. A13

REF. A14

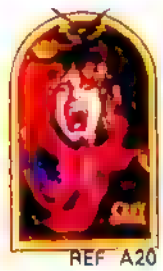
REF. A15

REF. A16

REF. A17

REF. A18

REF. A19


REF. A20

REF. A21

REF. A22

REF. A23

REF. A24

REF. A25

REF. A26

REF A27

REF A28

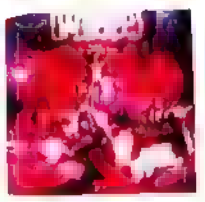
REF. A29

REF. A30

REF A31

REF. A32

REF. A34


REF. A35

REF. A36

REF A37

REF. A38

REF. A39

REF. A40

REF. A41

REF. A42

REF A43

REF. A44

REF A45

REF. A46

REF. A47

REF A48

REF. A49

PREÇOS:

CAMISETAS
Brancas: Cz$ 78,00
Coloridas: Cz$ 80,00
Super adesivos das estampas: Cz$ 40,00
Medidas: 25 x 25 cm, em média

SUPER ADESIVOS
(No mesmo tamanho das estampas)

Enviamos separadamente para serem aplicados em: Livros, cadernos, móveis, janelas ou onde você quiser.

Escolha a estampa, (ref.) na frente ou nas costas da camiseta, com cor, tam., e quantidade. Mande seu pedido em folha separada, bem legível com nome e endereço completos.

BI22 09

Desconto Especial de 10%
Mandando dentro da carta cheque nominal à Hot Hits, vale postal ou ordem de pagamento.

Mande com os descontos já calculados.

Envie pedido e cheque nominal para
Av. Santo Amaro, n.º 4438 - s/ 12 - CEP 04556 - SP Capital,
ou ordem de pagamento para a conta n° 58141-0
Ag. 0120 - Bradesco - SP

REF.	COR	TAM.	FRENTE	COSTAS

CARTAS SERVIÇOS

DISCOTECA TRÁGICA

Queria lembrar ao crítico Pepe Escobar (autor do comentário sobre o LP *The Doors* na seção Discoteca Básica - BIZZ 5), ou talvez informá-lo, que a faixa "Moonlight Drive" não consta neste LP e sim em *Strange Days*, também de 1967.

E mais: na letra de "The End", Morrison não se refere a nada relacionado com o "fim da escuridão e das luzes suaves". A frase que você traduziu diz na realidade: "The end of laughter and soft lies", ou seja, você confundiu "darkness" com "laughter" (riso) e "lights" com "lies" (mentiras).

Márcia Regina Bortolosso
(Campinas — SP)

Você tem toda a razão, Márcia. E aproveitando o embalo, José Augusto Lemos já se antecipa às cartinhas que vão chegar para apontar seu erro na Discoteca Básica de BIZZ 7, sobre The Velvet Underground & Nico: *não há sinal de Nico e seu "sotaque teutônico" na faixa "Sunday Morning". Quem canta é mesmo Lou Reed.*

JOY DIVISION/ NEW ORDER

Gostaria de conhecer a discografia do Joy Division e do New Order, e saber se algum desses títulos foi lançado no Brasil.

Sérgio Barbosa de Souza Neto
(Rio de Janeiro — RJ)

Discografia completa (sem os piratas) do Joy Division: 78 - An Ideal for Living *(EP lançado pelo selo Enigma, do próprio grupo); 79* - Unknown Pleasures *(LP/Factory)*, Transmission *(EP/Factory)*, Atmosphere *(EP/Sordide Sentimental); 80* - Love Will Tear Us Apart *(EP)*, Komakino/Incubation *(Flexidisc)*, Closer *(LP)*, She's Lost Control *(Mix); 81* - Still *(LP duplo)*.

Todos os discos relacionados a partir de 80 foram lançados pela gravadora independente Factory. A discografia se completa com a participação do Joy Division em três compilações: Short Circuit: Live at the Electric Circus *(78/Virgin)*, A Factory Sampler *(79/Factory) e* Earcom 2 *(79/Fast Records)*.

Discografia do New Order: 81 - Ceremony *(EP)*, Movement *(LP); 82* - Everything's Gone Green *(EP)*, Temptation *(EP)*, 81/82 Mini-Album *(EP que reúne os compactos); 83* - Power, Corruption & Lies *(LP); 84* - Blue Monday *(EP)*, Confusion *(EP)*, Murder *(EP)*, Thieves Like Us *(EP); 85* - Low Life *(LP)*, Perfect Kiss *(Mix)*, Sub Culture *(Mix)*.

Nenhum destes títulos foi lançado no Brasil.

ARNALDO BAPTISTA

Gostaria de saber o que o ex-Mutantes Arnaldo Baptista andou fazendo depois do LP *Loki?*

Hugo Menezes
(São Paulo — SP)

Depois do "acidente" sofrido por Arnaldo em 81, quando se jogou do segundo andar de uma clínica em São Paulo, ele se afastou do cenário musical. Entretanto, antes disso, Arnaldo tinha preparado o material do seu segundo LP solo, que viria a ser lançado no final de 81 pelo selo independente Baratos Afins, com o título de Singin' Alone. *A Baratos também relançou o* Loki?, *primeiro LP de Arnaldo e uma das raras obras-primas do rock nacional. Eis o endereço da Baratos Afins: Av. São João, 439, segundo andar, loja 314/318.*

MIX, SINGLES E COMPACTÕES

Estou escrevendo em nome de todos aqueles que curtem música mixada. Eu acho um completo desleixo as gravadoras não editarem no Brasil singles, disco-mixes e compactões de alguns grupos.

Alexandre B. Cunha
(Vinhedo — SP)

Parece que as gravadoras estão tomando jeito, e os primeiros resultados estão aí: mini-LPs (Smiths, Plebe Rude, Lado B, Zero), EPs (Pretenders, Roxy Music, B-52's) e os mixes ("Money For Nothing", "Shout", "Loiras Geladas"), chegando aos poucos nas lojas. O problema é a comercialização destes discos. Se as lojas estiverem vendendo mix a preço de LP, estamos roubados.

CRÍTICAS AO CRÍTICO

Tem um tal sr. J.A.L., ou seja, José Augusto Lemos, que não está com nada. É o único que consegue escrever mil abobrinhas em seus textos. (...) Você acha mesmo que a produção do último LP da Marina está *bem mais* careta? Que audácia! O bronzeado do Sting o incomoda muito? Que tal tirar umas férias, quem sabe se você pegar uma praia não fica com uma cor como a dele? (...) É isso aí, pessoal da BIZZ. Agora vai a solução para toda essa desgraça: deixem para o J.A.L. somente textos e críticas dos artistas em que a mãe natureza não colaborou na beleza, pois pinta uma bruta inveja dessa gente bonita (será coincidência?), e o J.A.L. se descontrola e só escreve asneiras...

Simone Aguiar Silva
(Campinas — SP)

O José Augusto Lemos responde: "É óbvio *que eu gostaria de passar pelo menos dois meses por ano tostando no Caribe. Quer casar comigo?"*

FANZINE

A Sociedade Brasileira dos Apreciadores do Deep Purple publica um fanzine chamado *Into the Purple*, que sem dúvida interessará aos fãs do Deep Purple & Cia. (Rainbow, Whitesnake, Gillan).

Caixa Postal 2960, CEP 01051, São Paulo - SP.

FÃ-CLUBES

Cyndi Lauper Cyndi Fan Club. A/C Roberta Maria Leite Porto. R. Dália, 315, apto. 202, CEP 50000. Recife - PE.

Billy Idol Rebel Idol Fan Club. R. Mário Hermes, 165, fundos, CEP 21550. Rio de Janeiro - RJ.

Wham! Fã-Clube da Banda Wham! R. Oswaldo Cruz, 367, CEP 17560. Vera Cruz - SP.

Kate Bush Fã-Clube de Kate Bush. A/C David "Bush" Araújo. R. das Orquídeas, 627, apto. 1, CEP 09700. São Bernardo do Campo - SP.

O QUE A ANTENA 1 TEM EM COMUM COM AS MAIS FAMOSAS EMISSORAS DO MUNDO?

Lançamentos simultâneos com todas estas emissoras.
Produção e mixagens exclusivas. Esquema de comerciais bem colocados e limitados por faixas horárias.
Programação musical selecionada com o que há de melhor, lá e aqui.
Antena Um - onde o comum é fora do comum.

ANTENA 1

SÃO PAULO • RIO • BELO HORIZONTE • CURITIBA • GOÂNIA • FLORIANÓPOLIS

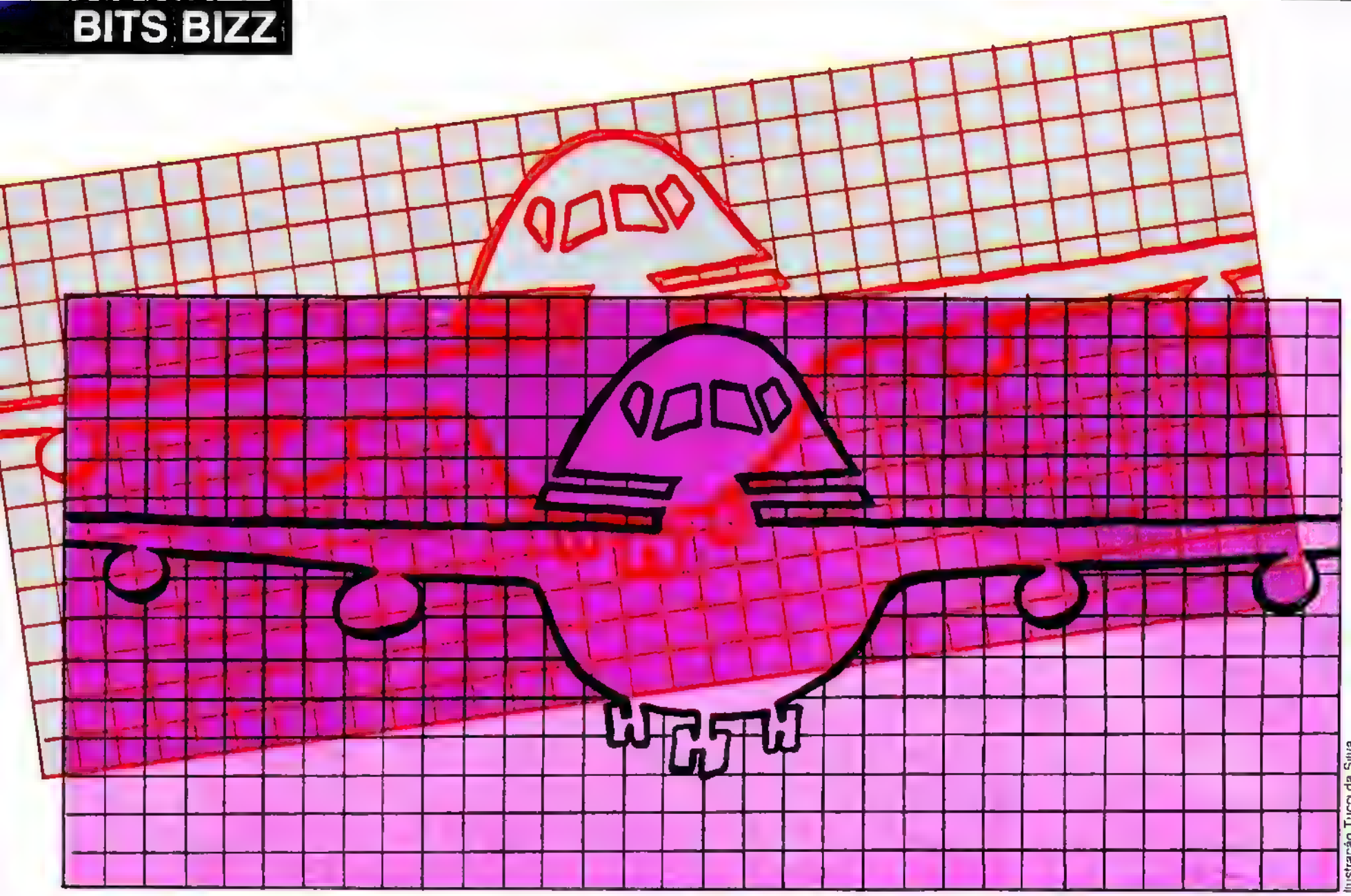


Ilustração Tuca da Silva

O computador entra no avião

[redacted] 1985 foi um verdadeiro desastre para a história da aviação comercial, com um número recorde de acidentes e mortes. Desastre para os acidentados e seus familiares, e para as companhias de seguros, que desembolsaram bilhões de dólares.

Parte deste recorde pode ser debitado à atividade cada vez mais tumultuada do controle de tráfego aéreo — a do pessoal que fica em terra controlando o que sobe, o que desce e o que permanece lá em cima. Mas, se depender de pesquisas avançadas desenvolvidas no momento nos Estados Unidos, os pilotos poderão absorver muitas dessas tarefas de controle, evitando sobrecargas em torres de aeroportos.

Essas pesquisas visam a construir cabines de comando que permitam à tripulação ter consciência maior do que se passa do lado de fora. Atualmente, a informação da posição de um avião aparece na cabine através de dois displays: um indicador de direção e um compasso, ambos bidimensionais. A altitude e as velocidades horizontal e vertical são indicadas por leitura numérica. Imagens de radar e infravermelho aparecem em telas separadas. Para ter uma posição real, o piloto precisa integrar mentalmente todas essas informações. Jogo duro.

No futuro, essas cabines vão ter o colorido e a tridimensionalidade de alguns fliperamas. Os sistemas vão combinar dados de sensores de bordo com mapas digitais para simular a paisagem em torno do avião. "Estradas" aéreas geradas por computador vão permitir ver se o avião está em curso, mesmo em curvas para a abordagem das pistas de aeroportos. Com isto, vai ser indiferente voar no escuro, em meio às nuvens ou com céu claro.

Alguns desses equipamentos de vôo poderão utilizar um dispositivo que começa a ganhar espaço no escritório: o sistema de reconhecimento de voz. A gente fala, o computador entende. É como funcionam as máquinas de escrever que são ativadas por voz *(voice activated typewriter)*.

Esses dispositivos juntam ondas sonoras, removem ruídos indesejáveis e comparam os sinais com padrões armazenados na memória do computador. Essa tecnologia, no entanto, serve por enquanto apenas a companhias que utilizam pequenos vocabulários em suas operações. E tem duas limitações básicas: uma delas é a dependência do usuário. O sistema reconhece apenas a voz da pessoa com a qual foi treinado. Uma segunda limitação está no fato de que as palavras precisam ser ditas individualmente. O sistema precisa dos espaços em branco para saber onde começa e termina uma palavra.

De acordo com a revista *High Technology*, uma das empresas mais à frente nesta tecnologia é a Kurzweill, a mesma que fabricou um supersintetizador atualmente utilizado, entre outros, por Stevie Wonder. Ela já tem uma máquina capaz de reconhecer mil palavras e está planejando outra para 15 mil.

DESCUBRA A MAGIA DO SURF

Hawaii Foto Alberto A Sodré

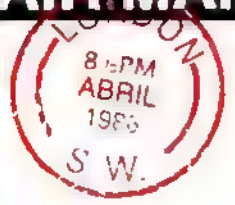
O CONTATO É DIRETO. A FORÇA É IMENSA. A ADRENALINA É TOTAL. TUDO É E ESTÁ EM MOVIMENTO. CADA MOMENTO É ÚNICO, ESPECIAL. SERÁ QUE DEU PARA EXPLICAR POR QUE O SURF É O ESPORTE QUE MAIS CRESCE NO MUNDO?

S U R F É F L U I R

REVISTA FLUIR

Cobertura completa do surf brasileiro e internacional em reportagens com textos e fotos chocantes, e ainda, cut backs sonoros para deixar você em dia com o som da galera! Deixe fluir essa energia!

AIR MAIL



Saiu um dos grandes livros sobre o sonho americano publicados nesses últimos anos: *Cadillac*, com 88 fotos de Stephen Salmieri e texto de Owen Edwards (Rizzoli, 50 dólares). Salmieri ficou uma década andando pelos EUA atrás de honoráveis Cadillacs. É um livro religioso em seu fervor. Os Cadillacs são fotografados como ícones patrióticos ou como a graça divina manifesta na terra (e obsolescente a cada ano). Muitos parecem relíquias em uma antiga e desbotada paisagem em technicolor. As estrelas, claro, são os monstros rabos-de-peixe de 1948 a 1959. Não custa lembrar que no interior de um Cadillac experimentava-se o luxo incomparável da segurança dentro da rapidez da América. Pena que essa época acabou. É um livro mortal para nostálgicos.

[redacted]

Foto Masser Liaison Gamma

Depois de *Chorus Line* — direção de Richard "Gandhi" Attenborough —, mais um fracasso do diretor inglês nos EUA. Trata-se de Hugh Hudson em *Revolution* — superprodução inglesa sobre a guerra de independência americana. O filme é um saco, com **Al Pacino**, cenas de batalha e tudo. Só se salva, claro, a deusa **Nastassja Kinski**. **Annie Lennox**, a andrógina dominatrix dos Eurythmics, também aparece. E como. Ela faz o papel de Miss Liberty. A Estátua da Liberdade morreu de vergonha, embaixo das suas cobertas (reabre gloriosa dia 3 de julho) Annie Lennox, de novo (?), só tem a troca de look Antes, ia na linha Big Brother andrógina. Depois, passou para Santa Teresa d'Ávila paradisíaca. Agora, ficou meio hippie. Que tédio.

Godard foi ao Japão rodar uns comerciais para a BBLY — uma grande marca de roupas. Na volta, declarou: "Eles são gentis por lá. Rodei dois ou três planos, nem sei bem o que, nem me lembro, nao sei para quem, ou por quê..."

O brinquedinho supremo dos viciados em tecnologia no momento chama-se Omnibot. É um robozinho fabricado pela Tommy. Ele vem com cassete, memória programável para uma semana, anda para cima e para baixo (por controle-remoto), fala e, é claro, tem um relógio digital. É duro na queda, muita porrada. Custa pouco mais de 200 dolares — e esta sim é que e a porrada. Outros robozinhos no mercado, como o Chatbot e o Spotbot, tambem podem ser treinados para fazer as mesmas bobagens. E a preço mais camarada.

A guerra do Vietnã — ou a queda do Império nas selvas da Ásia Oriental — vai permanecer sempre como um dos grandes acontecimentos da História Moderna. E como o grande pesadelo americano do século 20. O cinema já tentou enfrentá-lo em *The Deer Hunter* — uma análise centrada no fascismo —, *Apocalypse Now* — uma análise de raízes literárias e antropológicas sobre o horror — ou *Rambo 2* — uma análise da vitória dos músculos retesados de Rocky Stallone no segundo round da guerra. Agora é a vez de **Stanley Kubrick**, em *Full Metal Jacket*. A filmagem está andando a leste de Londres — um Vietnã reconstruído. A expectativa é enorme. Kubrick, que não filma desde 1980 *(O Iluminado)*, é autor de um dos grandes filmes pré-psicose de guerra da história do cinema, *Dr. Fantástico* (1963). Sua dissecação vietnamita é baseada no livro de um ex-combatente, *The Short Timers*. A psique americana que se cuide, porque vai rolar muito napalm das Panavision Kubrickianas.

Foto Warner Bros

Por Pepe Escobar

VIOPIATROMBOFONE

Se este brinquedo existisse, estaria na 3ª ABRIM.

A ABRIM - Feira Nacional de Brinquedos e Instrumentos Musicais é o maior acontecimento do setor, no Brasil.

Nela, os fabricantes de instrumentos musicais apresentam as suas últimas novidades exclusivamente para lojistas e gente do ramo.

Venha visitar a 3ª ABRIM. Temos certeza que você nunca viu tantos lançamentos reunidos de uma só vez.

Data: 13 a 17 de maio de 1986 Hora: das 9:00 às 18:00 horas

Local: Pavilhão da Bienal - Ibirapuera - São Paulo/SP

abrim

3ª FEIRA NACIONAL DE BRINQUEDOS E INSTRUMENTOS MUSICAIS

O ROCK DE TODO O BRASIL VAI SE ENCONTRAR NO JUIZ DE FORA

Os melhores conjuntos de rock do Brasil e os seus mais novos valores juntos no movimento mais importante do rock brasileiro, com o som chocante dos anos 90!

FESTIVAL!

JUIZ DE FORA — 17 DE MAIO

Realização

APOIO CULTURAL FUNALFA

PATROCÍNIO MALT 90 CERVEJA PILSEN

Foto Estúdio Abril

FRANK ZAPPA & THE MOTHERS OF INVENTION *WE'RE ONLY IN IT FOR THE MONEY (1968)*

Não é exagero considerar indispensáveis a qualquer discoteca bem informada praticamente *todos* os mais de 40 discos lançados por Frank Zappa em seus vinte anos de carreira. Mas o LP básico para se entrar em contato com o universo de Zappa talvez seja mesmo esta obra-prima de experimentalismo e humor. A começar pelo nome, *Nós Só Estamos Nessa pela Grana*, que ironiza a motivação da maior parte das pessoas que já se envolveram de alguma forma com rock'n'roll.

O deboche continua na capa, parodiando *Sergeant Pepper's Lonely Hearts Club Band*, lançado pouco antes. Conta a lenda que Paul McCartney ficou tão indignado com a brincadeira que acionou seus advogados, processou Zappa e atrasou em alguns meses o lançamento de *We're Only in It...* Outra extravagância zappiana foi convidar Eric Clapton, na época o "deus da guitarra", para participar do disco. Ele aceitou e, ao chegar ao estúdio, ficou muito surpreso ao ser informado de que não precisaria tocar guitarra. Em vez disso, Clapton aparece simplesmente murmurando algumas frases quase inaudíveis, sepultadas na mixagem final.

Um comentário na contracapa anuncia que "toda esta monstruosidade foi concebida e executada por Frank Zappa, como resultado de algumas desagradáveis premonições sentidas entre agosto e outubro de 1967". Com as antenas ligadíssimas, Zappa sustenta, em plena explosão do movimento hippie, que toda aquela história de flor, paz e amor não passava de papo furado de uma geração anestesiada e inepta. O personagem de uma das canções, "Flower Punk", é um garoto próximo da debilidade mental, que sonha ir a São Francisco para se juntar a uma banda psicodélica. No final da faixa, um toque de sarcasmo: "Neste exato momento/ 2 700 microgramas de STP (um alucinógeno) que FLOWER PUNK tomou pouco antes de iniciar a canção/ Começam a FAZER EFEITO/ Diante de seus ouvidos a cabeça dele explode/ Deixando um bizarro resíduo de áudio/ Espalhado sobre seu toca-discos adolescente".

Referências "eruditas" não faltam. Além de citações do compositor de vanguarda Edgard Varese, o álbum inclui também um "modo de usar", onde Zappa recomenda expressamente: "Não escute este disco sem antes ter lido *A Colônia Penal*, de Franz Kafka". O clima de contestação política, que atingiria o ponto máximo de efervescência nos meses seguintes, é refletido em "Are You Hang Up?", que descreve os Estados Unidos como um campo de concentração disfarçado, sob controle da polícia e dos nazistas eleitos para o Congresso.

Mas tudo isso é de menor importância diante da impressionante intensidade sonora de *We're Only in It for the Money*, o terceiro LP dos Mothers of Invention, editado no início de 1968. O grupo era formado então por Zappa (composições, vocais, guitarra, piano e edição de fitas), mais Billy Mundi (bateria e vocais), Roy Estrada (baixo e vocais), Bunk Gardener (instrumentos de sopro), Jimmy Carl Black (bateria, trumpete e vocais) e Motorhead Sherwood (sax soprano e barítono). Uma surpreendente mistura de surf music, rock dos anos 50, jazz, rhythm & blues e *musique concrète*, além de vinhetas malucas onde mulheres se agridem via telefone e sons de instrumentos acústicos são transformados através de engenhosos truques de estúdio, até ficarem irreconhecíveis.

We're Only in It for the Money não foi ainda lançado oficialmente no Brasil, embora uma versão nacional pirata tenha circulado alguns anos atrás. Ela é facilmente identificável pelas fotos da capa, muito desbotadas, e pela péssima qualidade de som. Mesmo assim, se por acaso você encontrar este disco por aí, não marque bobeira.

Roberto Navarro

Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Roberto Civita, Edgard de Silvio Faria, Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto P. Moreira, Plácido Lorgo, Raymond Cohen, Ricardo A. Fischer, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

BIZZ

Diretor-Gerente: Angelo Rossi

Diretor de Grupo: Carlos Arruda
REDAÇÃO
Chefe de Redação: José Eduardo Mendonça
Editor: José Emílio Rondeau
Consultor Especial: José Augusto Lemos
Secretário de Redação: Roberto Wagner Pereira Perucci
Repórter: Luisa de Oliveira
Assistente de Redação: Sônia Maia
Chefe de Arte: Cristina Carabrava Arruda, **Chefe de Paginação:** Rodolfo Tucci, **Diagramador:** Cleber V. Garcia
Produtor de Texto: Jorge Toth
Atendimento ao Leitor: César Garcia Lima
Assistente de Promoções: Ana Lucia D'Elion
Colaboradores - Texto: Alex Antunes, Alexandre Dines, André Vogt, Ana Maria Bahiana, Antonio Carlos Miguel, Bia Abramo, Carla Guillo, Carmen Pereira, Jamari França, Lauro Machado Coelho, Leopoldo Rey, Marco Antônio de Menezes (New York), Pepe Escobar (Londres), Silvano Michelino (Paris), Thomas Pappon, Tom Leão, **Fotos:** Claudia Dantas, Luis Gomes, Mauricio Valladares, Rui Mendes

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Miriam Milion, **Escritórios - Milão:** Laura Censi, International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone 02-54-56331 e 54 56212 20122, Milano, Telex 331585 e 332809 **Nova York:** Odilio Liceti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York N.Y. 10165, Telex: 237670, Phone: (212) 5990/5993; **Paris:** Pedro de Souza, 33, av. Champs Elysées, 2º Bureaux 213 bis 214, Paris 75008, Phone: 42 25 58 85, Telex ABRILPA 660731f
Departamento de Documentação - Gerente: Anita Rojas Barreto
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

Gerente Comercial: Sandra Cameliet
Gerente de Publicidade: Carlos Alberto F. de Araújo
Representantes: Ricardo Corte Real, Marcia A. de Andrade
Coordenadora de Publicidade: Rosângela Garcia de Souza Lima
Rio - Gerente: Getulio T. Batista, **Representante:** Raimundo Maia
Belo Horizonte: Valter Cruz Gonçalves
Brasília: Gilberto Amaral de Sá
Curitiba: Ângelo A. Costi
Florianópolis: Geraldo Nilson de Azevedo
Fortaleza: Aloysio Canetti Filho
Porto Alegre: Elcenho Engel
Recife: Edmilson R. Oliveira
Salvador: Fernando Loureiro
Gerente de Anuncios para Terceiros: Vitório Castaroli Filho
Diretor de Propaganda: Roberto Pedroso
Diretor Administrativo: Pedro Frazão

EDITORA ABRIL
Diretor Editorial Adjunto: Alberto Dines
Diretor de Marketing Publicitário: Julio Cosi Jr.
Gerente de Promoção e Venda de Espaço: Haydée Gomes Guersoni
Diretora de Pesquisa e Análise de Mercado: Sonia Novinsky
Diretor Adjunto de Circulação: Roberto Galvane
Diretor do Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor do Escritório Rio de Janeiro: Sebastião Martins
Diretor de Atendimento ao Governo e Escritórios Regionais: Dreyfus Soares

Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

Bizz é uma publicação da Editora Abril S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Gerardo Fialho Gomes, 61, Brooklin, CEP 04575, tel. (011) 545-8122, Telex (011) 23227, 23322 e 24134, Caixa Postal 2372, Telegramas: EditabrilAbr press. **Administração:** r. Piaguaretê, 213, CEP 02515, tel. (011) 858-4511. **Escritórios - Belo Horizonte:** r. Aimorés, 388, 2º andar, salas 201 a 208, CEP 30000, tel. (031) 224-4855, Telex (031) 1085. **Brasília:** SCS, Quadra 1, Bloco 1, nº 30, Edifício Central, 10º, 12º e 13º andares, CEP 70304, tel. (061) 224-9150, Telex (061) 1464, Telegramas: Abrilpress. **Curitiba:** r. Fernandes de Barros, 491, 2º andar, salas 05 e 06, CEP 80000, tel. (041) 262-8833, Telex (041) 5278. **Florianópolis:** av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, sala 101, CEP 88000, tel. (0482) 22-7826. **Fortaleza:** av. Santos Dumont, 3060, salas 516 e 518, CEP 60000, tel. (085) 224-0410, Telex (085) 1607. **Porto Alegre:** av. Getulio Vargas, 774, 3º andar, salas 301 a 308, CEP 90000, tel. (0512) 33-2899, Telex (051) 1092, Telegramas: Abrilpress. **Recife:** av. Dantas Barreto, 1186, 9º andar, salas 903 e 904, CEP 50000, tel. (081) 224-0977, Telex (081) 1184. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8º ao 11º andares, CEP 22290, tel. (021) 295-5282, Telex (021) 22674, Telegramas: Editabril-Abrilpress. **Salvador:** r. Itabuna, 304, CEP 40000, tel. (071) 247-3999, Telex (071) 1180. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Paul Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 03. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das revistas Abril de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela Editora Nova Cultural Ltda., São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Triciclo

Triway

By MOTOWAY

UM VERDADEIRO ATC NACIONAL, AGORA TOTALMENTE REVERSÍVEL

TRANSFORMAMOS TAMBÉM MOTOS USADAS

MECÂNICA HONDA CG 125

PRONTA ENTREGA

A MELHOR OPÇÃO, AO SEU ALCANCE, PARA O LAZER E O TRABALHO, COM CONFORTO, AGILIDADE, SEGURANÇA E ECONOMIA.

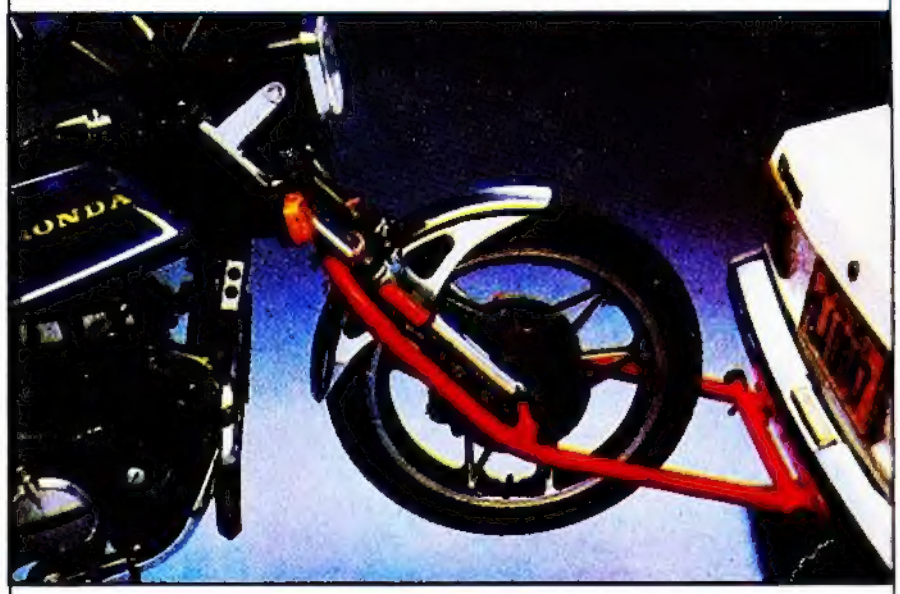
REPRESENTANTES EM SÃO PAULO - SP

SHOW ROOM CENTER
Av. dos Bandeirantes, 5254
Fone: (011) 579-7057

MALIBU MINICAR
Av. Juscelino Kubitschek, 1610
Fone: (011) 210-1950

MOTOWAY HONDA
R. Morais Barros, 1079
Piracicaba - SP - Cep: 13400
Fone: (0194) 34-1255

TRANSMOTO O REBOQUE QUE REVOLUCIONOU O TRANSPORTE DE MOTO!



- Transmoto leva sua moto, inclusive 450 cc economicamente
- Total segurança e proteção • Fabricado em aço reforçado • Ideal para trânsito urbano e estradas • Dispensa TRU e emplacamento
- Não ocupa espaço (cabe no porta-malas).

ANDORINHA

IND E COM DE PEÇAS USINADAS EM GERAL LTDA

Rua Baumam, 1149 Tels. (011) 832 5439 e 260 8340 CEP 05318 V. Hamburguesa SP
Representantes
Rio MOTOMANIA Tel (021) 257 7789

Mande cheque visado ou ordem de pagamento Banco Bamerindus Ag 307 CEASA Conta 8808 88 Despachamos para todo o Brasil

VISTA-SE DE BRASIL DESDE JÁ COM O PACOTÃO MÉXICO 86.

PEDINDO AGORA O UNIFORME COMPLETO DA SELEÇÃO BRASILEIRA, PARA ADULTOS E CRIANÇAS. ACOMPANHA UMA BANDEIRA E UMA CORNETA PARA VOCÊ VIVER TODAS AS EMOÇÕES DA COPA DO MUNDO.

COMPONENTES DO PACOTÃO MÉXICO 86:

01 CAMISETA DA SELEÇÃO BRASILEIRA
(ESCOLHA O Nº DO JOGADOR DE SUA PREFERÊNCIA).
01 CALÇÃO AZUL
01 PAR DE MEIAS
01 BANDEIRA PLASTIFICADA
01 CORNETA - TROMBONETE

TAMANHOS	PREÇOS P/ PED. C/ CHEQUE OU V. POSTAL
2-4-6 ANOS	Cz$ 270,00
8-10-12-14 ANOS	Cz$ 300,00
ADULTOS: P-M-G	Cz$ 330,00

DESCONTO ESPECIAL DE 10%.
MANDANDO DENTRO DA CARTA CHEQUE NOMINAL À HOT HITS. VALE POSTAL OU ORDEM DE PAGAMENTO.

MANDE COM OS DESCONTOS JÁ CALCULADOS.

ATENÇÃO: NÃO VENDEMOS SEPARADAMENTE
ESTOQUE LIMITADO

TAM.	Nº DO JOGADOR NAS COSTAS	QUANTIDADE

FRETE GRÁTIS PARA PEDIDOS ACIMA DE DOIS PACOTÕES MÉXICO 86.

ENVIE SEU PEDIDO ACOMPANHADO DE CHEQUE NOMINAL À HOT HITS.
NOVO ENDEREÇO: AV. SANTO AMARO, 4438 - SALA 12 - CEP. 04556
S.P. - CAPITAL.
OU ORDEM DE PGTO. P/CONTA Nº 58-141-0
AG.: 0120 BRADESCO SP.

Claudia

Foto Geraldo Luiz Gomes

PARA ROMPER O CERCO SEM ROMPER O SACO

"Os oportunistas que sempre mandaram no mercado de arte no Brasil entendem cada vez menos o que está acontecendo"

Empresariar um grupo de rock de vanguarda é como dirigir um carro-bomba desgovernado em plena avenida Paulista. Nunca se sabe aonde ele vai chegar. Pior, nem se sabe *se* vai chegar, e todos os tripulantes correm altos riscos. O principal problema é que o próprio termo *vanguarda* é uma faca de dois gumes, um estigma imposto pela selvageria mercadológica. *Vanguarda*, segundo os padrões do hit-pop, é por princípio não-vendável. E então deveríamos nos conformar em ter sempre um público restrito, de "conhecedores" elitizados.

Mas isso é contraditório com o próprio espírito do rock — banda nenhuma vai gastar seu gás tocando sempre para meia dúzia de iluminados. Mas o mais engraçado é ver como os próprios guardiões da mediocridade estão embaraçados com os mitos que sustentaram até hoje. Não é à toa — como continuar com estigmas desse porte se todas as fórmulas blitz-kids-abobrinhas já estão dando sinais graves de exaustão? No mercado internacional já se repisam os mesmos clichês pós-punk há mais de três anos. Aqui, nem isso — o que já era clichê foi diluído e deglutido até restar muito pouco de vigor e autenticidade.

E aí começa o inesperado flerte com a "vanguarda", com os "radicais". É preciso descobrir se o prestígio que eles têm em determinados círculos pode ser transformado em sucesso de grande público, quer dizer, em dinheiro... Também é aí que começam os *nossos* problemas. As questões banais que nos perturbavam (como gravar uma *demotape* decente para divulgação; como manter um local fixo de ensaios; e até como reunir uma banda cujos membros estudam ou têm que ter outros empregos, nos horários mais disparatados, para se sustentar) vão se multiplicar por mil. Por que o fogo-cruzado contra quem ousa escapar das linhas da mediocridade começa no *big boss* da gravadora e termina no operador da mesa de som. É o cabo-de-guerra entre quem pode mais do que quer (eles) e quem quer muito mais do que pode. O que vai dar? Sei lá — estamos arriscando.

O que realmente importa, em tudo isso, é que o maior interessado — o público — está cada vez mais exigente. O padrão para shows e discos, no Brasil, está cada vez mais alto. E se nem todo mundo pode exibir uma produção milionária, tem que compensar com muita dignidade. O que faz que apareçam novos profissionais — os oportunistas que sempre mandaram no mercado de arte no Brasil entendem cada vez menos o que está acontecendo. É essa a minha contribuição pessoal, primeiro como empresária das Mercenárias e agora com o Akira S e as Garotas que Erraram: levar o carro-bomba para que ele exploda no lugar certo.

MÊS QUE VEM NA BIZZ

TEM: ENTREVISTA EXCLUSIVA COM *ADAM CLAYTON* (U2) A FÚRIA DO PLEBE RUDE E O *FRICOTE* QUE VEM DA BAHIA

Os ingleses estão chegando

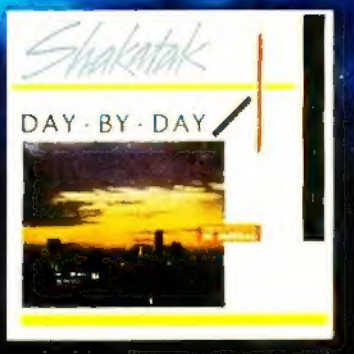
E depois do Dire Straits, Tears For Fears, The Cure e Elton John, eles continuam desembarcando sucessos nos portos daqui.

Fine Young Cannibals

Lloyd Cole

Double

Level 42



Shakatak

PolyGram Discos

Sujou!

DIRTY WORK

O novo disco dos Rolling Stones em sua nova gravadora.

Produzido por:
Steve Lillywhite (U2, Psychedelic Furs)
e The Glimmer Twins.

Participações especiais de:
Bobby Womack
Jimmy Cliff
Jimmy Page
Don Covay
Tom Waits
Janis Pendarvis e
Dolette McDonald
(da banda do Sting)
Patti Scialfa
(da banda do Bruce Springsteen).

CBS